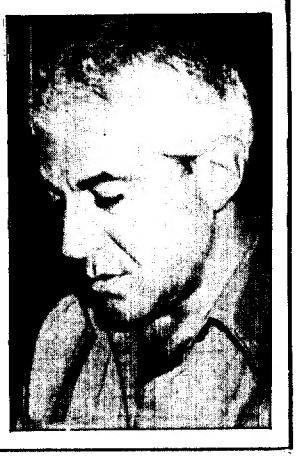
Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 743 Quinta-feira, 25 de Abril de 1985 Preço 30$00

Otelo dirige mensagem à vigília de Caxias



Otelo Saraiva de Carvalho dirigiu uma mensagem a todos aqueles que ontem, em Caxias, promoveram uma vigília de solidariedade com aquele «capitão» de Abril.

Na pág. 4 o «DL» publica o texto integral dessa mensagem.

Freitas só quer minuto e meio amanhã

Freitas do Amaral anunciará amanhã, durante um minuto e meio, a sua candidatura à Presidência da República, de acordo com uma informação veiculada pela agência NP. «A declaração será muito breve e Freitas do Amaral, que levará cerca de minuto e meio a lê-la, retirar-se-á imediatamente a seguir, não respondendo a quaisquer perguntas» — garantiu uma das personalidades que integram a sua Comissão Nacional de Candidatura. De acordo com essa fonte, o ex-dirigente centrista limitar-se-á aos objectivos da sua candidatura, ou seja, «porque o faz». Repostas a todas as perguntas, só quando divulgar o programa de candidatura. Freitas do Amaral tem hoje destaque no «DL» com as cartas que endereçou a Marcelo Caetano, e que inserimos na **página 9.**

Onze anos de vida

Garcia dos Santos ao 'DL'

É da maior importância o debate sobre as Forças Armadas

«É a primeira vez em Portugal que se organiza um debate com tanta profundidade sobre este tema» — diz-nos o general Garcia dos Santos. **Pág. 8**

escolha as suas férias

e viaje pelo sistema poligrupo

Sem entrada e sem juros em 12, 18 ou 24 meses

com a colaboração da TAP AIR PORTUGAL

poligrupo

Lisboa - R Sousa Lopes, Lote MNO - 1600 LISBOA - Tels. 76 51 17 - 77 21 67 - 87
Porto - Avenida da Boavista, 1203 - 4.º - 4100 PORTO - Tels. 66 86 85 - 66 86 05
Coimbra - Rua Simões de Castro, 170 - 1.º D - 3000 COIMBRA - Tel. 2 83 95

Inscreva-se na POLIGRUPO ou nas Agências de Viagens, SPACE, R. N. TOURS, MUNDIAL TURISMO, WAGONS-LITS, UNITURISMO, PANEUROPA e HAVAS.

ROTEIRO DAS CELEBRAÇÕES

Mais uma achega ao roteiro das celebrações do 25 de Abril, que temos vindo a publicar nas nossas últimas edições, dando conta da imensidade de iniciativas que saúdam o 11.º aniversário da revolução:

Hoje

Actividades Desportivas

● A freguesia de Aljustrel começa as comemorações deste dia com duas corridas, ambas com início marcado para as 10 horas, e com a designação de **Corrida 25 de Abril,** e com partidas da Av. 1.º de Maio e Jungueiros. Segue-se, pelas 11 horas, um encontro de **Hóquei em Patins** entre o Sport Mineiro e o Desportivo de Oeiras, a contar para o Campeonato Nacional de Juniores. Durante a tarde, a população daquela freguesia pode assistir ao **Desfile Motorizado** do Corpo Activo de Bombeiros, na Av. 1.º de Maio, às 14 horas e 45 e, um quarto de hora mais tarde, ver a **Simultânea de Xadrez,** no Jardim 25 de Abril. O **Futebol** tem encontro marcado para as 16 horas, num jogo do Campeonato Nacional da 3.ª Divisão, entre as equipas Sport Mineiro e Moitense. O **Torneio de Bilhar** «25 de Abril», organizado pelo Sindicato Mineiro, tem início às 19 horas e 30.

● A Associação 25 de Abril promove hoje a **2.ª Meia Maratona 25 de Abril,** às 9 horas e 30, com partida junto ao Forte do Bom Sucesso (sede daquela Associação) e os atletas deslocar-se-ão no sentido de Alcântara, Av. 24 de Julho, Santos, Cais do Sodré, Rua do Arsenal, Praça do Comércio, Campo das Cebolas, com regresso ao local de partida, onde está instalada a meta.

● Em Setúbal, na freguesia de S. Sebastião, mais concretamente em Pontes, realiza-se uma prova de **Atletismo** para todos os escalões, organizada pela CHE Força de Todos. Às 9 horas, na Av. Bento Jesus Caraça, tem lugar outra prova da mesma modalidade, mas só para escalões jovens. A iniciativa é promovida pelo Grupo Desportivo Independente.

● Em Vendas Novas, as actividades desportivas que integram as comemorações do 25 de Abril iniciam-se às 9 horas, com o **Torneio de Ténis de Mesa** e provas de **Atletismo** para ambos os sexos, bem como de **Ciclismo.** Durante a tarde realizam-se os **Torneios de Chinquilho** e de **Tiro ao Alvo,** às 14 horas, e meia hora mais tarde têm lugar as finais dos Torneios de **Malha, Sueca, Xadrês e Damas.** Pelas 15 horas inicia-se o jogo popular **Pau de Sebo.** Os Torneios de Futebol de Salão infantil e feminino começam às 17 horas.

Teatros

● **O TET — Teatro de Ensaio Transmontano,** inicia hoje, em Vila Real, a representação da peça «Os Muros de Verona». A estreia do espectáculo será animada com uma conversa-debate subordinada ao tema «Teatro Antes e Depois do 25 de Abril».

● Nas instalações do Teatro da Barraca, o **Máscara Teatro Grupo** leva à cena a peça intitulada «Vaivém Cantante», às 21 horas e 45. O espectáculo é o quinto trabalho deste grupo e insere-se num tipo de teatro de vanguarda, assente na procura de novas formas de expressão.

Exposições

● A Câmara Municipal de Oeiras promove, no Palácio do Egipto, das 14 às 19 horas, uma **exposição de instrumentos musicais.**

● No âmbito das comemorações do Dia da Liberdade, a mesma Câmara mantém patente ao público, até 6 de Maio, uma **feira de artesanato,** no Jardim de Algés.

● Inaugura-se hoje uma exposição colectiva de pintura e desenho, de **Pedro St'Aubyn Mascarenhas, João Pereira e António Ratinho,** no Espaço Cultural, Rua Peixoto Correia, em Sesimbra.

● A Galeria Gilde, em Guimarães, inaugura hoje, pelas 16 horas, uma Exposição Retrospectiva (1936-1982) de **Julio.** Durante a sessão será feita uma leitura de poemas de Saul Dias (Julio).

● A freguesia de Aljustrel tem marcada para as 9 horas e 30 a abertura da sua **exposição de pintura,** nos Paços do Concelho.

Música

● A Câmara Municipal de Oeiras promove, às zero horas de hoje, a passagem de música relacionada com a efeméride, bem como o lançamento de foguetes e morteiros.

● Por iniciativa da mesma Câmara, a **fanfarra dos Bombeiros de Linda-a-Pastora** actua esta manhã, em diversos locais do concelho.

● O conjunto musical **Shark's** anima o baile popular de Aljustrel, que tem início às 00.30 horas de hoje. À noite, pelas 21.30, realiza-se naquela freguesia uma noite cultural, no Cine Oriental, com a participação dos grupos **Nova Aurora, Coral dos Mineiros, Banda Musical** e **Teatro de Intervenção de Beja.**

● Com a actuação do Rancho Folclórico da Ladeira, do Grupo de Música Popular Portuguesa «Arco da Velha», e do conjunto Trópico, continuam as comemorações do 25 de Abril em **Vendas Novas**.

● A freguesia de S. Sebastião anima a sua tarde às 15 horas, com um espectáculo musical que conta com a participação do **Rancho Folclórico das Praias do Sado,** o **Grupo Música e Saudade** e o grupo **Cantares,** no Largo Manuel Graça. À mesma hora, mas nos Olhos de Água, actua o **Rancho Folclórico Danças e Cantares.**

● A **Banda de Música de Castro Marim** desfila às 8.15 horas, em Vila Real de Santo António. As comemorações continuam às 16 horas, com um espectáculo na Praça Marquês de Pombal, com a participação de **Carlos Alberto Moniz** e um grupo de músicos.

● Às 9 horas, o conjunto **Fuso e Roca** actua num espectáculo em Fanqueiro, Amora-Seixal.

● Em Paio Pires, as bandas **Sociedade Musical 5 de Outubro** e **Sociedade União Arrentelense** actuam nas inaugurações previstas pela Câmara Municipal do Seixal, desfilando desde o Largo 1.º de Maio até às instalações da Sociedade Musical 5 de Outubro.

● Um espectáculo musical com **Luísa Basto** e **João Fernando** e o grupo musical **Alcatejo** anima a tarde de hoje, nas instalações da Sociedade Recreativa Atalaiense, em Atalia, no Montijo.

● Na Praça da Liberdade, em Coruche, realiza-se um espectáculo de Música Popular Portuguesa às 21.30 horas, com os grupos **Som da Terra** e o **Grupo Jornada.**

Actividades infantis

● Uma exposição colectiva de desenho e pintura infantil tem lugar hoje, às 14 horas, na Praça da República, no Montijo.

● **Desenho, pintura e jogos,** no Largo da Misericórdia, anima a manhã das crianças da freguesia de Santa Maria da Graça, em Setúbal.

● Por iniciativa da Câmara Municipal de Oeiras, realizam-se actividades de **artes plásticas com crianças**, das 10 horas às 12, no Bairro 25 de Abril, em Linda-a-Velha, e na Sociedade de Educação e Recreio «Os Unidos de Leceia».

● Às 14 horas, as crianças de **Vendas Novas,** com menos de 12 anos, têm à sua disposição tintas e pincéis para darem asas à imaginação.

● O Externato de Santa Joana, com o apoio do Movimento Democrático das Mulheres, Movimento Ecologista Português e Grupo Desportivo de Sesimbra, promove uma **manhã infantil** com atletismo, modelagem, pintura e jogos, no Campo Vila Amália, em Sesimbra.

● O **Grupo Infantil da Dança Popular de Aldeia do Meco** e o Rancho Folclórico Infantil da Casa do Povo de Corroios participam no espectáculo que se realiza pelas 15 horas, no Largo do Município.

● No Zambujal, às 10.30 horas, decorre uma sessão de **cinema infantil.**

● A Câmara Municipal de Coruche promove um concurso de **pesca infantil,** em Açude de Agolada, às 9.30 horas.

● Na freguesia do Montijo na sede do AMURT, encontra-se patente ao público desde hoje e até ao dia 30 do corrente mês, uma exposição de **Poesia Infantil**, subordinada ao tema «O 25 de Abril».

● Em Afonsoeiro, no Montijo, realiza-se um **espectáculo infantil,** na Sociedade Recreativa Progresso Afonsoeirense, com palhaços, desenhos animados, pintura e desenho sobre o tema «25 de Abril».

● Em Monte Gordo, às 10 horas, os **alunos das Escolas Primárias concentram-se, no átrio das escolas, para uma manifestação plástica livre, alusiva ao 25 de Abril.**

Concentrações

● Na freguesia de Santiago, em Sesimbra, realiza-se, pelas 10 horas, uma **sessão solene** que conta com a presença da Comissão de Honra das Comemorações do 25 de Abril do concelho de Sesimbra e dos convidados da Associação 25 de Abril. Um pouco mais tarde é inaugurado o Monumento ao 25 de Abril, com a actuação da Fanfarra dos Bombeiros e Guarda de Honra, da Banda da Sociedade Musical Sesimbrense e da Escola de Música da ACRUTZ. Uma romagem ao cemitério em homenagem aos democratas sesimbrenses já falecidos tem lugar às 11 horas. Pelas 12 horas procede-se ao descerramento de placas toponímicas no Largo João Ramada Crespo (onde vai ser implantado o Monumento ao 25 de Abril) no Largo António Baptista, na Rua da Juventude e na Rua Maria D' Arrábida.

● Várias intervenções políticas alusivas ao 25 de Abril têm lugar esta tarde em Coruche, pelas 16.00 h.

● A URAP depõe, esta manhã, pelas 9 horas, um ramo de flores junto à placa, do Largo dos Resistentes Antifascistas Portugueses, na Torre da Marinha.

● A **nova sede da Junta de Freguesia de S. Sebastião,** em Setúbal, inaugura-se hoje, às 11 horas, com a Fanfarra de Bombeiros, na Av. Bento Jesus Caraça. Um pouco mais tarde procede-se ao descerramento da lápide do Largo Manuel Graça.

● Integrada nas comemorações do 11.º aniversário do 25 de Abril, a URAP promove, pelas 11 horas, no Largo Soares dos Reis, junto ao edifício da ex-PIDE, uma cerimónia de homenagem à resistência antifascista.

● O **Estado-Maior-General das Forças Armadas** comemora o 25 de Abril com várias iniciativas, entre elas a alocução, às 11.20 horas, do chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas e, às 11.30 horas, um desfile em que tomam parte blocos de bandeiras e de guiões, representações dos estabelecimentos militares do ensino (Colégio Militar e ITM dos Pupilos do Exército), da Escola Naval, Academia da Força Aérea, dos três ramos das Forças Armadas, forças da GNR, da GF e da PSP, bem como bandas militares. O NRP «Hermenegildo Capelo» e «Jacinto Cândido», fundeados no rio Tejo, efectuam as salvas da ordenança, no momento da chegada do Presidente da República. Uma formação de aviões A-7P «Corsair» da Base Aérea de Monte Real sobrevoam a cerimónia.

● Por sua vez, as comemorações oficiais compreendem também uma sessão solene na Assembleia da República, com a presença de **Ramalho Eanes,** que fará um discurso.

● O **comício 25 de Abril**, que conta com intervenções da responsabilidade da Comissão Organizadora das comemorações do Dia da Liberdade tem lugar em Aljustrel, às 18.30 horas.

Amanhã

Música

● A **Noite Cultural** de Aljustrel, às 21 horas, em M. Velhos, em frente da Junta de Freguesia conta com a participação dos grupos **Nova Aurora** e **Gaita e Coral dos Mineiros.**

● Na Vila do Montijo, às 21.30 horas, a **Banda da Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro** actua no coreto da Praça da República.

Cinema

● «A Estrangeira», de **João Mário Grilo,** é projectado hoje às 21.30 horas, no Centro Social ERRA, em Coruche.

Actividades Desportivas

● No Ginásio Desportivo de Sesimbra realiza-se esta noite, pelas 21.30 horas, a final do **Torneio de Futebol de Salão,** organizada pela Junta de Freguesia de Santiago.

Seminário

● A **Associação 25 de Abril,** que reúne grande parte dos militares que fizeram a revolução há 11 anos, promove um seminário sobre «A Sociedade e as Forças Armadas», que decorre a partir de hoje e até 28 deste mês, no Auditório do Instituto Nacional de Investigação das Pescas, em Algés.

27 de Abril

Actividades desportivas

● Em Vendas Novas a tarde desportiva tem início às 15 horas com os jogos de **Basquetebol** e **Voleibol** no pavilhão do Colégio Laura Vicuña, e as provas de **Atletismo** para jovens a partir dos 10 anos, de ambos os sexos.

● A **Prova Vila de Coruche,** de Ciclismo, com partida às 10 horas da Praça da Liberdade, e a **Prova de Perícia,** de canoagem, no Açude da Agolada, às 16 horas, são as actividades desportivas que a Câmara Municipal de Coruche promove hoje, para comemorar o dia da Revolução.

●A **Simultânea de Xadrez,** na Sociedade Recreativa Atauaiense, realiza-se esta tarde, às 15 horas, em Atalaia, Montijo.

●O encontro de **Hóquei em Patins,** entre o Sporting Mineiro e o Sporting Clube de Portugal a contar para o Campeonato Nacional de Juniores, tem lugar esta tarde, pelas 18 horas, em Aljustrel.

Colóquios

● Em Sesimbra, às 15 horas, realiza-se um colóquio subordinado ao tema **O Desporto Antes e Depois do 25 de Abril,** no qual participam figuras de relevo no desporto nacional.

● **A Mulher e a Paz** é o tema do colóquio que a Junta de Freguesia do Castelo promove às 15 horas, na Biblioteca do Zambujal.

Cinema

● O filme de **João Mário Grilo** «A Estrangeira» é hoje projectado na Escola Primária de Courelas da Amoreirinha, às 15 horas; às 18 horas, é a vez da propulação da Azervadinha assistir à projecção do referido filme, no Centro Social e, finalmente, às 21.30 horas, os habitantes da Azerveira podem reunir-se no Centro Social para assistirem à passagem da longa metragem.

Convívios

● Os funcionários civis dos departamentos militares comemoram o 11.º aniversário do 25 de Abril com um **almoço** com início às 13 horas de hoje, na Voz do Operário. Intervenções de membros da Associação 25 de Abril, da Comissão Organizadora das Comemorações Populares do 25 de Abril e da Federação dos Sindicatos da Função Pública seguem-se ao almoço. O convívio finaliza com um diaporama sobre os onze anos no Portugal de Abril, e a actuação do Grupo Coral Alentejano da Póvoa de Santo Adrião.

● Os reformados, pensionistas e idosos das freguesias de Lisboa de Alvalade, Campo Grande e S. João de Brito realizam hoje, a partir das 15 horas, uma **sessão solene com espectáculo,** na Escola Preparatória de Eugénio dos Santos, na qual participam um elemento da Comissão Concelhia do MURPI e um capitão de Abril. O espectáculo é animado pelo fado de Abril.

Música

● O grupo **Nova Aurora,** o **Teatro de Mértola** e o **Coral dos Mineiros** participam esta noite, às 21.30 horas, na Noite Cultural de Messejana, em Aljustrel.

● No Centro Social Biscainho, em Coruche, o grupo de Música Popular **O Som da Terra** participa num espectáculo musical, às 21.30 horas.

Teatro

● O grupo de teatro amador **Sketchs Cómicos,** do Bairro da Areia, realiza um espectáculo às 21.30 horas, no Centro Social de Malhada Alta, Coruche.

● No Centro Republicano, em Aljustrel, o **Grupo de Teatro de Mértola** leva a cabo uma Tarde de Teatro Infantil, às 16 horas.

28 de Abril

Actividades desportivas

● Três realizações desportivas preenchem as comemorações do 25 de Abril, hoje, em Aljustrel. Assim, às 9 horas tem início a 1.ª etapa da II Volta ao Concelho em Bicicleta, com o percurso Carregeiro-Aljustrel. A segunda etapa tem a partida marcada para as 15 horas, e o percurso é Aljustrel-Aljustrel, com passagem por Messejana, Rio de Moinhos, Jungeiros, Aldeia Nova, Montes Velhos, Ferreira e Ervidel. À mesma hora tem início a final do **Torneio Quadrangular de Futebol,** na Aldeia Nova.

Teatro

● O grupo de teatro amador **Sketchs Cómicos,** do Bairro da Areia, dá mais um espectáculo às 21.30 horas, desta vez no Centro Social ERRA, em Coruche.

● No Centro Social do Rebocho, também às 21.30 horas, a **Companhia de Teatro de Santarém** apresenta a peça «A Sombra da Ravina».

Música

● O grupo de música popular **O Som da Terra** actua num espectáculo, às 21.30 horas, no Centro Social de Fajarda.

Pensar Abril sem triunfalismo

"JÁ temos uma Pátria, que nos havia roubado o despotismo; a timidez, a cobardia, a ignorância que o tinha criado, que se prostrava com vil idolatria ante a obra das suas mãos, acabou. A última hora da tirania soou; o fanatismo, que ocupava a face da Terra, desapareceu; o sol da liberdade brilhou no nosso horizonte, e as derradeiras trevas do despotimo foram, dissipadas por seus raios, sepultar-se no Inferno."

J. B. S. L. A. Garrett

DO opúsculo «O Dia Vinte e Quatro de Agosto» no Ano I (1821), publicado, transcrevemos o texto que encima estas notas cursivas. O cidadão Almeida Garrett envia-o às Constituintes: «Aos pais da Pátria ofereço a defesa da causa dela». Não se dirige só aos portugueses. Diz: «... eu falo à Europa e ao mundo, falo com intrepidez, porque falo a simples verdade». E aos portugueses, e à Europa, tenta «sustentar os direitos da minha Pátria, a liberdade dos meus concidadãos, e os imprescritíveis foros do homem...». No discurso prolixo — entre alocução aos portugueses dirigida e justificação à Europa — Almeida Garrett anuncia, antecipa, um dos erros do 25 de Abril: o de termos explicado à Europa, perante a Europa justificado, a nossa Revolução libertadora.

Não se justificou a Europa perante nós, portugueses, e perante os nossos vizinhos e irmãos da restante Ibéria, de ter aceitado que nas nossas terras tivesse sido instaurada a tirania e que os ibéricos fascismos, quando a Europa da praga se limpou, tivessem subsistido até à morte natural do ditador espanhol e ao acto libertador dos militares de Abril, os regimes parceiros de Mussolini e de Hitler. E nós, provincianos e supersticiosos, à Europa demos conta do que a nós, portugueses, diz respeito, como se, ao recuperarmos a liberdade e o direito soberano sobre o nosso próprio destino, lhe devessemos explicação dos nossos actos, justificação da revolução que nos abriu o caminho do futuro. Assim em 1820, assim em 1910, assim em 1974.

O cidadão Almeida Garrett, na euforia do **Vintismo** interroga os portugueses seus contemporâneos: «Qual era dentre nós, que se não pudesse chamar oprimido? Qual há dentre nós, que se não possa chamar libertado? Qual foi o português que não gemeu, que não chorou ao som dos ferros? Qual é o português que não folgará com a liberdade?»

Perguntas idênticas teriam sido feitas de português para português, de cidadão para cidadão, nos dias de Abril de 1974. Idênticas as respostas. Todos – os cidadãos que prezam a cidadania; todos – os homens livres que prezam a liberdade; todos nos considerámos libertados e com a liberdade folgámos. Mas, distintamente do que ocorria em 1820, e ampliando as contradições de 1910/1912, a conquista da liberdade em 1974 não se satisfazia e contentava com os aspectos formais, visava o processo profundo: a transformação radical da sociedade.

Não havia, nos anos de opressão e de silêncio, quem não sonhasse a liberdade plena e a plena cidadania. Não se lutava, nos dias de escravidão, só para dignamente resistir, a mesma resistência antifascista e antiobscurantista tinha um conteúdo positivo. Lutava-se pela democracia política considerando que ela implicava, para ter verdade e força, a democracia económica e a democracia social.

Nos seus esbatidos e liberais contornos, o «Programa do MFA» não contrariava a identificação da libertação com a institucionalização da Democracia, nem reduzia esta ao formalismo político esvaziando-a de conteúdo económico e social. Deu-se a palavra ao Povo. Rasgada a mordaça, o Povo tomou a palavra e disse.

Não se estranhe que tenha dito que tinha fome de justiça, fome de pão e fome de terra, que queria melhor repartição dos rendimentos do trabalho e mais justa repartição das terras de cultivo. E tudo se passou sem violência que mereça esse nome. A Revolução foi um milagre de paz social, de esquecimento de ofensas e agravos, os próprios crimes que eram só crimes, sem atenuantes a considerar, foram abrangidos, expressa ou tacitamente, pela grande amnistia que foi a alegria da libertação.

Era a Liberdade. Era a Democracia. Aos que estavam por fora da Revolução, aos que não tinham participado na Resistência, e até aos que, sem responsabilidades maiores com o regime do «Estado Novo» e com o seu prolongamento , dito «Estado Social», tinham colaborado, abriram-se as portas da República de Abril. Para todos que respeitassem as regras do jogo, o Portugal de Abril era um **território de Liberdade.**

Muitos não o compreenderam. Não estavam educados para a Liberdade, nem verdadeiramente interessados na existência de instituições democráticas. Muitos mostraram-se incapazes de participar na vida democrática. E até os que, para assegurarem presença e intervenção, constituíram partidos políticos, algumas vezes utilizaram as liberdades contra a Liberdade, e têm-se prevalecido das liberdades democráticas contra a Democracia.

A História repetiu-se. Assim em 1820. Assim em 1910. Assim em 1974. Contra a revolução liberal o contragolpe da Vilafrancada, em 1823. Contra a revolução republicana, as incursões couceiristas, as ditaduras de Pimenta de Castro e de Sidónio Pais. Contra o «25 de Abril» o «25 de Novembro» — o pretexto da «contra-revolução» é, algumas vezes, corrigir a «revolução». Mas os resultados são sempre os mesmos: interrupção de um percurso novo.

A transformação política, económica e social — o novo curso sociopolítico — foi interrompido. Evitou-se o pior. A contra-revolução conservadora não degenerou em reacção ultramontana, mas criaram-se as condições que gradualmente proporcionaram a transição do «revolucionarismo radical» para um obsessivo «restauracionismo».

Bloqueado — primeiro, pela força das armas; depois, pela decisão maioritária dos parlamentares o «processo revolucionário em curso», deu-se espaço e dinâmica ao «processo restauracionista». A pretexto de institucionalização democrática e de estabilidade política e governativa, tem-se recuado e concedido. Hoje, a onze anos de Abril, parece que é cada vez maior o número dos «políticos» portugueses esquecidos de que o acto militar libertador criou uma situação revolucionária e de que a nossa Democracia não é um compromisso com o Passado, mas uma perspectiva rasgada para o Futuro. Não foi para a Europa ver e tomar conhecimento que se abriram as portas de Abril; foi para os portugueses que se abriram as portas que Abril abriu.

O «25 de Abril» — o acto militar libertador e a adesão popular maciça que lhe deu um decisivo impulso revolucionário — não poderá ser considerado um acto de «guerra civil», mas, ao contrário, o termo de uma «situação de guerra civil». O fundamento do «poder ditatorial fascista» era o golpe militar tredo e a opressão militar e policial. O «25 de Abril» — por vontade patriótica e consciência progressista dos militares de Abril — restabeleceu a Liberdade, a Democracia, a supremacia dos direitos cívicos sobre a força militar e o terror policial.

Os militares de Abril — é um dever e uma necessidade histórica recordá-lo — não retiveram o **poder** conquistado, não se instalaram nas cadeiras e privilégios do **poder**. E muitos têm pago — para nossa dor e escândalo — a audácia de terem rasgado mordaças e quebrado algemas, de terem abalado um regime e derrubado um governo.

O Povo estava com o MFA. O Povo acreditou que as Forças Armadas tinham um papel a desempenhar no percurso democrático. E não vê hoje sem apreensão que aos verdadeiros militares de Abril sejam levantadas dificuldades nas suas carreiras profissionais. Não queremos Forças Armadas a determinar a política do Estado. Mas não desejamos que os políticos que ocasionalmente controlem o Estado se aproveitem das funções políticas, das estruturas governativas, para controlar as Forças Armadas. Nem um vício, nem outro — a sombra dos militares sobre a sociedade civil ou a penetração das querelas partidárias nas fileiras militares — são com a Democracia compatíveis.

Nem as novas formas de opressão — os custos altos da vida que reduzem os salários, os salários em atraso, o desemprego, a falta de primeiros empregos, a renovação das situações de desemprego no meio rural — são compatíveis com a Democracia. Nem uma Lei de Segurança do Estado que agrava a insegurança dos cidadãos. Nem uma Lei dos Direitos de Autor que abre a via da apreensão de livros e publicações e da restauração da **censura**. Nenhum «restauracionismo» reforçará a Democracia. Qualquer «restauracionismo» ofende a Liberdade em Abril reconquistada. Seja qual for a roupagem jurídica, é contra ela.

Porque não há **ordem** que contrarie as **liberdades democráticas**. No final do século passado o grande jornalista e homem político que foi João Chagas, combatendo esse «restaurador» da **ordem** que foi o ditador João Franco, perguntava: «Quer V. Ex.ª saber quem tem estado na ordem? — O povo. O povo é o único elemento da sociedade portuguesa que não constitui um perigo social.»

Os democratas não podem ter medo do povo. O povo mostrou em Abril – e ao longo destes onze anos — a sua maturidade cívica, o seu apego à Democracia, uma responsável noção das liberdades democráticas.

As excepções que possam ser invocadas, os erros que possam ser referidos, são pequenas manchas num quadro de cores claras: as cores da justiça, da fraternidade e da esperança.

O grande erro — na transição da condução do processo de libertação e transformação da sociedade portuguesa — terá sido o de confiar nos **restauradores da ordem,** e ter consentido que, em nome da **ordem democrática,** se tenha reconstituído **um situacionismo** com os seus privilégios, posições e interesses.

Comemorar Abril não pode consistir na repetição de um hino de alegria e de esperança. A visão radical da situação portuguesa desaconselha os triunfalismos. Mas todos os anos — de Abril em Abril — como com as Primaveras, a natureza reverdesce, a esperança se renova. E, quando o Povo desce à rua, para comemorar Abril, até os cravos são mais vermelhos.

Texto integral da mensagem de Otelo à vigília desta noite em Caxias

O militar corajoso chamado Otelo Saraiva de Carvalho, que há 11 anos libertou os presos de Caxias e do País inteiro, está hoje numa cela daquele Forte. Mas é um homem livre mesmo atrás das grades e mais prisioneiros são aqueles que o encarceram. Otelo fica na História estes figuram na lista telefónica.

Na noite passada, amigos de Otelo, antifascistas de longa data, jovens que não conheceram o fascismo, realizaram uma vigília junto ao Forte de Caxias em solidariedade com aquele «capitão de Abril», que lhes dirigiu a carta que a seguir publicamos e que foi lida na oportunidade aos participantes na vigília.

Forte Militar de Caxias, 24 de Abril de 1985

Aos amigos, companheiros e camaradas reunidos em vigília, esta noite, nas imediações do Forte de Caxias, dirijo estas breves notas para uma parábola de orquestra.

Foi exactamente a partir das 21 horas daquele 24 de Abril de 1974, também uma 4.ª-feira, que num edifício baixo, prefabricado, do quartel do Regimento de Engenharia 1, na Pontinha, já vestido com a minha sobrecasaca de cabedal verde militar e os galões de major, peguei na batuta para dirigir uma orquestra afinadíssima que em madrugada inspirada tocou sem fífias a partitura há tanto tempo ansiada da libertação do povo de Portugal durante 48 longos anos sujeito à despótica ditadura.

Seria imodéstia da minha parte não reconhecer que a sessão foi um enorme êxito. Um autêntico momento de glória! Todos os instrumentistas, desde os primeiros violinos até aos dos ferrinhos, dos tímbales e dos pratos, quase foram, no final, levados em ombros. E no meio do entusiasmo e da euforia que nos pareciam unânimes, enquanto enormes braçadas de cravos vermelhos eram lançadas para o palco, não nos apercebemos então de que uma pequena parte da plateia, de braços caídos e rosnando imprecações, não partilhava minimamente daquele entusiasmo; que outra parte, da plateia e do 1.º balcão, batia umas palmas distantes, de circunstância, numa falsa adesão; enquanto que outros, que tinham estado ausentes da sala por falta de convite, conseguiam entrar para nos atirar, na oportunidade, com o calor dos seus «bravôs» aparentemente entusiásticos.

Mas o grande aplauso, esse sim, forte, espontâneo, vinha-nos sem dúvida do público da geral e do 2.º balcão. E foram o seu ruído avassalador, o seu entusiasmo autêntico, a sua esperança firme na harmonia e no poder de interpretação demonstrados pela orquestra, que durante algum tempo nos transmitiram a força e a coesão necessárias para nos mantermos em cena e darmos corpo ao nosso programa, abafando com dificuldade a claque que, certinha e monocórdica, nos aplaudia e incitava gritando palavras de ordem.

Infelizmente, como sabem, a euforia teve curta duração. A curto prazo os instrumentistas, esgotados ou aliciados por mais vantajosos contratos, dispersaram e formaram pequenas bandas, para tocarem ritmos diferentes. Rapidamente, a orquestra fragmentou-se. Perdida a batuta, mas com a cabeça ainda cheia dos sons maravilhosos da partitura memorável, tenho andado desde então, sem sucesso, à procura das folhas da pauta que ventos contrários dispersaram, não conseguindo mais do que reunir algumas notas soltas.

Quanto à assistência, agora arrotam grosso e puxam fumaças insolentes dos charutos caros aqueles que rosnavam imprecações durante o inolvidável espectáculo de abertura; a claque foi engordando com algumas adesões que lhe chegaram da geral mas, desorientada, não sabe hoje a quem dirigir as suas palmas monocórdicas; os que aplaudiram comedidamente na circunstância engrossam actualmente a falange dos imprecadores; e alguns dos que não tinham assistido à sessão por falta de convite, subiram ao palco, na oportunidade, para agarrar os cavaletes e garantir que nova orquestra se podia formar, com os apoios que conseguiam obter do exterior, mas para tocar outras partituras. A geral, essa, ficou emudecida, desmotivada e indiferente, perdido o calor do entusiasmo, gorada a esperança, diminuída a força da espontaneidade.

Enfim, amigos, hoje a música é outra. Resta-nos a memória daquele dia lindo de Abril, apesar da chuva que caiu (e quem se lembra dela?), e a esperança, sempre a última a morrer, de que melhores dias poderão vir ainda para o povo de Portugal que em 25 de Abril de 1974 chorou lágrimas de felicidade e de alegria pela liberdade reconquistada que abria as portas de par em par para um promissor futuro de bem-aventurança.

Atrás das grades da cela 18 do Forte de Caxias, privado, por minha vez, da liberdade, esse dom que é «apanágio inapreciável do género humano»(1), percorro a passos lentos, mas sem desfalecer, a minha via dolorosa, e bebo até à última gota o cálice amargo do despeito, da inveja, do ódio, da injustiça e da indiferença. E olhando de longe as fogueiras que vos aquecem e os vossos vultos que elas iluminam, recordo aqueles dentre vós que há onze anos se encontravam onde eu agora estou, privados então do precioso bem da liberdade, torturados, dilacerados no corpo e na alma, de esperança talvez perdida, e apelo a todos vós para a imperiosa necessidade que temos de fazer frente aos inimigos da liberdade, ultrapassando as nossas eventuais divergências e animosidades e unindo-nos para «opormos a mais forte e decidida resistência a qualquer um que da liberdade nos queira despojar, opondo-nos à tirania logo que ela desponte, antes que lance raízes e se fortaleça». (1)

Agradecendo, emocionado, pessoalmente e em lembrança de todos os companheiros que injustamente e por questões de ordem política aguardam há mais de 10 meses em diferentes prisões um julgamento isento que permita demonstrar a força da sua razão, a iniciativa de solidariedade, de calor humano e de conforto gratificante que a vossa vigília para nós representa, dou-vos garantia da minha fidelidade a padrões de lealdade, coerência e dignidade, pelos quais tenho procurado balizar o meu percurso atribulado através da floresta de desenganos ao longo desta década semeada, e bem assim da continuidade da luta pela conquista da dignificação, do bem-estar e da felicidade a que tem direito o sacrificado povo deste Portugal que está no coração e na mente de todos nós, e envio-vos um forte abraço, muito fraterno e de muita amizade.

(1) Citações da obra «História do Cativeiro dos Presos de Estado na Torre de S. Julião da Barra de Lisboa», da autoria de João Baptista da Silva Lopes, algarvio de Lagos, onde nasceu em Novembro de 1781, foi procurador judicial, vice-cônsul da Espanha, deputado da Nação, sócio da Academia Real de Ciências de Lisboa e da de Turim e do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, que além de vários cargos públicos exerceu actividade política e literária. Perseguido político e exilado do País, foi preso em Portugal em 24 de Maio de 1828, cumpriu 1888 dias de prisão em S. Julião da Barra, donde foi solto em 24 de Julho de 1833, tendo aí sofrido toda a sorte de provocações e torturas impostas pela repressão miguelista contra os seus adversários políticos.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	76$75	82$75
ALEMANHA FED (marco)	55$50	56$60
ÁUSTRIA (xelim)	7$80	8$00
BÉLGICA (franco)	2$589	2$789
BRASIL (Cruzeiro)	$020	$035
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	124$25	126$25
(notas de 5 a 1000)	124$75	126$75
DINAMARCA (coroa)	15$40	15$80
ESPANHA (peseta)	$941	1$061
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	171$20	173$20
(notas de 5 a 1000)	171$70	173$70
FINLÂNDIA (marka)	26$50	27$10
FRANÇA (franco)	18$15	18$85
HOLANDA (florim)	49$00	50$00
IRLANDA (libra)	174$50	175$50
ITÁLIA (lira)	$079	$089
JAPÃO (iene)	$651	$686
NORUEGA (coroa)	19$15	19$65
REINO UNIDO (libra)	212$65	214$65
SUÉCIA (coroa)	19$00	19$60
SUÍÇA (franco)	67$00	68$10
VENEZUELA (bolívar)	10$95	11$95

Observações:
1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

SEGUNDO JUÍZO

PROC. N.º 5353
2.ª SECÇÃO

ANÚNCIO

Faz-se saber que por este Juízo e Secção, nos autos de Acção Ordinária que o Autor BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, EP com sede em Lisboa, move contra a Ré VITÓRIA MARQUES DE PAIVA DAS NEVES casada, doméstica, com o último domicílio conhecido na Av. Infante Santo, n.º 72, 1.º letra D, em Lisboa, correm éditos de trinta dias, contados da segunda publicação deste anúncio, citando a referida Ré, para o prazo de vinte dias e findo o dos éditos, contestar a referida Acção Ordinária, na qual se pede, em resumo, que a Ré seja condenada a pagar ao Autor as quantias de: a) Esc: 192.331$00 — respeitante ao capital em dívida; b) Esc: 313.742$00 — referente aos juros de mora até à data de apresentação em Juízo; c) Esc: 50$00 — relativa à taxa de utilização anual; quantias estas acrescidas dos juros de mora vincendos, contados à última das taxas (42,5%) até ao dia do integral pagamento do capital ao Autor, conforme tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra ao seu dispor na 2.ª Secção deste Juízo.

Lisboa, 18 de Abril de 1985.

O JUIZ DE DIREITO

Domingos Manuel G. Rodrigues

O ESC.-ADJUNTO

José do Patrocínio Folgado

D.L. 25/4/85 – 2.ª PUB.

RELAÇÕES PUBLICAS

PROGRAMA DE COMEMORAÇÕES
DIA 25 DE ABRIL

FREGUESIA DO BARREIRO:

9.30 H — Içar da bandeira
— Paços do concelho
— Inauguração da Rua Bandeira Vermelha
— Placa comemorativa içar da bandeira na CP
— Inauguração da biblioteca infantil do Bairro 5

FREGUESIA DE ST.º ANDRÉ

10.00 — Içar da Bandeira
— Junto da Freguesia
— Inauguração Rua Cândido de Oliveira (canteiros)
— Inauguração parque infantil Qt.ª do Torrão

FREGUESIA DO LAVRADIO

10.00 — Içar da bandeira
— Junto da Freguesia
— Inauguração de ruas (no Lavradio)
— Inauguração da Rua Domingos Duarte

FREGUESIA PALHAIS

10.30 — Içar da bandeira
— Junto da Freguesia
— Entrega das chaves da creche da Compave à creche «Regulias»
— Entrega da chave da escola primária à Junta de Freguesia de Palhais
Inauguração do parque infantil da Qt.ª da Areia

informação
CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

PONTO A PONTO

O advogado Canhoto Antunes, representante da família do psiquiatra Rolão Macedo, morto a tiro em 18 de Janeiro de 1985, perto de Setúbal, disse ontem à ANOP que vai requerer a realização de nova autópsia. Para tal, Canhoto Antunes fará uma petição ao Tribunal de Instrução Criminal de Setúbal. O pedido de autópsia tem em vista «esclarecer de uma vez por todas a trajectória da bala» que vitimou Rolão Macedo.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, partiu ontem para Estrasburgo onde vai participar na reunião do Conselho da Europa que se realiza naquela cidade. Jaime Gama, que se recusou a prestar declarações à partida, aproveitará a sua estada em Estrasburgo para ter um encontro com o seu homólogo espanhol, Fernando Moran, no qual abordarão as negociações entre os dois países na perspectiva da integração na CEE.

O comandante da Força Móvel do Comando Aliado da Europa (AMF), major-general Andrew Christie, das Forças Aramadas do Canadá, apresentou, na terça-feira, cumprimentos ao chefe do Estado-Maior do Exército, general Jorge Salazar Braga. A visita do comandante da AMF deve-se ao exercício «Ardent Ground/85» que decorre em Santa Margarida.

O jantar de jornalistas comemorativo do 25 de Abril terá lugar na Casa de Tomar, na Rua Flores de Lima, ao lado do Quarteto. O jantar, que inicialmente esteve marcado para o dia 23, foi adiado para a próxima segunda-feira e a comissão promotora apelou ontem, de novo, à participação nesta «primeira confraternização de jornalistas evocativa do 25 de Abril».

A Assembleia Municipal de Cascais realiza esta tarde, a partir das 15 horas, uma sessão solene comemorativa do XI aniversário do 25 de Abril que decorrerá na sala das sessões dos paços do concelho. Na referida sessão será representado um excerto da peça «Arraia Miúda» a estrear dentro de alguns dias pelo Teatro Experimental de Cascais (TEC).

Governo responde sexta-feira a perguntas de vários deputados

O governo estará no parlamento na sexta-feira a fim de responder a um conjunto de perguntas que lhe foram feitas por escrito por deputados de todos os partidos.

Banca privada, Iva, aborto e mendicidade infantil são alguns dos temas contemplados nas questões postas.

No distrito de Setúbal assiste-se ao «aumento assustador» da mendicidade infantil, especialmente feminina, suspeitando-se que algumas das crianças são forçadas a tal actividade — diz a deputada Luísa Daniel (PS) numa pergunta que formulou.

Quando vai o Governo implementar no distrito o controlo deste tipo de mencidade «pondo cobro a situações de degradação e utilização infantil que muitas vezes conduzem à prostituição — perguntou.

Carlos Lage, por seu turno, vai interrrogar o Governo sobre medidas tendentes à despoluição e defesa do ambiente da bacia hidrográfica do Rio Ave e às negociações com Espanha sobre a CEE.

A situação em que se encontra um empréstimo de 1,3 milhões de contos à Lisnave é a questão levantada pelo socialista José Manuel Ambrósio.

Roleira Marinho (PSD) por outro lado, interroga o Governo acerca de medidas para defesa do Rio Minho enquanto Cristovão Norte do mesmo partido, o questiona sobre o problema das estradas do Algarve.

O escoamento da batata de Trás-os-Montes é um problema cíclico que tem sido resolvido muitas vezes de forma lesiva dos interesses dos agricultores — diz por seu turno João Teixeira (PSD).

«Os organismos estatais responsáveis pela importação de batata, sistematicamente, autorizam importação de quantidades de tal forma superiores às necessidades que só demonstram o total desconhecimento das produções» — explica.

Daniel Bastos, do mesmo partido, põe o Governo perante o Estado «verdadeiramente calamitoso» em que se encontram as estradas do distrito de Vila Real.

Algumas delas estão mesmo quase intransitáveis e requerem «um plano de emergência imediato» — as que ligam Sabrosa a Vila Real, Vila Pouca de Aguiar a Valpaços, Vila Real a Murça, Chaves a Montalegre, Vila Real a Nogueira, Vila Pouca de Aguiar a Ribeira de Pena e Valpaços a Chaves — explicou o deputado.

Gaspar Martins (PCP) pergunta que licenças sem vencimento foram concedidas a quadros com vínculo profissional à banca nacionalizada para passarem a exercer funções de gestão e direcção em instituições bancárias e parabancárias privadas.

Pede ainda a «clarificação do papel que o conselho de administração do BPA vem tendo na criação de bancos privados.

Congresso da Família quer presença de Eanes

O Presidente da República foi ontem convidado a estar presente no Congresso da Família, que se realiza em Lisboa de 2 a 5 de Maio. Para o efeito, Eanes recebeu em Belém uma delegação do Conselho Diocesano de Lisboa da Pastoral da Família e foi aventada a hipótese de Manuela Eanes estar presente no congresso, em representação do marido.

O congresso, organizado por movimentos e estruturas da Igreja Católica, tem por objectivo «repôr a família no local que lhe compete no desenvolvimento da sociedade» — disse Ganhão Pereira, do Conselho Diocesano de Lisboa.

«Esperemos que os poderes públicos olhem as organizações da Igreja como interlocutores importantes» — acrescentou à saída de Belém.

A sessão solene de abertura do congresso é presidida pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro.

No congresso vão ser discutidos temas como a legislação portuguesa do matrimónio e família, relações família-escola, valor da genética médica e aspectos filosófico-teológicos do matrimónio e família.

No âmbito do congresso, será apresentada a peça de teatro «A Providência ou a História de Tobias» e o ballet «Missa de Glória».

25 de Abril
1985
11.º Aniversário

A União dos Sindicatos
de Lisboa saúda a passagem
do 11.º Aniversário do 25 de Abril
e apela a todos os trabalhadores
do Distrito para que participem
nas Comemorações
de carácter unitário

Viva o 25 de Abril

Viva o 1.º de Maio

11 anos em liberdade

POR ABRIL, COM O POVO
MAIO EXIGE GOVERNO NOVO!

todos ao M. MONIZ • 14h 30

Fraudes na Segurança Social totalizaram seis milhões de contos

As irregularidades detectadas em 14 distritos por fiscalizações ordenadas pela Secretaria de Estado da Segurança Social atingem o montante de seis milhões de contos. As fiscalizações decorreram durante o mês de Abril e tiveram por objectivo detectar beneficiários em situação fraudulenta. De acordo com uma fonte daquele departamento, foram detectadas nesta situação 92 mil pessoas nos diversos tipos de assistência social. Na baixa por doença foram detectados 20 mil casos em situação irregular, enquanto em «falsa situação» de desemprego foram descobertas 12 mil pessoas.

Por outro lado. quarenta mil pessoas recebiam indevidamente pensões de complemento por cônjuge a cargo, enquanto 20 mil recebiam também indevidamente subsídio de grande invalidez.

DO 25 de Abril ao

Augusto Vilela

Onze anos depois do 25 de Abril, a imagem mais dramática e significativa que temos dessa data é vermos na prisão o homem que libertou o País de uma ditadura e instalados no poder muitos daqueles que deram forma, activa e passivamente ao regime derrubado. Passaram-se rapidamente estes anos, em que os erros políticos foram muitos mas não foram menos as traições e os jogos de oportunismo político. De abril ficaram os ideais. A liberdade que nos trouxe é cada vez mais vigiada.

É preciso estar cego para não ver que no horizonte se desenham com absoluta nitidez os contornos de um processo fascizante, de novo tipo, é certo, mas de qualquer modo fascizante — repetimos — mais sofisticado, talvez até «democratizado», em que o polícia pode ser substituído pelo computador ou pela moderna escuta telefónica.

Das liberdades reclamadas pela sociedade civil nenhuma lhes foi negada pelos militares que fizeram o 25 de Abril. O programa do MFA falava de «associações cívicas, embriões de futuros partidos», mas estes formaram-se imediatamente. Nasceram como cogumelos, nesses primeiros tempos. Todos eram democráticos e socialistas. Uns desapareceram pouco depois, outros reduziram-se a uma dimensão modesta.

Os que vinham da clandestinidade depressa foram tratados como inimigos pelos novos senhores que chegavam à política e entre os que saíram das prisões e os que regressaram de exílios dourados, a vantagem foi para os últimos.

Uma vasta camada de população, despolitizada na maior parte dos casos, mas claramente antifascista, aderiu com entusiasmo, distribuindo-se por um leque de opções que ia do PS ao próprio CDS.

Não foi necessário esperar muito para verificar que todos esses partidos se reduziam afinal às cúpulas instaladas em Lisboa e que as suas bases não eram mais do que infantaria de rua para uma utilização mais ou menos demagógica. Nada lhes era permitido decidir.

Os três novos partidos — PS, PSD e CDS — coligaram-se e descoligaram-se, prometeram o que nunca cumpririam, tornaram-se em poucos anos exímios nos jogos do poder. Esqueceram-se que havia um povo que havia uma juventude em explosão, que aqueles que em 25 de Abril de 1974 tinham apenas 6 ou 7 anos em breve seriam cidadãos eleitores, candidatos a um lugar nas escolas, a uma casa, a um emprego a um mínimo de segurança social.

A incapacidade desses partidos acabaria por gerar a indiferença e a passividade, e uma inércia perigosa. Porque tudo tem limites nunca se sabe como essa grande massa de cidadãos descontentes, muito até desesperados, vai reagir, como se vai pôr em movimento e em que direcção.

PRD o último barco

Em 1976, pouco tempo passado sobre o 25 de Novembro, Eanes surgia na cena política como a grande esperança daqueles que pretendiam destruir o 25 de Abril e a mensagem que ele transportava.

Forças políticas de sinal contrário uniam-se estrategicamente para elegerem um Presidente que sonharam ser o seu Pinochet ou, pelo menos, um soldado de chumbo.

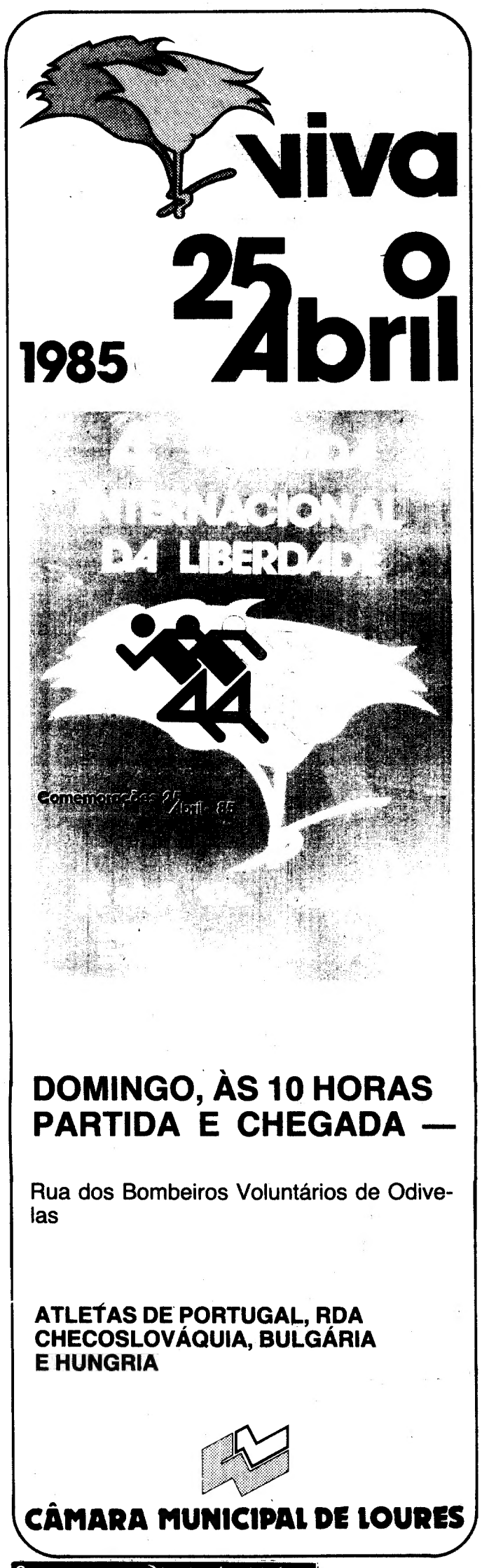
Eanes afinal não era o homem que alguns pensavam. A ordem e a disciplina que achava necessária para a vida nacional não era a que eles pensavam.

A primeira suspeita, sobre este oficial pouco conhecido da opinião pública, veio logo a seguir às eleições. Quando se esperava que, uma vez Presidente, fizesse pagar bem caro alguns actos menos próprios de adversários seus na campanha eleitoral, Eanes surge afinal como o conciliador, que recebe amigos e inimigos e tenta depois juntá-los de novo, aproveitando alguma coisa que possa haver de comum. Melhor explicado, luta por um País em que os portugueses não estejam divididos em bons e maus.

Deixa de servir para os políticos mas passa a servir para a grande massa da população. O seu prestígio e credibilidade representam, hoje, quase o único selo de garantia do regime.

A ideia daquilo que viria a ser o PRD começou a germinar quando todas as esperanças numa regeneração dos partidos existentes se extinguiram, quando muitos cidadãos de prestígio começaram a afastar-se para manterem intacta a sua dignidade pessoal.

Vinham de todos, ou de quase todos os quadrantes, tinham formação ideológica diversa, ou nem sequer tinham uma opção precisa. Todos acreditavam, porém, que este País era viável, que o 25 de Abril pode ter tido erros, mas era o referencial de partida para um novo tipo de sociedade.



DOMINGO, ÀS 10 HORAS
PARTIDA E CHEGADA —

Rua dos Bombeiros Voluntários de Odivelas

ATLETAS DE PORTUGAL, RDA
CHECOSLOVÁQUIA, BULGÁRIA
E HUNGRIA

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

Auto-Rádios
e Anti-Roubo
Philips

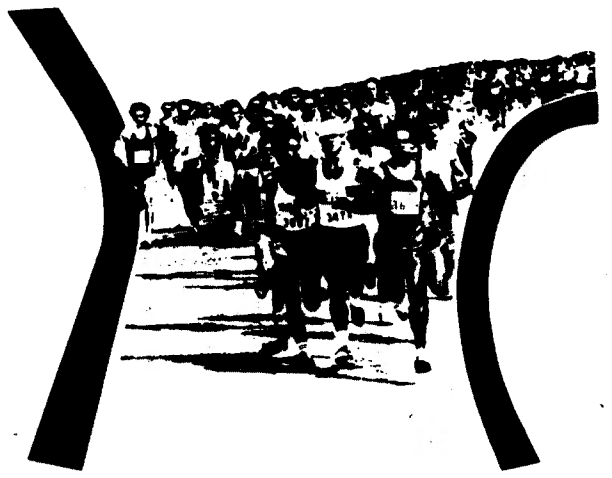
Cetra

CENTRO TÉCNICO
DE REPARAÇÃO
AUTOMÓVEL, S.A.R.L.

CONCESSIONÁRIO
PHILIPS
PARA INSTALAÇÃO
DE AUTO-RÁDIOS

R. Cidade de Bolama, 1-B - R. Cidade de Bissau - Olivais Sul - 1800 LISBOA
Telefs. 33 10 22 - 31 72 73 - 33 37 07

CORRIDA
INTERNACIONAL
1º MAIO 85



ESTÁDIO 1º MAIO
10,45 horas

USL/CGTP-IN

PRD

E foram os erros sucessivos dos partidos políticos e da própria classe política que fizeram arrancar este projecto.

Nova maneira de fazer política

Para muitos é confusa a génese e a estrutura do PRD. Retoma princípios do 25 de Abril que quer pôr em prática, reúne pessoas muito diferentes, recusa uma ideologia definida e recusa de um modo geral tudo aquilo que possa dividir e dificultar um projecto de recuperação nacional. Não está contra os partidos existentes mas contra aquilo que tem sido a sua prática política, contra a falta de ética que se instalou na sociedade portuguesa.

De todos os quadrantes políticos tem tecebdido aderentes. Mas como é isto possível?

Um jovem aderente que em tempos não muito recuados militou em movimentos de esquerda deu-nos uma explicação simples mas que poderá ser a verdadeira explicação em relação a muitas personalidades do PRD: «Não há possibilidades em Portugal de pôr em prática um projecto político ideologicamente puro. Acho melhor que se coliguem pessoas num projecto em que podem encontrar e realizar o essencial, do que os partidos que ao fim de alguns meses apenas tratam de ver quem detém o hegemonia.»

O PRD surge, na opinião dos seus promotores, como a última oportunidade de salvar a democracia e os valores fundamentais do 25 de Abril.

Ramalho Eanes, um Presidente no fim do seu segundo mandato detentor de uma imagem pública a que nenhuma outra figura política se assemelha, surge como a figura inspiradora ou o «referencial ético». Mas a sua posição é particularmente delicada face ao novo partido.

Como Presidente da República não deve envolver-se dizem uns. Precisamente porque é Presidente da República dizem outros, é que deve participar em qualquer iniciativa que vise, através de mecanismos democráticos, evitar a deterioração social e económica do País.

A verdade é que, se existem razões para que não se envolva no PRD enquanto Presidente, elas derivam apenas de uma ética pessoal porque, a maior parte dos governantes e membros dos órgãos de soberania, já misturaram de tal forma funções institucionais com funções partidárias que tudo quanto o Presidente faça não pode ser criticado.

Há governantes que saem de manhã de Lisboa para uma viagem como membros do Governo, ao chegar ao local transformam-se em dirigentes partidários, à hora de almoço (oficial) dá-se nova metamorfose e passam outra vez a dirigentes partidários. O regresso faz-se, nos carros do Estado... outra vez na qualidade de governantes.

Só o Presidente da República contra o qual foi proposto um candidato (derrotado) partidário é que tem que ser suprapartidário.

Os poucos dias que nos separam da data de 14 de Julho são decisivos para salvar o que resta do 25 de Abril e para tornar o PRD uma realidade política operacional.

Uma figura bastante próxima de Eanes comentava-nos há dias que este «terá até 14 de Julho para ficar na História», depois não se sabe que História teremos.

Centenário da travessia de África

O chefe de Estado-Maior da Armada, Sousa Leitão, presidiu anteontem na Escola Naval, à sessão solene, das comemorações do centenário da travessia de África por Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens.

Durante a cerimónia o chefe de Estado-Maior da Armada, salientou a importância da primeira travessia da África Central pelos dois oficiais da Marinha de Guerra Portuguesa.

O comandante Limpo Serra proferiu uma conferência subordinada ao tema «a travessia de África por Capelo e Ivens» salientando que o objectivo da expedição era «reconstruir a carta geral de Angola e regiões vizinhas, mas na realidade alargava-se ao completamento da anterior expedição de 1887--89».

Referindo-se às dificuldades da exposição, disse que «no dia 24 de Abril de 1884 partiram finalmente os dois exploradores de Moçâmedes para a travessia da África que iria demorar 14 meses.

Para isso dispunham de uma carta insegura e muito incompleta sendo enormes os espaços em branco mesmo em Angola».

Presentes entre outros, familiares de Capelo e Ivens, o presidente da Sociedade de Geografia, e o vice-presidente da Academia da Marinha em representação do presidente Arantes de Oliveira.

CÂMARA MUNICIPAL DE CORUCHE
COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL

DIA 25

Alvorada com morteiros

9.00 h — Música pelas ruas da vila pela Banda da Soc. de Instrução Coruchense

9.30 h — Pesca Infantil no Açude de Agualada

10.30 h — Atletismo

11.15 h — Cerimónia Oficial do içar da Bandeira com Guarda de Honra do Corpo dos Bombeiros Municipais nos Paços do Concelho

11.45 h — Ginástica na Praça da Liberdade

14.30 h — Simultânea de Xadrez com o mestre internacional José Pereira dos Santos no centro de Cultura Popular.

15.00 h — Festival Concelhio do Folclore na Praça da Liberdade

16.30 h — Intervenções Políticas

17.30 h — Continuação do Festival de Folclore

21.30 h — Música Popular Portuguesa com os grupos Os Sons da Terra de Coruche e o Grupo Jornada de Tomar

Seminário organizado pela "Associação 25 de Abril"

Um debate da maior importância sobre "A Sociedade e as Forças Armadas"

— diz-nos o general Garcia dos Santos

Alice Nicolau

«Pela primeira vez em Portugal se cria um espaço de diálogo onde o relacionamento sociedade-Forças Armadas é abordado» — diz-nos o general Garcia dos Santos, numa troca de impressões acerca do seminário «A Sociedade e as Forças Armadas», que, por iniciativa da Associação 25 de Abril, vai decorrer de amanhã, dia 26, sexta-feira, a domingo, no Instituto Nacional de Investigação de Pescas, junto da Docapesca, em Pedrouços. A sessão inaugural será presidida pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes, e contará com a presença dos presidentes da Assembleia da República e do Supremo Tribunal da Justiça.

Foto de Rui Pacheco

A sessão solene será presidida pelo sr. Presidente da República, que convidámos, nessa qualidade, e que, nessa qualidade, aceitou o nosso convite

A propósito deste diálogo, lembrámos ao general Garcia dos Santos a «ghettização» da instituição militar, face à sociedade civil, que se verificava em Portugal antes do 25 de Abril. Recusando, por excessivo e deslocado, o termo, o general Garcia dos Santos reconhece que existia de facto uma clara separação entre as FFAA e os restantes sectores da vida portuguesa. E afirma: «Ninguém pode ignorar que as FFAA são emanação da sociedade em que se inserem, que existe, portanto, uma correspondência entre tudo quanto se passa na sociedade e na organização, estruturaa e funcionamento das próprias FFAA. Este debate reveste-se, pois, da maior importância tanto para os civis, que directa ou indirectamente estejam relacionados com esta problemática, como para os próprios militares.»

Segundo nos diz, o seminário — que vai proporcionar pela primeira vez entre nós a oportunidade de um debate profundo sobre este tema — «visa coligir o maior número possível de dados sobre estas matérias no maior número possível de sociedades».

«Quanto mais democrática for a estrutura da sociedade, mais a sua evolução influenciará as FFAA, pelo que os responsáveis militares devem conhecer estes processos até para saberem reagir ante a evolução das sociedades» — acrescenta o general Garcia dos Santos.

Notícias vindas a lume (vide «DL» edição de 18 do corrente) informam que nem o governo português nem as chefias militares vão estar presentes neste seminário, facto que causa estranheza, tanto pela natureza do debate, como pela qualificação dos seus promotores e dos seus participantes. Isto para não falarmos já de outro pormenor: o seminário é um dos actos comemorativos do 11.º aniversário da revolução de Abril.

Perguntámos ao general Garcia dos Santos quais as razões por que o Governo e as chefias militares se alheiam deste seminário.

«O alheamento do Governo vem na sequência do que se passou nas comemorações do X Aniversário do 25 de Abril, quando aconteceu aquilo que se sabe e que culminou nas comemorações autónomas de um lado e do outro — respondeu-nos o general Garcia dos Santos. Ignoramos, porém, quais as razões concretas por que o Governo se alheia deste seminário. Enviámos convites ao Primeiro-Ministro, que ainda não nos respondeu, e a todos os ministros. Alguns não nos responderam. Os que responderam alegaram razões pessoais para não participarem. Portanto desconhecemos por completo a atitude concreta do Governo em relação ao Seminário».

E o alheamento das chefias militares revestiu também os aspectos de não resposta? — quisemos saber? Aí a atitude foi diferente. Os chefes do Estado-Maior dos três ramos das FFAA responderam todos ao convite, dando três «nãos» — não participam no Seminário, não ordenam a divulgação da realização desta iniciativa no seio do ramo das FFAA sob a sua chefia e não autorizam a participação dos estabelecimentos militares de ensino no Seminário. Tudo isto, segundo alegam, por «imperativo da sua interpretação do enquadramento institucional que envolve as funções que desempenham». A questão — podemos nós concluir — está toda num «imperativo» que decorre não do «enquadramento institucional que envolve as funções» das chefias dos três ramos das FFAA, mas sim da «interpretação» que é dada a esse enquadramento.

Que interpretação podemos dar a esta interpretação? — perguntámos.

O general Garcia dos Santos respondeu-nos: «Admito que essa posição das chefias militares seja consequência da forma como elas encaram a existência da Associação, cujos objectivos culturais e cívicos têm sido partidarizados, indevidamente e sem qualquer responsabilidade da Associação».

O general Garcia dos Santos lamenta que, dada esta recusa das chefias militares, o Seminário fique impedido de cumprir um dos objectivos visados com a sua organização: que estes assuntos sejam no mínimo do conhecimento dos estabelecimentos militares de ensino para serem utilizados na formação dos militares.

Algumas explicações

No Seminário participam diversas personalidades nacionais e estrangeiras, algumas por convite, outras por iniciativa própria. A Associação dirigiu um convite a diversos países, incluindo membros do Tratado de Varsóvia, mas do Leste Europeu (falamos propriamente em termos geográficos) só vem o general jugoslavo, Anton Bebler, que apresenta uma comunicação sobre «A relação entre a defesa nacional e a segurança na Jugoslávia».

Este Seminário surgiu na sequência de um outro levado a efeito pela Associação, no ano passado, em Maio, no âmbito das comemorações do X aniversário da Revolução, e que foi subordinado ao tema geral — três Ds (democratizar, desenvolver, descolonizar).

Por essa altura, e tendo em vista os fins culturais e cívicos que competem à Associação, houve a ideia de encerrar as comemorações referidas, com um outro seminário, no mês de Outubro. O projecto foi, no entanto, irrealizável. Daí se partiu para a iniciativa deste ano, cuja coordenação foi desde logo entregue ao general Garcia dos Santos.

A escolha do tema e todas as questões relacionadas com a organização do Seminário foram, ao longo dos meses, objecto de diversas reuniões. Uma das primeiras decisões foi a de encarregar especialistas civis de moderar cada um dos temas. Os nomes da dra. Maria Carrilho, do dr. Medeiros Ferreira e do professor Boaventura Sousa Santos surgiram nessa altura. Decidiu-se também que as sessões seriam em plenário e decorreriam todas numa mesma sala.

A vastidão do tema geral impôs a sua divisão em três subtemas, em torno dos quais se organizam os debates.

Na sessão inaugural, que, como já dissemos, será presidida pelo general Ramalho Eanes, na sua qualidade de Presidente da República, haverá uma saudação do general Garcia dos Santos e a leitura, pelos seus autores, de cinco comunicações. «Os casos brasileiro e argentino», do professor da Universidade Católica do Rio de Janeiro e ex-director do Núcleo de Ciências Sociais do Instituto Superior de Economia de Lisboa, António Rangel Bandeira, «O caso grego», do general Dmitros Smokovitis, «O caso espanhol», do economista e ex-presidente da União do Centro Democrático Agostin Rodriguez Saagun, e «O caso português», do tenente-coronel Vasco Lourenço.

Porquê estes cinco casos e não outros?» — perguntámos, tanto mais que o «caso português» (o 25 de Abril) é de sinal diferente dos outros.

Do ponto de vista sociológico, estes casos apresentam uma certa tipicidade. Além disso, são de entre os casos mais recentes aqueles que se consideram mais típicos e significativos. Não é por acaso que vai decorrer brevemente em Espanha um colóquio consagrado exclusivamente a estes cinco casos» — responde-nos o general Garcia dos Santos.

Lembrámos algumas questões («As Forças Armadas e a Paz», «As Forças Armadas e a sua acção em certos países do Terceiro Mundo», encarando esta acção numa perspectiva progressista) que estão ausentes do Seminário. «Como é evidente, o Seminário não podia ter a pretensão de esgotar todos os aspectos do tema em debate, responde-nos o general Garcia dos Santos. E acrescenta: «O Seminário será antes uma abertura para o debate destas questões». A propósito, o general Garcia dos Santos refere que, no decorrer das discussões havidas para organização deste debate, surgiram sugestões concretas para que a Associação realize ou organize mais diálogos sobre aspectos de pormenor do tema geral.

Para avaliarmos da riqueza do Seminário, convirá que nos alonguemos sobre os seus três subtemas. O primeiro — «As Forças Armadas como instituição» (moderadores: dr.ª Maria Carrilho e major Marques Júnior) tem as seguintes alíneas: organização; problemática da conciliação entre a eficácia das FFAA e as exigências da prática democrática; sistema de recrutamento, serviço militar, objecção de consciência; profissão militar — carreiras, promoções, inserção do profissional militar na sociedade englobante; legislação interna, justiça militar. O segundo — «Relacionamento Civil/Militar» (moderadores: professor Boaventura de Sousa Santos e tenente-coronel Delgado da Fonseca) engloba as seguintes alíneas: história recente, guerra colonial, 25 de Abril, Conselho da Revolução; o aspecto político-militar, o papel dos militares em Portugal e noutros países; as funções das FFAA e suas implicações; despesas militares. O terceiro («Defesa Nacional e Defesa Militar», moderadores: dr. José Medeiros Ferreira e coronel Stoffel Martins) abrange: conceitos; missão das FFAA na Defesa Nacional; outros aspectos.

Não é, pois, de surpreender, que de Portugal e do estrangeiro, de especialistas civis e militares tenha havido uma resposta entusiástica à iniciativa da Associação 25 de Abril. Até ao passado dia 17, estavam entregues 14 comunicações sobre o primeiro subtema; 12, sobre o segundo, e 11, sobre o terceiro. O Seminário só apresentará cerca de 20, mesmo assim resumidas em síntese.

Algumas personalidades, como o ex-primeiro-ministro espanhol Adolfo Suarez, e o ex-primeiro-minis-tro português, dr. Pinto Balsemão, não podem comparecer ao Seminário, porque nesses mesmos dias estarão nos encontros anuais de antigos primeiros-ministros ibero-americanos.

Todas as comunicações serão publicadas, num futuro próximo, em livro semelhante àquele que foi agora posto à venda («Seminário — 25 de Abril, Dez Anos Depois)», no qual se recolhem os trabalhos apresentados ao debate a que já aludimos, promovido no ano passado em Maio pela Associação.

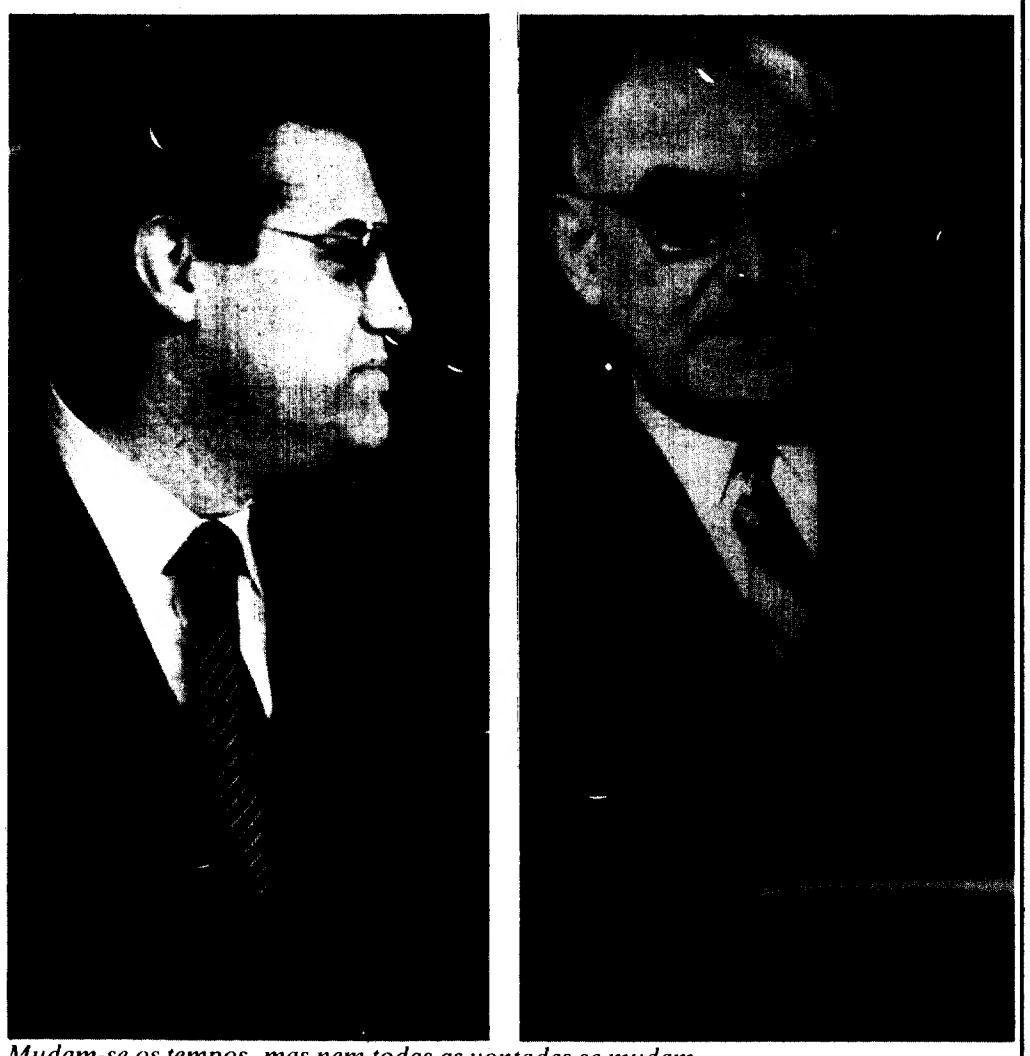
Um pormenor interessante; certas empresas deram o seu apoio a este Seminário, integrado nas Comemorações do XI aniversário do 25 de Abril, promovidas pela Associação. Hotéis, companhias de seguros, empresas ligadas ao sector gráfico e outras participam, à sua maneira, nesta iniciativa e tornam possível que Lisboa seja ponto de encontro de gente qualificada, vinda de muitos países do mundo, para discutir, debater e trocar ideias acerca de um problema da máxima importância nos nossos dias.

As ausências nestas coisas marcam muito mais os ausentes que as coisas donde eles se ausentam. As coisas acontecem, com os ausentes ou sem eles. Os ausentes... ausentam-se e nem se diga que a sua ausência empalidece ou ensombra os presentes.

Cartas de Freitas para Caetano

O livro **Cartas Particulares a Marcelo Caetano,** editado por «Publicações Dom Quichote», registou um sucesso de venda, despertou grande curiosidade, suscitou controvérsias. Da iniciativa dos herdeiros do antigo Presidente do Governo, e prefaciado e organizado pelo jornalista e publicista José Freire Antunes, as cartas publicadas foram recebidas por Marcello Caetano no período da sucessão de Oliveira Salazar que se encerrou com o 25 de Abril de 1974.

As cartas publicadas foram seleccionadas por José Freire Antunes que no prefácio reivindica a responsabilidade da escolha e não exclui a fatal subjectividade do critério. Do conjunto seleccionámos, por nossa parte, 4 das 5 cartas publicadas de que é signatário o Doutor Diogo Freitas do Amaral. A 5.ª carta trata de um caso que envolve outra pessoa com melindre. Estas definem a relação que existia entre o **mestre** e o **discípulo.** As circunstâncias do regresso à intervenção política de Diogo Freitas do Amaral dão a estas cartas sabor. E, como lição, actualidade.



Mudam-se os tempos, mas nem todas as vontades se mudam

Lisboa, 13 de Junho de 1970

Senhor Presidente
e meu Exmo. Amigo,

Tomo a liberdade de roubar alguns minutos ao precioso tempo de V. Excelência para lhe expor, com a maior franqueza, o que me levou, embora com muita pena, a não poder assumir as funções de colaboração no pelouro doutrinário da ANP, para as quais me foi dirigido, pelo Sr. Dr. Cotta Dias[1], convite tão amável e tão honroso.

Faço-o por escrito, e não pessoalmente como seria natural, pois os meus amigos Drs. Sousa Franco[2] e Alberto Xavier[3] pediram-me para se associarem a uma carta minha, dado serem comuns e idênticas as nossas razões.

É, pois, em nome de ambos e no meu próprio que agradeço muito penhorado a V. Excelência ter-se lembrado de nós para um cargo de tamanha responsabilidade, cuja importância e necessidade todos reconhecemos, e que só não podemos infelizmente aceitar pelos graves motivos que passo a resumir.

Em primeiro lugar, pesou muito na análise a que procedemos a circunstância de não devermos atrasar as provas académicas a que temos de apresentar-nos. Considerámos, em especial, que a preparação dos doutoramentos e do concurso, tarefa por natureza absorvente, se arriscaria a ser fortemente perturbada por um trabalho tão apaixonante como o que se nos propunha.

Em segundo lugar, determinou-nos a convicção de que, na actual conjuntura universitária, a acumulação de um cargo marcadamente político forneceria decerto o pretexto desejado pelos estudantes extremistas para introduzir a agitação nas nossas aulas. Nenhum de nós tem, como V. Excelência sabe, a estulta pretensão de obter uma imunidade provisória à contestação, em troca da renúncia, às suas convicções defitivas: mas todos sentimos bem fundo que se torna indispensável, no ambiente explosivo em que se está hoje a leccionar, evitar cautelosamente tudo quanto possa servir de detonador ou de rastilho.

Pareceu-nos, por último, que aos olhos da maioria dos nossos alunos, em matérias com implicações políticas tão evidentes como o Direito Administrativo, as Finanças e o Direito Corporativo, poderia ficar comprometido o respeito pela nossa probidade científica, por ser de prever que habilmente fossem levados, pela minoria conhecida, a ver na defesa de opiniões pessoais, ou na explanação dos conceitos mais objectivos, simples prolongamento de uma acção interpretada como de propaganda política.

Estas as razões que há pouco mais de uma semana apresentámos ao Sr. Dr. Cotta Dias, cuja inteligência e amabilidade tanto nos cativaram, mas que não quisemos deixar de expor directamente a V. Excelência, pelo muito respeito e grande admiração que lhe devotamos, os quais só aumentam a mágoa que nos invade por nos não ser possível aceitar esta colaboração que tanto desejaríamos prestar a Vossa Excelência.

Ao fazê-lo, cremos sinceramente estar na razão. E, alimentando a esperança de não prejudicar, senão no mínimo, esta fase de arranque das actividades da ANP, aproveitamos para formular a V. Excelência os mais ardentes votos de felicidades na prossecução da grande obra que vem desenvolvendo a bem de Portugal.

Com os mais respeitosos cumprimentos, sou

De V. Excelência
Amigo muito grato e dedicado
Diogo Freitas do Amaral

[1] Manuel Artur Cotta Agostinho Dias.
[2] António Luciano Pacheco de Sousa Franco.
[3] Alberto Xavier. Era secretário de Estado do Planeamento em 25.IV.1974.

Lisboa, 15 de Outubro de 1970

Sr. Presidente do Conselho
e meu Exmo. Amigo,

Recebi ontem a carta em que V. Ex.ª me considerava para procurador à Câmara Corporativa, na subsecção de Política e Administração Gral, e não quis deixar de, ontem mesmo, pelo telefone, responder que aceitava com muito prazer e declarar a V. Ex.ª quanto me sentia honrado com a distinção.

Mas gostaria de confirmar hoje, por escrito, o que ontem apenas afirmei oralmente. E desejaria ainda acrescentar uma palavra singela de profundo agradecimento pelo honroso convite que me foi dirigido e pelas palavras tão gentis — e, uma vez mais, tão amigas — que V. Ex.ª quis endereçar-me.

Creia, Sr. Presidente, que procurarei desempenhar este cargo com grande dedicação e com o maior entusiasmo — ainda que, para tanto, precise de repensar os termos em que, de momento, tenho organizada a minha vida profissional extra-universitária.

Renovando os meus agradecimentos muito sinceros, apresento os mais respeitosos cumprimentos e sou

De V. Ex.ª,
Amigo muito grato e dedicado
Diogo Freitas do Amaral

Senhor Presidente
e meu Exmo. Amigo,

Duas palavras apenas de sinceras e muito amigas felicitações pela merecidíssima Grã-Cruz da Torre e Espada.

Se há momentos em que um chefe se tem de impor aos seus súbditos, mesmo contra a vontade deles, outros há, felizmente, em que mais não faz do que interpretar os sentimentos generalizados dos seus compatriotas.

E quem tiver os olhos e os ouvidos atentos sabe muito bem que tanto na escolha de V. Ex.ª, há três anos, como na sua condecoração, agora, não foi o Presidente da República que ordenou — foram os portugueses que falaram.

Por tudo quanto tem feito por nós, bem haja!

Com os mais respeitosos cumprimentos, sou

De V. Ex.ª
Amigo muito grato e dedicado
Diogo Freitas do Amral

Guimarães, 4 de Outubro de 1971

Senhor Presidente
e meu Exmo. Amigo,

Acabo de receber para correcção as provas das primeiras páginas do *Manual* onde se incluem as que V. Ex.ª escreveu como prefácio da 10.ª edição.

Tremem-me as mãos, literalmente, por força das palavras — magníficas e terríveis palavras — que ali vêm a meu respeito[4].

Mal me refiz ainda da emoção que confesso ter sentido. Mas não quereria adiar por um instante sequer o agradecimento muito sincero que do fundo do coração lhe desejo enviar.

Não que eu me reconheça inteiramente naquele retrato, que só a grande amizade de V. Ex.ª pode explicar.

É verdade que tenho procurado trabalhar o mais que posso e o melhor que sei, tentando, como diz o poeta, preencher o minuto que passa com sessenta segundos de tarefa acertada. E não é menos verdade que tenho feito o possível por cultivar e aperfeiçoar as qualidades com que nasci.

Mas o que hoje sou, Sr. Presidente, tenho plena consciência de que se deve menos a mim do que à minha formação — e essa foi obra dos meus pais, da minha família, dos meus professores, dos meus amigos e, mais recentemente, da minha mulher e dos meus filhos.

A todos toca uma parte importante do honroso elogio de V. Ex.ª e é em nome deles que eu me sinto mais à vontade para lho agradecer.

Não esqueço, nomeadamente, o papel relevantíssimo que na minha formação desempenhou o Prof. Marcello Caetano desde que o conheci como segundarista de Direito — pela palavra, pela obra, pelo exemplo, pelo conselho e, depois, também pela amizade que tudo engloba e ultrapassa.

A boa árvore dá bons frutos: e V. Ex.ª deixa uma escola de que pode muito legitimamente orgulhar-se. Receba, pois, Sr. Presidente, destas mãos reconhecidas, os parabéns pelos quarenta esplêndidos anos da sua vida docente.

Deus permita que no fim da minha eu possa concluir que mereci a esperança suscitada em V. Ex.ª.

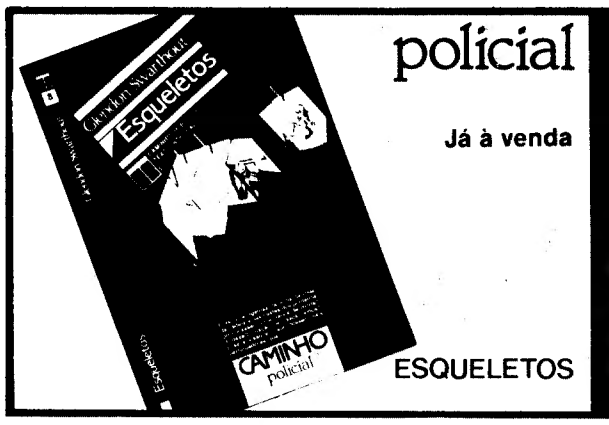
Com os mais respeitos cumprimentos, sou

De V. Ex.ª,
Amigo muito grato e dedicado

Guimarães, 8 de Fevereiro de 1973

Diogo Freitas do Amaral

[4] Amaral era um dos discípulos dilectos de Caetano na Faculdade de Direito de Lisboa e considerado pelo antigo Presidente do Conselho como seu herdeiro na docência. Entre as acções de colaboração política com o governo, Amaral elaborou um anteprojecto de decreto-lei para a reestruturação do Ministério das Finanças. Há cópia do texto, enviada por Amaral a Caetano, com o seguinte cartão: «Diogo Freitas do Amaral, com os melhores cumprimentos, junto envia uma fotocópia do texto definitivo que mandou entregar ao Sr. Ministro das Finanças, no passado dia 25, pedindo desculpa por só agora o fazer — devido a uma grande crise de vesícula que entretanto surgiu e de que só agora começa a recompor-se. 31.VII. 72».



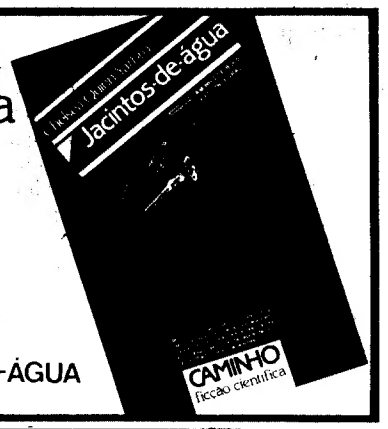
policial
Já à venda

ESQUELETOS

CAMINHO DE BOLSO

O PRAZER DE TER
BONS LIVROS PARA LER

ficção
científica
Já à venda



JACINTOS-DE-ÁGUA

Tinham passado poucos meses sobre a vitória. Era o Verão de 1945 e a Europa ressurgia da guerra partilhada entre sentimentos contraditórios: o terror espartilhava a alegria da libertação, o espanto acentuava a imensa saudade dos que partiram. Sucediam-se então os testemunhos e descobertas que fizeram da II Guerra Mundial um pesadelo sem esperança de fuga, pelo menos enquanto a memória perdurar. Foi por essa altura, quando a libertação de Paris cumpria o seu primeiro aniversário, que o adeus dos que em França foram fuzilados deixou de pertencer a um número limitado de destinatários: tornadas públicas, as suas cartas foram mais uma prova que ao lado da França de Vichy, a que colaborava com Hitler, existia um outro país — o dos resistentes. Aqueles que durante quatro anos foram abatidos nas ruas de Paris, os que foram julgados por tribunais militares e condenados à morte, os «reféns que aos centos formavam bloco contra a metralha inimiga».

Foram mais de 100 mil, a maior parte deles anónimos. Mas há também os que deixaram o seu nome para a posteridade. Alguns tinham 18, 19, 20 anos quando foram fuzilados. Eram franco-atiradores partidários (FTP) e recordam-nos que a História se torna humana quando dela fazem parte os pequenos gestos, vivências, compromissos quotidianos. Em todas as suas cartas de despedida, dirigidas a familiares, encontramos essa mesma determinação que anos mais tarde ecoou no grito de Neruda «...Nenhuma agonia nos fará morrer». São mensagens escritas poucas horas antes da execução, nas prisões de Frésnes e de Monte Valeriano. Recordamos aqui algumas delas, num dia que é para nós símbolo da liberdade e no ano em que se comemora o 40.º aniversário da vitória sobre o nazismo. Para os que tombaram, a nossa homenagem: «Morreram para que o Mundo seja Livre».

C.V.

Para a história de outra resistência

Cartas de fuzilados

Fernand Zalkinov

Jovem militante do 20.º bairro. Estudante bolseiro da Escola Arago. Alistado no FTP, preso e executado pelos alemães com a idade de dezoito anos.

Paris, 9 de Março de 1942

Meu querido papá,

Minha querida mamã.

Esta é a minha última carta. Dentro de poucas horas estarei morto. Estou muito corajoso e muito calmo. Peço-lhes que não chorem, mas pensem em mim. É preciso que sejam fortes como eu sou. Digamos nem que morri duma bela morte e mais tarde sereis orgulhosos de mim.

Amei-os profundamente e sei o quanto me queriam.

Se tão feliz vivi, foi graças a vós, por tudo o que por mim fizeram.

Muito mal o retribuí, mas conheço que me não quereis mal por isso.

Prefiro não os ter visto. Não tenho deixado de pensar em vós. E como pensam em mim é por isso que tenho tanta coragem.

Peço-lhes perdão por tudo quanto teem sofrido com a minha falta. Sei que me perdoarão e esquecerão todo o mal que lhes causei porque os tenho amado muito.

Estou muito calmo e espero com perfeita transquilidade de alma. Tenho a consciência de que a minha morte não foi inútil. Não é preciso chorar. Sejam fortes como eu sou. Pensem que mais tarde serão orgulhosos de mim e terão esse direito. Jurem-me que terão coragem e morrerei tranquilo.

Não esqueçam que teem ainda outros filhos e espero que mais tarde também terão netos nos quais me poderão rever e reconhecer.

Hoje sonho no que foram os meus anos de infância e sinto-me mui feliz lembrando-me do vosso amor. Creiam que os amei sempre e que se os fiz sofrer eu não o queria. Mas, era preciso. Era preciso que faço o meu dever por muito que me custe.

Ainda uma vez, peço-lhes perdão.

Não deixem sujar a minha memória. Fiquem cientes de que fiz tudo que pude para ficar limpo e honesto, para ser digno de vós.

Viverei e morrerei por alguma coisa, pela causa que sempre servi com o meu grande amor e não lamento o meu sacrifício porque sei que não será em vão.

Sou corajoso porque é a morte que escolhi. Não quero que chorem, isso me causaria muita pena. Pensem muito em mim e isso me tornará mais forte.

Estou certo de que mais tarde haverá um mundo de alegria e de amor.

Então, pensareis em mim.

Adeus, adeus para sempre, meu querido papá e minha querida mamã. Beijo-os a todos com toda a alma de um filho querido e aperto-os contra o coração para que, pela última vez, me dêem o seu calor e nele me envolvam. Isso acalenta-me muito.

Amo-os e beijo-os. Adeus **Fernand**

O reencontro possível dos que sobreviveram

Michel Manouchian

Chefe militar das FTP, emigrados da região parisiense; nasceu em 1910 em Adyaman (Turquia); autor, com seu grupo de emigrados, de mais de sessenta acções de partidários; principal acusado do processo dito dos «vinte e quatro estrangeiros», cujos cartazes espalhados na França inteira, tentaram vilipendiar-lhe a memória. Foram todos fuzilados em 21 de Fevereiro de 1944.

21 de Fevereiro de 1944

Minha querida Méline,

Minha bem-amada orfãzinha.

Dentro de algumas horas não serei mais deste mundo. Vamos ser fuzilados esta tarde, às quinze horas. Sucede-me isto como um acidente na minha vida; custa-me crer, mas contudo sei que nunca mais te verei. Que posso escrever-te? Tudo em mim é confusão e, ao mesmo tempo, bem claro.

Estava alistado no exército de libertação como soldado voluntário e morro a dois dedos da vitória e do fim.

Felicidade para aqueles que vão-nos sobreviver e saborear a doçura da liberdade, da paz de amanhã! Estou certo que o povo francês e todos os combatentes da liberdade saberão honrar dignamente a nossa memória. No momento de morrer, proclamo que nenhum ódio tenho contra o povo alemão...

Cada um terá o que merece como castigo e como recompensa. O povo alemão e todos os outros povos viverão em paz e em fraternidade depois da guerra que não durará muito tempo. Felicidade a todos.

Sinto profundamente não te ter tornado feliz. Queria ter um filho como tu sempre desejaste. Peço-te pois que te cases depois da guerra, sem falta, e tenhas um petiz para cumprir a ninha última vontade. Casa-te com alguém que possa tornar-te feliz. Todos os meus bens e todas as minhas coisas as lego a ti, a tua irmã e a meus sobrinhos. Depois da guerra poderás fazer valer o teu direito a uma pensão de guerra como minha esposa, porque eu morro como soldado regular do exército francês de libertação.

Com o auxílio dos amigos que bem queiram honrar-me, edita os meus poemas e os escritos... Logo que possível, leva as minhas recordações a meus pais na Arménia. Morrerei, logo, com os meus vinte e três camaradas, com a coragem e a serenidade de um homem que tem a consciência bem tranquila...

Hoje há sol. É olhando o sol e a bela natureza que tanto amei que digo adeus à vida e a vós todos, minha querida mulher e meus bons caros amigos.

Beijo-te muito fortemente, assim como a tua irmã e todos os amigos que me conhecem de longe ou de perto.

Aperto-vos contra o coração. Adeus.

Teu amigo, teu camarada, teu marido **Michel**

Fécien Joly

Antigo aluno da Escola Primária Superior de Valenciennes; organizador, com Bridouz e Ferrari, do primeiro grupo de FTP, da região do Norte; preso em 18 de Setembro de 1941 e torturado pelo comissário Rigal, da polícia especial de Valenciennes; encarcerado em Loos e executado em 15 de Novembro de 1941 na cidadela de Lille.

15 de Novembro

A todos quantos me são queridos.

Pela última vez vos escrevo e esta chegará depois da minha morte. Vai despertar em vós dolorosas recordações. Não sou um cobarde, aceitei a pena imposta e vou morrer.

Papá e mamã, minhas queridas irmãs, não choreis, pelo contrário — ficai orgulhosas de mim. Vi um padre, não para receber baptismo, mas para que ele repita de viva voz as minhas últimas declarações.

Queria que toda a humanidade fosse feliz; vêde o futuro em frente, radiante, seguro, sereis felizes e eu serei o artífice da vossa felicidade.

Morro jovem, muito jovem — há alguma coisa que não morre, é o meu sonho! Nunca, como neste momento, me pareceu tão lúcido, mais sumptuoso, mais perto de nós. Enfim, a hora do meu sacridício chegou; a hora da sua realização aproxima-se, a minha carta termina, o tempo gira por si mesmo, apenas três horas me separam da morte, a minha vida vai acabar.

Brevemente o rude Inverno, brevemente também o belo Verão; eu vou rir da morte porque não vou morrer, não me vão matar, vão fazer-me viver eternamente; o meu nome vai soar depois da minha morte não como um dobrar de finados, mas como uma abalada de esperança.

Não esqueçam os camaradas enclausurados cujas famílias estão sem recursos. Dirijo os meus últimos pensamentos a todos os professores do EPS de Valenciennes. Vou morrer para que a França seja livre, forte e feliz.

F.J.

Henri Fertet

Nacido a 27 de Outubro de 1926; preso em 2 de Julho de 1943; fuzilado em Besançon em 26 de Setembro de 1943; fazia parte do destacamento Guy Móquet.

(Sem data)

Meus queridos pais.

A minha carta vai causar-lhes grande mágua, mas vi-os tão cheios de coragem que, eu não duvido disso, quereis ainda conservá-la quando

ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL

XI ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

ALMOÇO CONVÍVIO

A A25A leva a efeito no próximo dia 28 pelas 13.00 horas, na sua sede, no FORTE DO BOM-SUCESSO, o tradicional almoço para o qual apela à participação dos sócios, apoiantes e seus convidados.

Soldados nazis: «adeus às armas»

mais não seja por amor de mim.

Não podeis avaliar quanto moralmente tenho sofrido por não voltar a ver-vos, por não sentir mais de perto sobre mim a vossa terna solicitude, mas só ao longe. Durante oitenta e sete dias de cela, faltou-me o vosso amor.

Obrigado a todas as pessoas que se têm interessado por mim e particularmente aos meus mais próximos parentes e amigos; falem-lhe na minha confiança na França eterna. Beijem fortemente os meus avós, os meus tios, tias, e primas. Digam ao padre cura que particularmente penso nele e nos seus; agradeço a Monsenhor a grande honra que me fez, honra de que eu creio me tenho mostrado digno. Ao cair, saúdo também os meus condiscípulos do Liceu.

Lego a minha pequena biblioteca a Pierre, os meus livros de classe ao papá, as minhas colecções à mãezinha.

Morro pela pátria, quero uma França livre e de franceses felizes, não uma França orgulhosa e primeira nação do mundo, mas uma França trabalhadora, laboriosa e honesta; que os franceses sejam felizes, eis aí o essencial. Na vida é preciso saber colher a felicidade.

Por mim não se angustiem, conservo o meu ânimo e o meu bom humor até ao fim; cantarei — Sambre-et-Meuse — porque foste tu, minha querida mamã quem ma ensinou.

Com Pierre sejam severos e ternos, verifiquem o seu trabalho e forcem-no a trabalhar. Não lhe admitam negligência. Deve mostrar-se digno de mim.

Os soldados vêm buscar-me, a minha escrita está talvez um pouco trémula, mas é porque escrevo com um pequeno lápis; não tenho medo da morte, tenho a consciência bem tranquila.

Papá, eu te suplico, reza; pensa que se eu morro é por nós todos. Que morte seria mais honrosa para mim?... Morro voluntariamente pela minha pátria, nós quatro nos encontraremos no céu.

Os, vingadores, depois da morte terão sucessores. Adeus, a morte chama-me, não quero venda nos olhos nem ser amarrado. Beijo-vos a todos. Apesar de tudo, a morte é dura... Mil beijos.

Viva a França!

Joseph Delobel

Organizador, com seu irmão Louis, também fuzilado em 1942, da Resistência em Noyelles - Godault (Pas-de-Calais); foi preso por sabotagem na Primavera de 1942 e fuzilado em Julho seguinte.

Arras, 16 de Julho de 1942

À minha família, ao nosso grande Partido e às suas Juventudes

Não é sem pena que vos escrevo estas derradeiras linhas em nome de todos os meus camaradas, vítimas da barbaria dos teutões.

Fomos todos presos em fins de Abril e princípios de Maio. Nos primeiros quinze dias suportámos interrogatórios sobre interrogatórios acompanhados de «Passages à tabac» (maus tratos) tais como se praticavam há cem anos.

O nosso grande camarada Humblot Ignace morreu na cela, sem assistência, com a coluna vertebral quebrada pelas pancadas recebidas por não querer denunciar os camaradas. Nunca esqueçais o nome desse bravo.

É lamentável ver pelas janelas, ou no passeio, os olhos pisados, a cara e os membros contundidos (...).

Depois destes penosos interrogatórios estivemos dois meses, pouco mais ou menos, tranquilos durante os quais apenas tínhamos que manter a vida e esperar todas as semanas a boa encomenda da família. É inútil falar das duas gamelas da bóia e dos duzentos gramas de pão por dia.

Assim nós esperávamos, sabendo antecipadamente o que nos sucederia, e na terça-feira, 7 de Julho, às 20 horas preveniram-se que iríamos ao tribunal em 8 de Julho. Não fomos surpreendidos — porque tinha de acontecer.

Às oito horas da manhã estamos reunidos na rotunda, vinte e seis camaradas, o vigésimo sétimo devia também juntar-se, vindo do hospital. Escoltados por vinte soldados chegamos ao tribunal, ou antes, ao teatro onde foi representada a ignóbil comédia. Às nove horas começava a sessão que devia ser trágica; éramos vinte e sete os presentes; primeiro fizeram os interrogatórios da identidade e em seguida as inquirições individuais, tudo em alemão. O intérprete, traduzia as perguntas e as respostas. Da uma hora e trinta às três houve interrupção para comer na gamela, numa sala lateral; a vigilância não podia ser mais cerrada sem possibilidade de poder conversar entre nós. Para irmos urinar, tínhamos dois guardas e as mãos algemadas. Depois dos interrogatórios o procurador pronunciou a acusação em alemão. Nada compreendemos mas compreendemos o intérprete, quando nos anunciou que o procurador pedia condenação à morte para vinte e cinco entre os vinte e sete acusados.

Devo dizer-vos, de todo o meu coração partidário, que este instante foi solene; entre nós nenhum se mexeu, ouvimos com sorriso nos lábios, lançando assim o nosso ódio à cara dos nossos carrascos. Um advogado disfarçado em cabo alemão tomou a defesa dos condenados à morte; do que ele disse nada soubemos. Imediatamente foi suspensa a sessão para deliberação do tribunal. Na reabertura foi-nos lida a acusação e dito que a decisão não tinha apelo. O tribunal tinha reduzido a vinte e dois o número dos condenados à morte. Como é natural as actas de acusação foram lidas em alemão e por isso não conhecemos o conteúdo (...).

Caros camaradas, ficai certos de que cumprimos o nosso dever e nenhum pesar sentimos por isso. Temos sido bons soldados do Partido e da França. Que este exemplo não seja inútil porque é preciso que a França viva e que o nosso grande Partido ocupe o seu lugar num regime melhor em que o povo que trabalha possa impor a sua vontade.

Partimos com a consolação de ver que Hitler não pôde fazer a sua ofensiva e que os valentes exércitos lhe sustêm a respiração e o esmagam pouco a pouco.

O triunfo é certo, o nazismo e o fascismo estão em vésperas de morrer para sempre.

Camaradas, meus bons amigos, digo-vos adeus, assegurando-vos que com todos os irmãos na miséria, iremos para o poste de execução de cabeça levantada e punhos cerrados gritando com toda a força:

Viva o nosso grande Partido! Viva a França!

Queridos pais, tenho a satisfação de vos escrever, assim como aos camaradas, coragem e adeus!

JD

CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA

COMEMORAÇÕES DO 11.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

No próximo dia 25 de Abril a população do concelho de Sesimbra vai comemorar o 11.º aniversário do Dia da Liberdade de forma ainda mais significativa, pois que, para além das manifestações já tradicionais neste concelho, vai ser inaugurado, à entrada da vila de Sesimbra, o **MONUMENTO AO 25 DE ABRIL**.

Dado tratar-se de um acontecimento de grande significado, tanto para a população do concelho de Sesimbra, como para a História e cultura nacional, pensamos que seria do maior interesse o registo e divulgação da cerimónia da inauguração, a que estarão presentes para além das entidades locais, representantes da Associação 25 de Abril e outras personalidades que tiveram um papel determinante na História recente do Portugal de Abril.

PROGRAMA

DIA 25 DE ABRIL

8h00 — Alvorada
9h30 — Hastear da bandeira
9h45 — Entrega de medalhas a trabalhadores da Câmara Municipal, por serviços prestados.
10h00 — Sessão solene, presidida por representantes da Associação 25 de Abril
11h00 — Romagem ao cemitério
12h00 — Homenagem a sesimbrenses ilustres

Lotaria Comemorativa da Descoberta do BRASIL

NO INÍCIO DO SÉCULO XVI PEDRO ÁLVARES CABRAL EMPREENDEU A VIAGEM QUE O LEVARIA À DESCOBERTA DO BRASIL.
HABILITE-SE À FABULOSA
TALUDA de 60.000 CONTOS
DA LOTARIA COMEMORATIVA DA DESCOBERTA DO BRASIL
E A MAIS 161.760 CONTOS
DE OUTROS MILHARES DE PRÉMIOS
Dia 26 anda a roda

Delegados dos bombeiros vão reunir-se em Beja

Duzentos e cinquenta bombeiros voluntários vão reunir-se em Beja, no próximo fim-de-semana em Assembleia de Delegados. A apresentação do orçamento para 1985 será um dos assuntos em análise. Outros temas em discussão: o acordo com a Direcção dos Cuidados de Saúde Primária, a concessão pelo Ministério da Administração Interna de um subsídio por quilómetro e estudo da Comissão para a Viabilização das Corporações. A Assembleia de Delegados da Liga é presidida pelo presidente da mesa do Congresso, José Manuel Ferreira. Portugal conta com cerca de 40 mil bombeiros voluntários e profissionais distribuídos por 515 corporações.

Prémio Val Flor tem candidato em Viseu

O pequeno Ricardo Afonso Pedreira Fernandes, de cinco anos de idade, residente em Santo Evos, Viseu, foi proposto para candidato em 1985 ao Prémio Val Flor, segundo informou o governador civil do distrito. De acordo com a mesma fonte, Ricardo Afonso salvou o seu irmão Jorge Tiago, de 17 meses, de morrer afogado ao cair num tanque cheio de água.

Depois há boicote

Pescadores de Sines esperam pelo porto até 15 de Junho

Os pescadores de Sines manifestaram a intenção de boicotar as obras do terminal de carvão ou o acesso ao porto de Sines, se as obras no porto de pesca não forem iniciadas na data prevista.

Em plenário, os pescadores decidiram esperar até 15 de Junho, data anunciada pelo Ministério do Mar para o início das obras do porto de pesca, informou o porta-voz dos pescadores Francisco Pacheco.

Segundo Francisco Pacheco, também presidente do município de Sines, os pescadores têm sido «ludibriados», desde que começaram as obras do terminal de carvão, em Setembro de 1984.

A decisão dos pescadores foi tomada depois de as obras não terem sido iniciadas a 30 de Abril, data prometida pelo antigo titular da pasta Carlos Melancia, disse o porta-voz.

Francisco Pacheco acrescentou que inicialmente se admitiu que as obras fossem feitas como adicional ao terminal de carvão ou mediante ajuste directo com o empreiteiro e recentemente uma resolução do Conselho de Ministros determinou que as obras se fariam por concurso público.

«Neste momento está aberto concurso limitado, tendo já o Gabinete da área de Sines seleccionado os empreiteiros que deverão apresentar propostas para a construção» acrescentou.

Évora apoia

Autarcas e técnicos do distrito de Évora consideraram, entretanto, que o empreendimento de Sines só se assumirá plenamente quando for construído o porto comercial e implementados eixos de desenvolvimento que o ligam ao interior.

Durante as 3.ªs jornadas de trabalho com as autarquias organizadas pelo Gabinete de Área da Sines e que decorreram sexta-feira e hoje em Santo André, os cerca de 30 autarcas e técnicos do distrito de Évora afirmaram ser necessária a implementação integral do projecto de aproveitamento integrado das pirites alentejanas e a instalação em Sines de uma unidade de metalurgia do cobre.

As entidades representadas concordaram em enviar todos os esforços no sentido de articular acções tendentes a promover o desenvolvimento socioeconómico harmónioso das regiões em presença do Alto Alentejo e área de Sines.

Estas jornadas seguiram-se às já realizadas pelo GAS com as autarquias dos distritos de Portalegre e Beja.

Os 14 concelhos do distrito de Évora não estiveram representados na sua totalidade pois decorriam, ontem, «marchas contra o desemprego e terras abandonadas».

Fenprof exige abertura dos concursos para professores provisórios

A Federação Nacional dos Professores exige que o Ministério da Educação abra concurso para contratos plurianuais «com vista à efectiva consagração do direito à estabilidade de emprego» dos professores, e que simultaneamente declare as vagas para profissionalização.

A Fenprof reitera em comunicado a sua disponibilidade para negociar quer o número e distribuição das vagas quer as alterações «adequadas no sentido de rentabilizar e tornar eficaz em todos os aspectos o processo de formação profissional dos docentes em exercício».

Fundamenta esta sua posição no facto de por um lado o mês de Abril estar a terminar e os concursos não terem ainda sido abertos para aqueles professores e, por outro, na sua rejeição do modelo de profissionalização em exercício elaborado pelo Ministério da Educação e já aprovado em Conselho de Ministros.

A Fenprof contesta a não existência de negociações entre o ME e as estruturas representativas dos professores sobre o novo modelo, bem como o seu conteúdo que, a ser aplicado, deixará «milhares de professores sem emprego».

Afirma a Fenprof: «aumentará a instabilidade profissional, não serão respeitados os direitos adquiridos, — nomeadamente pelos professores contratados plurianualmente — prevêm-se discriminações inaceitáveis quanto às habilitações próprias para o ensino, o processo de formação vai ser consideravelmente alargado».

Aponta ainda como aspecto negativo o facto de nada se saber sobre o tipo de intervenção atribuída às Escolas Superiores de Educação nessa formação, nem a sua capacidade de resposta relativamente à profissionalização dos 16 mil professores provisórios em exercício. Acrescenta que, contrariamente ao que sempre tem defendido, o modelo elaborado pelo ME prevê a profissionalização à margem da escola.

Comandante dos "carabinieri" visitou a GNR do Porto

Uma delegação da «Arma Dei Carabinieri» de Itália, chefiada pelo seu comandante, general Riccardo Bisogniero, visitou no Porto as instalações do Quartel do Carmo da GNR. O comandante desta força, general Tomé Pinto, acompanhou os visitantes, que foram recebidos com honras militares. O comandante do Batalhão número 4 da GNR, coronel Moreira Campos, apresentou cumprimentos à delegação italiana, seguindo-se uma reunião, na sala de operações da unidade.

AUTOCOOPE
COOPERATIVA DE TÁXIS DE LISBOA

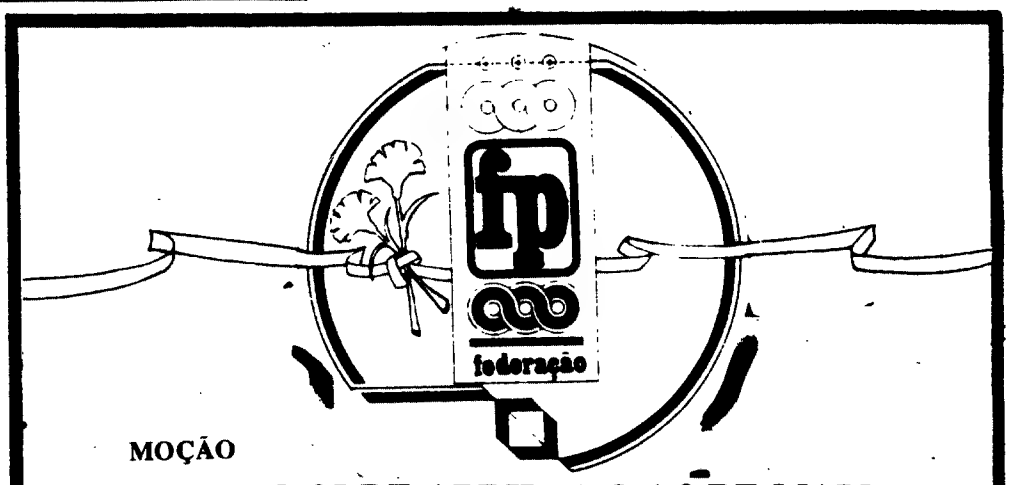
9.º ANIVERSÁRIO
18/3/76 — 18/3/85

SERVIÇO DE TÁXI
RÁDIOTELEFONE 65 91 51/8

ISO TÁXIS
AO SERVIÇO DA CIDADE
DE LISBOA

com
Abril
saúda os estimados clientes

AUTOCOOPE foi e será obra dos trabalhadores



MOÇÃO

SOBRE O 25 DE ABRIL E O 1.º DE MAIO

Duas datas históricas — o 25 de Abril e o 1.º de Maio — vão trazer à rua, nos próximos dias, a luta e a esperança do povo português.

Onze anos depois da madrugada de Abril, o pior governo desde 74 e as duríssimas condições de vida e de trabalho por ele impostas não quebraram a confiança dos democratas. Confiança na liberdade, na democracia, na justiça social, só possíveis com aqueles que produzem riqueza: os Trabalhadores.

As comemorações populares do 25 de Abril e do Primeiro de Maio, neste ano de 1985, darão um impulso maior na torrente de contestação à política anti-Abril deste Governo e de exigência de radical alteração da actual política.

Os trabalhadores da Função Pública comemoram a Revolução dos Cravos eo o Dia do Trabalhador em luta contra a desmotivação profissional, a degradação do seu poder de compra, a instabilidade no emprego, a sonegação dos seus direitos individuais e colectivos.

O 2.º Congresso da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, reunido em Lisboa, em 19/20 de Abril 85:

PORQUE: a semente de Abril está viva!

SAÚDA o 11.º Aniversário do 25 de Abril e o Primeiro de Maio!

APELA à participação massiva dos TFP nas comemorações populares do 25 de Abril e no desfile do 1.º de Maio.

REAFIRMA A CERTEZA que estas comemorações serão o início da poderosa acção que derrotará a actual política e quaisquer candidatos presidenciais de direita ou por ela apoiados através da capacidade de unidade de todos os democratas.

A CNOC

federação nacional dos sindicatos da função pública

Subsídios para a História

O 25 de Abril em Macau

Dias Brito

Pouco passava das cinco horas da tarde quando Tarcísio da Luz, um gordo macaense a lembrar Sancho Pança, segundo as ilustrações de Gustave Doré para a obra de Cervantes, começou a alertar amigos e conhecidos para as notícias que a rádio Hong-Kong estava a transmitir.
Tarcísio, um modesto manga de alpaca que depois da saída da repartição se devotava ao exercício do jornalismo; com mais paixão do que proveito. Descendente de metropolitanos viria a morrer aos cinquenta anos sem ter realizado o seu grande sonho: — conhecer Portugal.

Escriba de um dos dois diários publicados em Macau, terá sido o primeiro habitante daquele território a tomar conhecimento do movimento militar que na madrugada desse dia iniciara o derrube do regime implantado em 1926.

Telefonema após telefonema, numa alegria contagiosa ia informando a novidade, no momento ainda confusa e pouco concludente: rebentara uma revolução em Portugal.

Aquela hora em que a emissora inglesa de Hong-Kong difundia a notícia, cinco da tarde, eram apenas 11 horas da manhã em Lisboa, altura em que muita gente no País e na própria capital desconhecia os acontecimentos e poucos sabiam dos verdadeiros objectivos.

A partir daquela altura, macaenses e metropolitanos, bem como alguns chineses pregavam-se às telefonias na ânsia de saber mais e mais do que se passava em Lisboa, a conjecturar eventuais consequências. A ansiedade generalizava-se de esperança para uns e temor para outros conforme se era mais ou menos contestante ou beneficiário do regime.

Os telefonemas cruzavam a cidade e os amigos iam-se juntando na casa deste ou daquele trocando informações e aguardando expectantes a chegada de novas notícias.

À noite já as duas emissoras de televisão da vizinha colónia inglesa, cada uma com dois canais em inglês e chinês perfeitamente captados em Macau, davam imagens da acção e movimentação das tropas e do apoio popular nas ruas da capital.

Pelo resto da noite, madrugada e dia seguinte, a população portuguesa de macau manifestava o contentamento ou as preocupações conforme o posicionamento ideológico e privilégios a defender.

Poucos dias antes do Movimento dos Capitães, Marcelo Caetano fizera a sua última «conversa em família», difundida como habitualmente por todo o império. Tal motivo levaria o governador da província (?) de Macau, general Nobre de Carvalho, em obediência a imperativos regimentais, e não só, a enviar ao presidente do Conselho o habitual telegrama de felicitações, congratulações e garantia de indefectível lealdade, como era da praxe.

A pirueta governamental

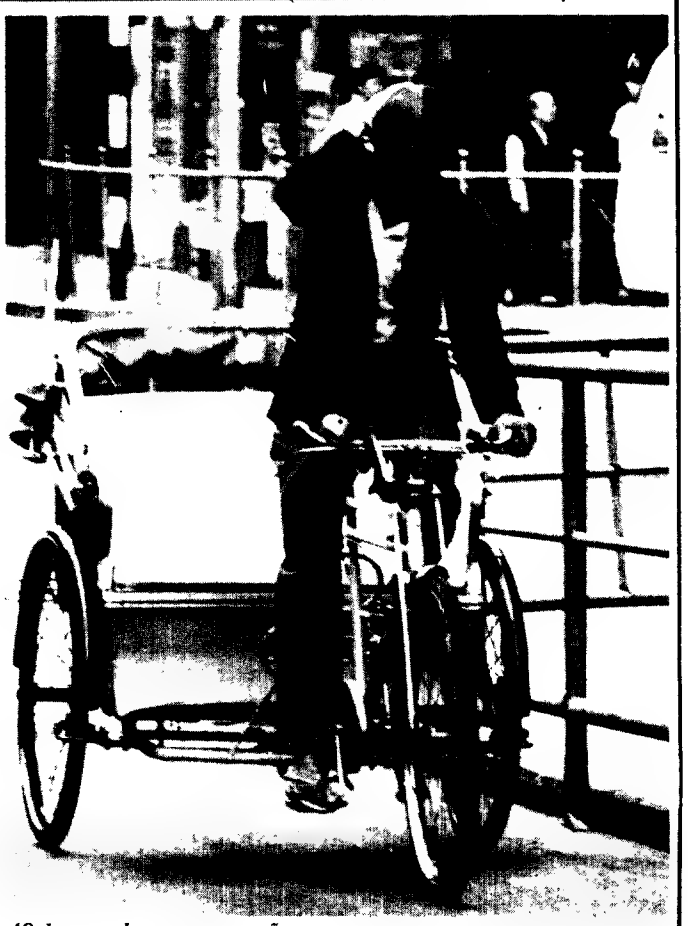
Só que os CTT de Lisboa, puderam no dia 26 de Abril, com a mais fina, ironia devolver o telegrama ao governador de Macau com a informação de não ter sido entregue por se desconhecer o paradeiro do destinatário.

Entretanto, o general-governador no uso e abuso do exercício da autoridade, manteve ainda por duas semanas o mecanismo censório e proibiu que a Rádio e Imprensa portuguesas: os diários «Notícias de Macau» e «Gazeta Macaense» bem como o bissemanário católico «Clarim» publicassem quaisquer notícias respeitantes à Revolução dos Cravos, na esperança de que se frustrasse o movimento, como acontecera a todos os outros desde o de 1927 ao mais recente, o de 17 de Março daquele ano.

Se tal acontecesse, o governador de Macau seria o único em todo o império a poder dizer que resistiu à intentona e se mantivera fiel ao ideário do Estado Novo e aos altos interesses da Nação.

Curiosamente os jornais chineses de Macau, que não obedeciam à censura, divulgavam tudo quanto sabiam e Hong-Kong continuava a enviar para o território português as imagens do que estava a acontecer em Lisboa.

No entanto, e como o seguro morreu de velho, o governador lá foi mandando para a Junta de Salvação Nacional a que presidia Spínola mais o seu faiscante monóculo, um telegrama sensivelmente igual ao anterior, com felicitações, congratulações e, naturalmente, a garantia de indefectível lealdade, agora ao novo regime, como era da praxe e continua a ser.



48 horas de preocupação...

Ignora-se se o telegrama foi ou não responsável pelo facto insólito de ser o governador de Macau o único desde Cabo Verde a Timor que se manteve no posto depois do 25 de Abril, permanecendo até ao fim do mandato, mais cerca de meio ano, apesar dos atropelos, tentativas de boicotagem e perseguições, respectivamente aos elementares conceitos de justiça, às conquistas revolucionárias e aos cidadãos que festejaram e impuseram em Macau as liberdades democráticas devolvidas aos portugueses pelos Capitães de Abril.

MARQUISES
E CAIXILHARIA EM ALUMINO ANODIZADO

ORÇAMENTOS
GRÁTIS

CAIXILUX
COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE ALUMÍNIOS, LDA.

DIVISÓRIAS
RESGUARDOS
PARA
BANHEIRAS

ESCRITÓRIO E SALÃO DE EXPOSIÇÃO
(Aberto das 9 às 21 h)
Rua Francisco de Holanda, 28-A
Telef. 77 74 88 - 77 63 23
77 63 59 - 77 65 10
Almada — 275 57 43 - 275 58 06
Fábrica — 980 35 27

AGROPROMOTORA

Cooperar e desenvolver

ÁREAS DE TRABALHO
AGRICULTURA • PECUÁRIA • INDÚSTRIA ALIMENTAR • PLANOS DIRECTORES DO SECTOR PRIMÁRIO • ANÁLISE DA VIABILIDADE TÉCNICA-ECONÓMICA DOS INVESTIMENTOS • PROJECTA E IMPLEMENTA

ENTIDADES
COOPERATIVAS • AUTARQUIAS
OUTRAS EMPRESAS

PAÍSES AFRICANOS
REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA
REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE
REPÚBLICA POPULAR DEMOCRÁTICA DA ARGÉLIA

COOPERATIVA PRODUTORA
DE PROJECTOS AGRICOLAS SCRL
Rua Cardeal Mercier, 29-1.º Lisboa
☎ 73 51 35

Hora a hora: para que não esqueça...

Bastaram menos de 18 horas

Bastaram 17 horas e 45 minutos para derrubar o regime de 47 anos, 10 meses, 24 dias e algumas horas. Eis uma sequência, hora a hora, das principais acções na madrugada de há 11 anos:

24 de ABRIL

22.55 — Os Emissores Associados de Lisboa anunciam que faltam cinco minutos para as 23 horas e transmitem «E Depois do Adeus» de Paulo de Carvalho.

25 DE ABRIL

00.25 — Leitura, na Rádio Renascença, de uma estrofe de «Grândola, Vila Morena», seguida da passagem da canção de José Afonso.

00.30-03.00 — Primeiras operações militares.

04.30 — Leitura do primeiro comunicado do MFA no Rádio Clube Português.

05.30 — Tropas de Santarém ocupam posições no Terreiro do Paço, sede dos Ministérios militares.

07.30 — Primeiro comunicado do MFA com os seus objectivos: «As Forças Armadas desencadearam na madrugada de hoje uma série de acções com vista à libertação do País do regime que há longo tempo o domina.»

10.00 — Rendição das tropas governamentais, no Terreiro do Paço.

11.30 — Governo cercado no Largo do Carmo, sede da GNR.

18.00 — Rendição do Governo de Marcelo Caetano e passagem do testemunho para Spínola.

Anunciada, à porta do Quartel do Carmo, a rendição de Caetano

Era assim quando chegavam as tropas: os familiares só tinham a certeza quando os viam e lhes tocavam

Os barcos iam e vinham, entre Lisboa e Bissau, Luanda ou Lourenço Marques, num vai-e-vem cada vez mais preocupante

O 25 de Abril analisado em França

Guerra colonial foi factor determinante

Se não fosse a guerra colonial, talvez os desequilíbrios sociais e económicos e a oposição subjacente não tivessem sido suficientes para desestabilizar o regime de Salazar e Caetano — escreve-se num estudo francês sobre o 25 de Abril.

Organizado pela documentação francesa, o estudo «Portugal: Dez Anos de Democracia» foi elaborado por Beatrice de Varien, a partir de uma proposta apresentada pelo embaixador de França em Lisboa, Jacques Chazelle.

Publicado na revista «Problemes Politiques et Sociaux», o «dossier» a que a Agência NP teve acesso considera determinante para a eclosão da Revolução dos Cravos o prosseguimento da guerra colonial e o mal-estar do Exército.

António Salazar — explica-se — considerou durante muito tempo os territórios ultramarinos como uma simples propriedade de Portugal. O acto colonial de 1930 instaurou um «Estatuto do Indígena» que recusava a cidadania portuguesa à maior parte dos habitantes.

Em 1951, as colónias tornaram-se «províncias ultramarinas». Em 1961, o estatuto do indígena foi suprimido, mas o acesso à cidadania continuou muito teórico.

Nos anos sessenta, quando já a França e a Inglaterra tinham concluído os seus processos de descolonização, Portugal tentou valorizar as suas regiões africanas mal geridas e deixadas nas mãos de uma administração antiquada.

Contestação transforma-se em guerra

O estudo da documentação francesa assinala que, por essa altura, Portugal encorajou, embora com um controlo estrito, os investimentos nas colónias e a instalação de novos colonos, promovendo o desenvolvimento das ligações ferroviárias e rodoviárias, a construção de escolas e de grandes barragens, tudo isto em particular nos dois países mais ricos.

Ao mesmo tempo, a contestação transformava-se em guerra e o Governo de Lisboa viu-se obrigado, para manter a sua presença em África, a desencadear operações militares em três frentes (Angola, Moçambique e Guiné-Bissau).

Foi uma guerra custosa — sublinha Beatrice de Varien: em cada ano, gastava-se nela metade do orçamento de Portugal. Ao cabo de treze anos os resultados continuavam incertos.

A guerra colonial fez pelo menos oito mil mortos e vinte e oito mil feridos.

O conjunto da população portuguesa compreendia mal esta guerra interminável que tocava, hoje ou amanhã, quase todas as famílias.

O serviço militar durava de três a quatro anos, segundo os casos. As deserções eram numerosas. Avalia-se em mais de cem mil os jovens que emigraram clandestinamente para escapar à incorporação.

O estudo francês assinala que entre os militares milicianos, aqueles que eram membros do PCP e muitos estudantes iniciados na luta política nas Universidades ou influenciados pelo Maio de 1968 punham em causa os princípios da guerra colonial.

A esperança tinha desaparecido

Estariam eles a defender o futuro das populações autóctones ou o da raça branca em África? Batiam-se eles pelos interesses de uma civilização portuguesa benfeitora ou pelos dos grandes grupos financeiros e das potências estrangeiras implantadas em África?

Por seu turno, os militares de carreira sofriam da impopularidade desta guerra e, por arrastamento, do próprio Exército.

Para aqueles que estavam no terreno (oficiais subalternos, suboficiais), a esperança de regularizar militarmente o problema colonial tinha desaparecido. Como é que poderiam ganhar contra este tipo de guerrilha, quando por essa altura os próprios Estados Unidos falhavam no Vietname?

Só depois do 25 de Abril, no entanto, é que os seus objectivos vieram a ser concretizados.

Onze anos depois, metade estão vivos

Onde pára o último governo de Marcelo Caetano?

Praticamente metade dos membros ainda vivos do último governo de Marcelo Caetano foi absorvida pelo novo regime político saído do 25 de Abril, exercendo funções institucionais no actual sistema. O último governo português antes do movimento dos capitães era constituído por 34 personalidades, 15 das quais com funções ministeriais.

O seu chefe, que então tinha a designação constitucional de presidente do Conselho de Ministros, morreu no Brasil, em Outubro de 1980. Marcelo Caetano nunca quis regressar a Portugal, nem mesmo depois de morto.

Também o número dois do governo, o ministro de Estado adjunto do presidente do Conselho, já faleceu. A viúva de Mário Morais de Oliveira disse que após o 25 de Abril o seu marido se manteve em Portugal, excercendo a advocacia. Morreu com 60 anos, há seis anos.

Já falecidos, também o ministro do Interior, César Moreira Baptista, o ministro da Justiça, António Lino Neto, o ministro da Marinha, vice-almirante Pereira Crespo e o secretário de Estado da Aeronáutica, general Tello Polleri.

A nível de ministros, dois encontram-se ainda no Brasil, Rui Patrício (que era dos Negócios Estrangeiros), actual presidente de uma das maiores empresas Holding do Brasil, detentora de 10 por cento da Volkswagen, a Monteiro Aranha, e Baltasar Rebelo de Sousa (que era ministro do Ultramar) director da Penuac, em São Paulo.

Em funções docentes estão o ministro da Defesa Nacional, Joaquim da Silva Cunha (Universidade Livre do Porto e Universidade Técnica de Lisboa) e o ministro da Agricultura e Comércio, João da Mota Campos (Universidade Técnica de Lisboa). Este último disse que aguarda concurso para professor catedrático de Direito Comunitário e Relações Internacionais. Mantém um escritório de advogado em Lisboa.

Ligados a actividades empresariais privadas estão o ministro das Finanças e Coordenação Económica, Cotta Dias, o ministro das Corporações e Previdência Social, Joaquim Silva Pinto (director-interino da revista «Homens e Negócios» e vice-presidente da Asssociação Industrial Portuguesa e ex-próximo de Eanes) e o ministro da Saúde, Clemente Rogeiro (Empresa Distribuidora de Jornais, DIG).

Clemente Rogeiro disse à agência NP que depois do 25 de Abril foi compulsivamente aposentado da Função Pública (tinha sido presidente da Emissora Nacional), mas que nunca saíra do País. Mantém escritório de advogado na capital.

O ministro do Exército, general Alberto Andrade e Silva está reformado (quando entrou para o governo já estava na reserva) desde 1976 e o ministro da Indústria e Energia, Daniel Barbosa, encontra-se muito doente em casa. Tem 77 anos.

O ministro da Educação Nacional, Veiga Simão é o actual ministro da Indústria e Energia do Governo de coligação PS-/PSD, sendo militante socialista.

O ministro das Obras Públicas e Comunicações, Rui Sanches é inspector-geral de Obras Públicas no actual Ministério do Equipamento Social. Fez questão de sublinhar à agência NP que antes do 25 de Abril «o seu ministério eram dois, soçobrados ambos pela mesma pessoa».

Quanto aos secretários de Estado apenas um está no Brasil: Alberto Xavier (Planeamento), advogado no Rio de Janeiro e consultor jurídico da Monteiro Aranha, a empresa de Rui Patrício.

Pedro Pinto (Informação e Turismo), que teve papel preponderante nas negociações Spínola-Marcelo no dia 25 de Abril, regressou à carreira diplomática, e está como cônsul em Genebra (Suíça).

José Luís Sapateiro (Tesouro) é gestor de uma empresa de construção , em Lisboa e Augusto Vítor Coelho (Orçamento), vice-presidente do Supremo Tribunal de Justiça.

O secretário de Estado das Obras Públicas, Pinto Eliseu, está aposentado e o secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, Nogueira de Brito é deputado, líder parlamentar do CDS e vice-presidente da Comissão Política dos Democratas-Cristãos.

O capitão-de-mar-e-guerra, Sacramento Monteiro (Administração Ultramarina) foi compulsivamente passado à reserva em 23 de Maio de 1974, sendo actualmente vogal da Comissão de Direito Marítimo Internacional, dependente do CEMA.

Rui Martins dos Santos (Fomento Ultramarino) integra o actual Governo, como independente, no gabinete de Ernâni Lopes, como secretário de Estado das Finanças.

Mendes Ferrão (Agricultura) é professor catedrático do Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa, e presidente da Comissão Nacional da FAO, enquanto Augusto de Ataíde (Instrução e Cultura) após longos anos no Brasil, está em Lisboa como representante de um grupo de investidores estrangeiros.

Valadão Chagas (Juventude e Desportos) está em casa, na capital, em recuperação de uma trombose que sofreu há dois anos. «Sou aposentado da Sacor (actual Petrogal) e espero a aposentação da Função Pública. Estou numa fase de não fazer nada», afirmou à NP.

António Caetano de Carvalho, que foi subsecretário de Estado da Informação e Turismo, esteve sete anos no Brasil e hoje é assessor da Direcção-Geral dos Espectádulos e do Direito de Autor, destacado desde Janeiro do ano passado na Comissão Instaladora da Companhia Nacional de Bailado.

«No Brasil fui presidente da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras e agora sou representante da Federação, em Lisboa», disse.

O coronel Viana de Lemos (subsecretário de Estado do Exército) está na reserva desde 6 de Setembro de 1974, e Miguel Pupo Correia (subsecretário de Estado das Comunicações e Transportes) é advogado em Lisboa e tem funções docentes na Universidade Livre. Regressou há pouco do Brasil.

O subsecretário de Estado do Comércio, Henrique de Almeida, exerce as funções de assessor da direcção do Instituto do Azeite e Produtos Oleaginosos e o subsecretário de Estado da Previdência Social, Ivo Cruz, depois de ter sido presidente do Instituto de Apoio à Transformação e Comercialização dos Produtos Agrários e Alimentares, está na Associação Industrial Portuguesa e dirige o gabinete para o desenvolvimento da Universidade Católica Portuguesa.

Finalmente, o subsecretário de Estado da Energia, capitão-de-mar-e-guerra, Soeiro de Brito, foi compulsivamente passado à reserva em 2 de Setembro de 1974, sendo actualmente vice-presidente da Sociedade de Geografia e membro efectivo da Academia de Marinha.

Quanto ao Presidente da República de então, almirante-de-esquadra, Américo Tomás, está em Lisboa, depois de alguns anos de exílio no Brasil. O seu regresso ao País foi apadrinhado por Ramalho Eanes. Hoje, com 90 anos , aguarda na sua residência, que tenha seguimento uma proposta de reintegração na Marinha.

Não concede entrevistas, mas publicou um livro de memórias, em quatro volumes.

Luís Pinheiro de Almeida
NP/«DL»

Moçambique: entre o sofrimento e a esperança

Mário Castrim

Mário Neves: testemunho de um jornalismo

Foi um momento excepcional de informação na TV aquele em que Mário Neves nos veio falar da sua reportagem em Badajoz. Testemunho impressionante de um dos maiores crimes do fascismo. A praça de touros de Badajoz fica a denunciar a verdadeira natureza do monstro.

Mas a reportagem de Mário Neves tem a ver com outros aspectos como seja a análise das situações em que trabalhavam os jornalistas portugueses; a constante mutilação do seu pensamento (que chegou à sua deturpação!); a luta que tantos e tantos jornalistas travaram para defender a sua dignidade; e os ínvios processos de linguagem que utilizavam para que a verdade minimamente pudesse chegar aos leitores.

Testemunho precioso este de Mário Neves. Lamente-se apenas que a RTP o tenha servido no **Último Jornal,** uma hora de quase-ninguém, em vez do **Telejornal,** como tudo parecia aconselhar.

Sendo porém as coisas o que são, o melhor ainda será ficarmos gratos a quem, mesmo à hora do sono, resolveu lembrar aos portugueses como é perigoso fechar os olhos.

Automóveis: interesses a quatro rodas

Há pessoas que gostam das corridas de automóveis. Não se pode, por enquanto, fazer nada contra isso a não ser um padre-nosso e uma avé-Maria.

Gostam, e a RTP desenvolve, fomenta, aumenta e explora esse gosto. Em termos que, quanto a ocupação do espaço, se tornam escandalosos, obscenos.

Não vale a pena referir os interesses variados que estão na base do processo, desde os interesses grandes aos mesquinhos interesses haverá de tudo. Só que: não há nada que, no plano desportivo, cultural, social, justifique a entrega total da RTP à função.

No domingo, repare-se, houve automobilices de manhã, à tarde e à ceia, como a carne de baleia. Parece que não bastava; pelo que no **Último Jornal** ainda vieram as notícias, como se fora lícito a alguém, neste país, por muito distraído que estivesse, ignorar o que se passava!

Eu cá, Deus me perdoe se levanto falsos testemunhos, eu cá até cheguei a pensar que a RTP não passou logo o final da corrida de Carlos Lopes para não quebrar a monotonia, desculpem!, para não quebrar a harmonia às quatro rodas...

Se não foi, peço desculpa. Mas se foi, não se incomodem com os espasmos de consciência. Não tem importância.

Realidade: pode ser ou não ser...

Infelizmente, os colaboradores e profissionais da televisão em geral, e os desportivos em particular, não praticam, como lhes competia, a crítica da especialidade. Depois, é claro, dão bota. Anda a crítica afubada em ajudá-los e eles, moita carrasco!

Não apenas nesta coluna mas em muitas outras, se tem posto o máximo cuidado na avaliação da imagem. Sabe-se quanto a imagem dá, quantas vezes, uma distorção danada do real. Tal como para o pintor célebre a pintura não é a forma, mas uma forma de ver a forma, a câmara não dá mais do que a sua maneira de ver a realidade-que pode ser ou não ser a realidade a valer...

Veja-se a imagem da câmara colocada no enfiamento da linha do meio campo: a bola passou a rasar a trave. Veja-se o mesmo lance apanhado pela câmara do topo: a bola passou quilometricamente falando...

Os comentadores que seguem o jogo pela televisão, como qualquer mortal telespectador, deviam evitar juízos de valor baseados unicamente naquilo que as imagens lhes dizem. Na semana passada, e nesse aspecto, comentadores, aliás de boa qualidade, caíram com frequência nesse erro.

Resultam por vezes apreciações à arbitragem por conta de uma responsabilidade que os comentadores não podem assumir. As consequências podem ser as mais gravosas, as mais perigosas. Como é que alguém, assentando em testemunho por vezes tão precário, se atreve a contrariar a decisão do árbitro? Dada a influência da TV, ainda me admiro mas é como as violências, as calúnias e as incomodidades dos árbitros não são maiores...

Boca, mãos, corpo: tudo isto é fado

Interpretações fadistas sem qualidade, ou com muita reduzida, são mandadas para horários de grande audiência. Uma sessão com Teresa Tarouca é posta a meio da tarde de um domingo insípido!

Teresa Tarouca: eis uma fadista que guarda o preceito e defende a tradição do **estilo.** Não mói palavras, não anda no carrocel do menor, do bacalhau, do velho de Alfama ou do fado-canção para turista ver: não faz por receita. Faz pela raiva, pela lucidez, pela intenção do momento. Sabe, como poucos fadistas, **estilar.**

É verdade que, por vezes, estila com exagero, embalada por um certo vagar que procura o sabor das palavras e por vezes consigo próprio se ilude. Exemplo disso está na forma como diz «povo que lavas no rio». A frase é uma invocação. A excessiva lentidão retira-lhe força, dilui a sua presença na memória do fado, na adesão do público.

Anote-se, por outro lado, como se invalida uma interpretação, quando o fadista empunha o microfone. O fado não vive apenas das palavras e da voz, para isso compramos os discos e está tudo resolvido. Vive do corpo, das mãos, da expressão, vive da própria boca a rasgar ou a beijar o fado. E o microfone em punho destrói tudo isso...

O que aí fica mais não pretende do que manifestar a pena de ver Teresa Tarouca em condições tão desfavoráveis. O pobre dirá que «mais vale pouco que nada». Fique-se por aí quem for realmente pobre. Mas não é da «exigências» desses que a TV melhora.

... E então veio o pesadelo. Veio nas imagens de fome, de abandono, de crime que só têm paralelo nos testemunhos dos campos de concentração nazi. A quem viu, não vale a pena falar nisso; a quem não viu não interessa contar, pela simples razão de que **não se pode contar.**

Os dirigentes africanos escutados não acusaram ninguém. Pensam que, neste momento, o importante é conjugar esforços para salvar as populações africanas. Mas é realmente impossível ignorar como, na base da desertificação, está a ganância colonialista que levou à razia das florestas; como na base da incultura das populações está a destruição da inteligência provocada pelas potências europeias; como, na base das dificuldades tecnológicas para combater a seca, está o abandono industrial provocado pelas mesmas potências.

Por outro lado, não devemos esquecer que, com dois por cento apenas dos orçamentos bélicos, se resolviam os problemas da fome no continente africano. Depois disto, parece que todas as palavras são desnecessárias...

A primeira parte de «Grande Informação» trouxe-nos um documento vivo da realidade em Moçambique.

Nada de optimismos exagerados, nada de tirar da manga trunfos miríficos – mas também nada de baixar os braços diante dos problemas. E essa confiança, essa força, essa coragem do povo moçambicano, essa determinação na busca de soluções de forma organizada, eis a grande lição que até nós chegou ontem vinda de Moçambique.

As dificuldades não foram de maneira nenhuma escamoteadas. Dificuldades derivadas da seca, dificuldades derivadas da ausência de tecnologia para vencer a seca, dificuldade da ausência de quadros (essa marca do colonialismo tendente à manutenção da dependência...) e ainda os crimes praticados pelos bandidos da **Renamo.**

Ficou bem expresso que os bandos armados exercem uma acção terrorista desacompanhada de qualquer projecto político válido. Sem o apoio logístico da África do Sul, sem o enquadramento dos mercenários, os criminosos da **Renamo** não dariam um passo. Dessa **Renamo** de acção tolerada e conhecida e quiçá protegida por estranhas forças num país como o nosso cujos laços fraternais com o povo de Moçambique deviam ser religiosamente defendidos.

O momento é difícil para o povo de Moçambique; mas ele tem o seu destino nas suas próprias mãos e esse é o passo essencial para a resolução dos problemas.

Isto é o que a História ensina.

Maria Judite de Carvalho

A moeda

Na também feira dos milagres chamada Chiado, o homem estendia a mão à caridade, mostrando, com esperança, ou com desespero, as suas mazelas. A caridade, porém, não andava por ali nesse dia. Ultimamente — ultimamente? — as pessoas têm vindo a especializar-se em olhar em frente. Talvez porque têm um coração muito sensível, as pessoas não podem ver certas coisas. Claro que há excepções. Algumas param, deixam caír uma moeda e perguntam a si próprias se lá em cima Ele terá visto como elas são boas, sensíveis, dignas de atenção futura, enfim.

A mulher descia o Chiado e era um dia em que ia mal disposta consigo própria e com o mundo. Descia o Chiado, mas descia o deserto. Uma pessoa amiga disse-lhe olá, mas ela não a viu, não a ouviu. O seu olhar itinerante lambeu uma bandeja com moedas, poucas, que o homem talvez tivesse ali posto para chamar a atenção de quem passava. Sem grande êxito, pelos vistos.

E, de súbito, a mulher parou. Deu porque tinha as mãos nos bolsos e num deles havia uma moeda grande, pesada. Então voltou atrás e pôs na bandeja, devagar, os vinte e cinco escudos.

Não era hábito seu dar assim moedas de vinte e cinco escudos, não tinha posses para tanto, e também não era hábito do homem recebê-las. O instante era de pura e simples transgressão. Então o pedinte que exibia a sua perna estragada riu-se mostrando os dentes podres, e a mulher riu também e ambos sentiram, mas foi um simples vislumbre, que algo de estranho tinha acontecido.

Depois, a mulher seguiu o seu caminho pelo deserto e o homem ficou de novo à espera.

Sol poente

Carlos Porto

TÓQUIO, de Tennessee Williams. **Tradução:** José Camões. **Encenação:** Diogo Dória. **Cenografia e Figurinos:** Ana Jotta. **Colaboração:** Cristina Reis e Linda Gomes Teixeira. **Interpretação:** Suzana Borges, Diogo Dória, João Cabral, Virgílio Castelo e Cristina Almeida. **Estreia: SNBA, 10.4.85.**

Um bar bastante feio, nesse propósito bom trabalho de Ana Jotta, embora o simulacro do aquário (exigência da encenação?) me pareça já esteriotipado. De costas, o barman (João Cabral) prepara as bebidas, serve as bebidas, trabalha: veja-se a maneira como enclavinha os dedos quando vai pegar na bandeja, um «gestus» perfeito; de frente para ele e para os espectadores, Miriam (Suzana Borges), ninfomaníaca, a piscar o olho para o homem das bebidas e a fazer projectos de viagens.

Estamos, portanto, em Tóquio, no bar de um hotel de Tóquio: uma pequena bandeira com o Sol Nascente lá está a sinalizá-lo. Mais tarde chega Mark, pintor (Diogo Dória), bêbedo e sujo, repelente como a mulher, Miriam, afirma e demonstra. Está já naquela fase em que a situação do alcoólico atinge o «delirium tremens», embora para ele a explicação seja outra: como artista atravessou a fronteira do país proibido (por isso, destrói-se, acrescento). Uma havaiana (Cristina Almeida), não tão velha nem tão gorda como o texto pede, passeia-se, imagem das afirmações de Miriam.

Na segunda parte, chega Leonard (Virgílio Castelo), chamado por um telegrama urgente de Miriam. Ele é director de uma galeria de arte: pelas meias roxas e pela gravata de fantasia, calamitosa, imagina-se a pintura que ele exporá na galeria.

Aí estão as personagens de Tennessee Williams, atormentadas por fantasmas de que não conseguem libertar-se: álcool, droga, sexo, criatividade, solidão. E, no princípio e no fim, a Morte.

A morte que marca como a lepra, o rosto e o corpo de Mark («Só há duas coisas eternas: a cor e a luz»); a morte que atravessa Miriam por dentro, espreita por vezes pelos seus olhos, pelo seu rosto que se imobiliza como uma máscara. A morte e o terror da velhice, que a precede. Aí está, pois, o universo de Tennessee Williams, no silêncio do ruído das pulseiras de Miriam, na queda final do corpo de Mark, na sua voz entaramelada, nas frases que ficam suspensas e que, por vezes, o outro conclui.

Um espectáculo modesto, «Tóquio», desprovido de meios, em que quatro actores despoletam essa implosão do terror da vida que acaba na morte. Sem ênfase, eles tornam verosímil essa zona que nos fazem atravessar e onde o riso de Mark é o sinal da loucura inevitável.

Suzana Borges, aparentemente fútil, inquietante na tranquilidade da sua pose, na clareza da sua voz, na sem-vergonha das suas palavras, excelente; Diogo Dória, no primeiro grande papel da sua carreira, exibindo uma personagem extremamente difícil, usando o corpo, o olhar, a expressão facial e sobretudo a voz por onde passa a imagem da sua auto-destrução interior, usando esses instrumentos com uma sensibilidade que, aliás, não me surpreendeu. Uma verdadeira criação este Mark de Diogo Dória, e uma grande criação. Virgílio Castela numa personagem mais banal exprimindo exactamente essa banalidade sem deixar de sublinhar a sua capacidade de apreender os dramas que se passam à sua volta. João Cabral, compondo muito bem a sua personagem, não apenas através das mãos, do rosto, mas com todo o corpo, marcando a sua situação, de japonês e de barman, sem exageros, antes com uma sobriedade muito eficaz (veja-se como as suas costas funcionam). Cristina Almeida limitou-se a passar, como o papel pede, mas fá-lo bem, o que não é tão fácil como parece. Um bom espectáculo, como se quis explicar. Pelo texto, nos limites que o definem, pela leitura correcta do encenador (que se quis chamar ensaiador), pelo trabalho dos actores, talvez por este em especial.

Crónica de Touros

Mazurka para dois mortos

Soliloquio

Mazurca para dois mortos. Título do último, direi que do mais admirável romance de Camilo José Cela, galego entrado no rol dos que não acabam nunca. Título de um livro onde a frescura irreverente do jogo das palavras esconde da morte o drama inevitável. Título também desta crónica de abertura, primeira da temporada 85, oxalá que nela sejam mais as esperanças do que as tristezas de seu começar, sob o signo em que a anterior foi acabada, naquela tarde de Pozoblanco, que se fez noite algures na serrania de Córdova.

X X X X

Tristezas do começar. Este será, desde há muitos anos, mais de trinta, a primeira temporada em que das arenas estará ausente o Mestre Baptista. O Baptista. Como por essas praças era bastante dizer, para que toda a gente soubesse, saiba, de quem se trata. Quem era o Baptista. Como era a sua vibrante intrepidez, onde havia qualquer coisa de contagiante andaluza alegria. Como era a sua garra, capaz de transformar em forças as fraquezas dos seus cavalos pilecas, quando os bons lhos levava o infortúnio, e não lhe sobrava o parnê para outros iguais ir buscar. Como eram os ferros à Baptista, só dele, o espectáculo do valor e da verdade, que não dava para ser contado, precisava de na praça ser vivido, comungado. Como era esse sorriso, que no meio da arena se abria à trovoada que a praça estremecia em aplausos, cortada pelo assobio dos eternos disconformes, sal que tempera o êxito das figuras, de quando chegam a ser grandes. O que muitos não sabiam era como, no escancarar daquele sorriso, máscara que parecia voltada para a glória, estava quantas vezes a ânsia de respirar, de abrir caminho ao ar que nos pulmões faltava, de vencer a asma, de não consentir que ela apagasse essa chama, inconfundível, com que o Baptista marcou uma época do toureio a cavalo em Portugal. Até que numa noite de Fevereiro, ela veio, inesperada, e o apanhou desprevenido, longe de um touro negro que pudesse chamar de largo, de uma arena onde pudesse respirar o ar do triunfo, mostrar àqueles que o julgavam acabado como ainda dava cartas, como podia dizer «aqui estou». E estava. Não apenas, como agora, na lembrança que fica.

X X X X X

Só para os seus, e para os vizinhos do «pueblo» sevilhano de La Campana, ficará a lembrança de Francisco Fernandez. Um velho como tantos. Reformado, dizem, não se sabe de quê. De toureio não, que nesse mister nunca aplausos ouviu. Reforma decerto pobre, necessitada. Por isso aconteceu o acontecido, naquela tarde deste Março, em véspera de São José: quando saiu de casa, acabado o almoço que pôde ser, e foi mais uma vez, em vagaroso caminho, pela estrada que leva a Lora del Rio. A beira dela, nos campos famosos de «Zahariche», o santuário onde pastam os touros de Don Eduardo Miura, sempre se podem apanhar uns molhos de espargos, ao patrão da herdade hão-de fazer menos falta do que ao velho as pesetas da sua venda, ajuda do sustento de quem precisa. A vedação transpôs, como tantas vezes fizera, tratando por tu os letreiros de aviso, «Entrada proibida. Gado bravo». No horizonte, ninguém. Só os touros sossegados, aqui e além esperando a hora duma batalha que aquele velho não dava nem pedia; que apenas uns espargos buscava, sem adivinhar que um Miura, além, ainda o sangue bravo lhe fervia, da peleja recente com dois companheiros da manada. Para Francisco Fernandez era uma tarde sem pelejas, igual a tantas, ignoradas e anónimas, vendo o tempo correr até que a noite chegasse, descido o sol sobre a planície andaluza, entre uma côrte de núvens vermelhas, espalhadas por cima das copas da árvores onde o vento do entardecer desata o diálogo das folhas, que nesse dia o velho já não irá ouvir. Encontraram-no sem vida, desfeito com cornadas. Faltara-lhe o tempo, ou o vigor, para saltar outra vez os espinhos farpados da vedação, para fugir à morte em que as hastes do touro ali o deixaram, esquecido, vítima trocada de um destino que lhe não pertencia.

Heróis de papel

Na Futura as bandas do nosso passado

Carlos Pessoa

Com uma persistência a todos os títulos louvável, a Editorial Futura continua a oferecer aos leitores de hoje as produções em quadradinhos de um passado nem por isso muito distante.

Já aqui nos referimos ao começo de mais uma colecção, «Aventuras», que arrancou com um Jesus Blasco de menor qualidade global. Mas é para mencionar dois lançamentos de obras portuguesas que estes «Heróis de Papel» abrem a conta corrente: Antologia da BD Portuguesa, aqui estão as «**Aventuras de D. João e Cebolinha**», de Artur Correia, publicadas pela primeira vez no Cavaleiro Andante, no ano de 1956. Completam o álbum mais duas narrativas, «A Seita da Cobra Verde», de 1950 (primeira publicação em «Camarada») e «O Roubo do Elefante Branco», de 1958 (editada em «O Pajem», do Cavaleiro Andante).

Esta pequena antologia coloca o leitor perante uma porção da obra de um dos raros humoristas da BD portuguesa, facto estranho num país que é hábito dizer-se ser «pátria de um povo alegre e mordaz», como bem assinala Luiz Beira num texto de apresentação do autor e sua obra. Trata-se, evidentemente, de uma «curiosidade», no sentido em que muitos foram os caminhos percorridos e ensaiados pelos quadradinhos desde o tempo em que estas bandas foram concebidas. Isto não retira, todavia, mérito ou importância à edição, que se insere num meritório projecto de levantamento «histórico» da BD portuguesa. Cinco estrelas para a Futura.

Da mesma editora, uma «curiosidade» recente: a visão dos acontecimentos de Fátima, segundo a leitura que deles fez Eduardo Teixeira Coelho. O texto de apresentação do padre Moreira das Neves não adianta nada quanto à datação da obra, caracterizada por um desenvolvimento temático totalmente fiel à visão oficial católica do fenómeno. E se aí o artista nada arriscou, o certo é que plasticamente «**Fátima**» apresenta reconhecivelmente o traço e o talento do seu autor. Mas será isto suficiente para fazer «esquecer» os restantes aspectos da obra?...

Menos polémica se apresenta, em contrapartida, a edição do segundo volume das aventuras de «**Rip Kirby**», de Alex Raymond, na colecção «Antologia da BD Clássica» também lançada pela Futura. Um texto não assinado enquadra estas aventuras, originalmente publicadas entre Novembro de 1946 e Outubro do ano seguinte, prática a que a editora já nos habituou.

Que poderá ser dito sobre este clássico norte-americano? A rubrica de Alex Raymond é garantia primeira de qualidade, num período em que o artista ainda não se dispersara por outras criações, deixando nomeadamente o seu detective nas mãos — e bem — de Prentice.

Por fim, uma referência ainda a tempo para o número de Abril da revista «**(À Suivre)**», que assinala o começo de mais uma aventura de Luc Leroi, por Jean-Claude Denis, desta vez num projecto de maior fôlego. Merece também referência mais uma aventura no «Bar à Joe», da dupla Muñoz-Sampayo, com um grafismo cada vez mais «agressivo». E que mais? Violeff e «Faux Contact», Masse e «Les Attracteurs Étranges de l'Effet Papillon», Ghiglianno-Tomatis e «Solange», Ceppi e «Captifs du Chaos».

Novidade

● **Lobo Mau** — A ideia é simpática: o Clube Português de Banda Desenhada pega no desaparecido jornal «Lobo Mau», da «terrível» equipa de Carlos Araújo, e a melhor publicação que por aí circulou (apesar dos seus escassos treze números) e dá-lhe forma em pequeno formato nas páginas do Boletim. Assim nasce o número 52 daquele órgão do Clube, com data de Setembro-Outubro do ano passado. Parabéns ao Geraldes Lino, o grande «entertainer» destas andanças quadrinizadas.

A amada de Dashiell Hammet

'Talvez' de Lillian Hellman

Lurdes Feria

Se realmente a vida for um romance, a vida de **Lillian Hellman** confirma-o. Hollywood no tempo de Samuel Goldwyn, o convívio com Dorothy Parker, em Nova Iorque, o período trágico do marccarthysmo, a guerra civil de Espanha... tudo isso ela viveu, no centro dos acontecimentos. Vivência que lhe permitiu escrever magníficas páginas de memórias, após a consagração da sua carreira de autora teatral, iniciada em 1934, com **The Children Hours,** um sucesso na Broadway. Pela raridade da sua tradução em português é, deveras, louvável que a editora «Relógio D'Água» tenha editado, agora, um livro desta escritora americana, com o título de «Talvez».

Lê-se de um fôlego, quem lhe pegar só o larga no final, não obstante a péssima tradução, os erros de palmatória que se nos deparam. Até faz raiva!...

Pois, 1934, foi o ano em que conheceu **Dashiell Hammet** com quem mantém uma relação amorosa, solta e flexível, durante mais de trinta anos. **Ela** tinha vinte e quatro anos e ele, trinta seis, quando o romance começou. Ligação cimentada por uma cumplicidade intelectual e ideológica mas, por vezes, tempestuosa. Separa-os a morte de **Hammet,** ocorrida em 1961, depois de uma vida intensíssima, marcada por mil ofícios, perseguições políticas, prisão... e muito álcool. Contudo a sua obra, ainda que a nível oficial marginalizada, viria a ter uma enorme repercursão nos meios literários. Em França, alguns dos criadors do **nouveau roman** proclamaram-se herdeiros do autor de **Falcão de Malta** e, curiosamente, uma das ambições maiores de **Malcolm Lowry** era agarrar o estilo de **Hammet.** Daí ter rasgado, por diversas vezes, o manuscrito de **Debaixo do Vulcão.**

Em certa altura, **Lillian Hellman** bebia muito, quase tanto como **Dashiell Hammet.** Isto, mais ou menos, em meados dos anos trinta, quando já se falava demasiado de Hitler e de Mussolini. **Recebi uma carta de Júlia, sugerindo-me que a visitasse em Viena...** Relata no livro «Pentimento», publicado em 1973, nos Estados Unidos. Sim, **Júlia,** a personagem do filme. Mas é verdadeira: amiga de infância de Lillian e, mais tarde, estudante de medicina, na Áustria onde trabalhou com Freud.

Em 1937, com uma Europa enervada pela inevitabilidade da guerra, **Lillian Hellman** desloca-se a Moscovo. Viaja, a bordo do **Normandia,** com Dorothy Parker e o marido, Alan Camphel que, nesse Agosto, tinham decidido visitar Paris. Aqui encontra-se com **Hemingway** e **James Lardner,** meses depois morto em Espanha, como combatente das Brigas Internacionais.

A própria **Lillian Hellman** também aderiu à causa republicana, tendo sido correspondente da guerra, em programas radiofónicos transmitidos de Madrid e Valência. Apelava para o auxílio norte-americano e, na qualidade de militante a favor da República, interveio em **History Today,** produtora fundada por Hemingway.

Aliás, em «Talvez», Lillian Hellman conta, a propósito das suas actividades em prol das vítimas de Franco, um episódio delicioso, protagonizador, **Frank Costello,** famoso «gangster». Sem querer saber nada sobre os republicanos espanhóis e o fascismo, **Costello** entrega-lhe cinco mil dólares, dinheiro que deveria ser enviado a André Malraux. **Os seus amigos são meus amigos,.. não, por favor. Não me fale nisso. Eu não me meto em políticas e quando entregar o dinheiro não diga o meu nome.**

Tal como Hammet, em 1952, no auge do marccarthysmo, **Lillian Hellman** foi chamada a declarar perante as actividades

Lilliam Hellman, correspondente da guerra...

Dashiell Hammet: foi ou não membro do Partido Comunista?

antiamericanas. Com firmeza, negou-se a testemunhar contra os seus amigos e colegas, do cinema e do teatro. Com Hammet, porém, as coisas não foram assim tão simples: condenado, acabou por cumprir pena numa prisão federal da Virginia, o que contribuiu ainda mais para lhe arruinar a saúde já fragilizada pela bebida.

Acerca de homem com quem partilhou muito de si, **Lillian Helman** diria: **Nunca soube se Dashiell foi ou não membro do Partido Comunista... nunca lhe perguntei.** Cada um preservava a sua intimidade, era uma ligação assente, de respeito mútuo. Companheiros (de aventuras, de copos, de cama) nunca, em circunstância alguma, perderam as suas identidades. Viviam juntos quanto lhe apetecia, embora cada um possuísse a sua casa. Mas ela assistiu à sua morte, estava perto dele, no hospital, em 1961. E conta que **Dash** (como o tratava) não disse uma palavra sobre o seu sofrimento.

Comentário de **Lillian Hellman: Sofrer era para ele um problema privado...** Ele, o detective da Agência Pinkerton, um dos dez de Hollywood.

Na noite da estreia de **The Children Hours,** Lillian afogou o medo no «cognac». Às tantas estava com uma bebedeira mostruosa. **Não foi por modéstia que me recusei a subir ao palco, a fim de agradecer os aplausos... a verdade é que não me aguentava de pé.** Contudo, o êxito da peça devia-o, em parte, a **Hammet** que a apoiara nos momentos de desânimo, incitando-a a escrever. Contente, telefona-lhe para Pacific Pallisades mas uma voz de mulher, do outro lado do fio, deixa-a gelada. Mete-se no avião para Los Angeles, muitos «cognacs» já bebidos, e apresenta-se em casa de **Hammet.** Perante a passividade deste parte-lhe a mobília e regressa, no último avião da noite, a Nova Iorque.

Estava doida de ciúmes. **A uma natureza ciumenta custa muito a compreender que possam existir mulheres fortuitas.** No entanto Lillian Hellman, ocasionalmente, ia para a cama com outros homens. E Dashiell Hammet sabia-o. Só que nunca lhe fez qualquer cena. Um dia ela diz-lhe: **Decidi não me casar com fulano...** Calmamente, respondeu que sem a sua autorização ela nunca se casaria fosse com quem fosse e... **eu nunca to permitiria... nunca.**

Miss Helman gostou de ouvir isto. Talvez...

CINEMAS

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 2

O CAÇA-POLÍCIAS
de Martin Brest
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa 3

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15, 21.30 e 00.30 h

Alfa Club

A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO — II PARTE
de Hal Heedham
(para maiores de 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h

Apolo 70

— T. 763319

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15, 21.30 e 00.30 h

Avila

— T. 539930

NOITES ESCALDANTES
de Lawrence Kasdan
(para maiores de 18 anos)
14.45, 17, 19.10 e 21.45 h

Avis

— T. 547163

AVENTURAS DE HÉRCULES
de Lewis Coates
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

TERRA SANGRENTA
de Roland Joffé
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h.

Caleidoscópio

— T. 795093

PINOCCHIO
Falado em português
(para todos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Capitólio

— T. 372358

CRUZEIRO SEXUAL
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil

— T. 530194

MICKI &MAUDE
de Blake Edwards
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

O CAÇA-POLÍCIAS
de Martin Brest
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O TRITURADOR
de Michael Winner
(não aconselhável a menores de 18 anos)
24 h

Cine Camões

— T. 324194

A GRANDE FAMÍWIA
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

Uma cena do filme «Paulina na Praia». A nova obra-prima de Eric Rohmer da série «Comédias e Provérbios». Em exibição no Estúdio 444 e Quarteto

Cine 222

— T. 579460

UM AGENTE NA CORDA BAMBA
de Richard Tuggle
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
AS JÓIAS DA GRÁ-DUQUESA
de Val Guest e Roy Ward Baker
(para maiores de 12 anos)
24 h

City Cine

— T. 549999

A EDUCAÇÃO DE RITA
de Lewis Gilbert
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O REI DA COMÉDIA
de Martin Scorcese
(não aconselhável a menores de 13 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

SOLTEIROS E... TARADOS
de Neal Israel
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

OS TIGRES DE SHAOLIN
de Lo Chi
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

GREMLINS — O PEQUENO MONSTRO
de Joe Dante
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio ACS

— T. 887255

PINK FLOYD, THE WALL
de Alan Parker
(não aconselhável a menores de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444

— T. 779095

PAULINA NA PRAIA
de Eric Rohmer
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Estudio Amoreiras

A SELVA DE CIMENTO
de Tom de Simone
(para maiores de 18 anos)
16 e 21.45 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

UM AGENTE NA CORDA BAMBA
de Richard Tuggle
(para maiores de 18 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

OH, AMIGOS MEUS — 2.ª PARTE
de Mario Monicelli
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 3

CAPITÃO AMÉRICA
de Ivan Nagy
(para todos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

SOLTEIROS... E TARADOS
de Neal Israel
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2

O CONFRONTO
de Paul Newman
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Imperio

— T. 555134

UM AGENTE NA CORDA BAMBA
de Richard Tuggle
(para maiores de 18 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

O CONFRONTO
de Paul Newman
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Sala 2

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Montecarlo

— T. 681117

CAMINHO DA FELICIDADE
(não aconselhável a menores de 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

UM LUGAR NO CORAÇÃO
de Robert Benton
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

AVENTURAS DE HÉRCULES
de Lewis Coates
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Olimpia

— T. 325309

BELAS E CORRUPTAS
(para maiores de 18 anos)
Sessões contínuas

Pathe

— T. 821933

ESQUADRÃO SALAMANDRA
de Peter Zinner
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

Politeama

— T. 326305

O EXTERMINADOR
de James Gilkenhaus
(para maiores de 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Promotora

— T. 637180

O MACHO LATINO
de Giovanni Narzisi
(para maiores de 18 anos)

Quarteto

— T. 771378

Sala 1

PAULINA NA PRAIA
de Eric Rohmer
(para maiores de 12 anos)
15, 17 e 19 h
O BAILE
de Ettore Scola
(para maiores de 12 anos)
21.15 e 23.30 h
BÀLBÚRDIA NO OESTE
de Mel Brooks
(para maiores de 18 anos)
00.45 h

Sala 2

VERTIGO
de Alfred Hitchcock
(para maiores de 17 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
SATURNO 3, O ROBOT ASSASSINO
de Stanley Donen
00.45 h

Sala 3

NOSTALGIA
de Andrei Tarkovski
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
A PELE
de Liliana Cavani
(para maiores de 18 anos)
00.45 h

Sala 4

TOP SECRET
de Jim Abrahams
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h
EXORXISTA I
de William Friedkin
(para maiores de 18 anos)
00.45 h

Quinteto

— T. 573407

BLADE RUNNER — PERIGO IMINENTE
de Rodley Socott
(para maiores de 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
AL CAPONE
(não aconselhável a menores de 18 anos)
24 h

Restelo

— T. 610375

O LUGAR DO MORTO
de António Pedro Vasconcelos
(para maiores de 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Roma

— T. 889192

TERRA SANGRENTA
de Roland Joffé
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

— T. 548560

A DAMA DE FERRO
de José Larraz
(não aconselhável a menores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

Sala 1

ENCONTRO COM O AMOR
de Ulu Grosbard
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean
(para maiores de 12 anos)
14.15, 17.45 e 21 h

Sala 3

PROTOCOLO
de Herbert Ross
(para maiores de 12 anos)
14.45, 16.45, 18.45 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

HISTÓRIA DO SOLDADO
de Norman Jewison
(para maiores de 12 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

GENTE GIRA
de Jamie Uys
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

MICKI & MAUDE
de Blake Edwards
(para maiores de 12 anos)
13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

— T. 706666

EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
de Robert Zemeckis
(para maiores de 6 anos)
15, 17.30 e 21.45 h

Vox

— T. 880808

OS DESTEMIDOS
de Henri Verneuil
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Xenon

— T. 368480

THE DAY AFTER
de Nicholas Meyer
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

O IMPÉRIO DO DESEJO
de Atsuo Sekimoto
(para maiores de 13 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cine-Teatro Lido — «Terra Sangrenta», às 15.30 e 21.30 (maiores de 16 anos)

AMADORA — Cine-Plaza — «Terra Sangrenta», às 15.30 e 21.30 (maiores de 16 anos)

AMADORA — Cine-Estúdio Lido — «1984», às 15.30 e 21.30 (maiores de 16 anos)

AMADORA — Babilónia — «A Vida é um Romance», às 15.15, 18.15 e 21.30 (maiores de 12 anos)

Cacém — cine-Estúdio Flores — «O Cônsul Honorário», às 15 e 21.30 (maiores de 16 anos) — «Vou Fazer um Filho e Volto Já», às 24 (não aconselhável a menores de 18 anos)

SINTRA — Carlos Manuel — «Prazeres Ocultos», às 21.30 (maiores de 18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — 2000 — «O Imperador dos Bárbaros», às 15.30 e 21.30 (maiores de 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida — «Paris-Texas», às 15.30 e 21.30 (não aconselhável a menores de 13 anos)

ESTORIL — Casino — «Gente Gira», às 17 e 21.30 (maiores de 12 anos)

CASCAIS — Oxford — «Solteiros... e Tarados», às 16 e 21.30 (maiores de 16 anos)

CASCAIS — Impala — «Alvo Guia», às 16 e 21.30 (maiores de 12 anos) — «Coelhinhas na Cama», às 24 (maiores de 18 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Terra Sangrenta», às 15.15 e 21.30 (maiores de 16 anos) — **Sala 2** — «Protocolo», às 15.30 e 21.45 (maiores de 12 anos)

ALGÉS — Stadium — «O Regresso do Cavalo Negro», às 21.30 (maiores de 6 anos)

PAÇO DE ARCOS — Cine-Chaplin — «Encontros Imediatos do 3.º Grau», às 21.15 (não aconselhável a menores de 16 anos) — «O Executor», às 23.55 (não aconselhável a menores de 18 anos)

OEIRAS — Oeiras-Cine — «O Inspector Martelada», às 21.15 e 23.55 (não aconselhável a menores de 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Ao Encontro da Geurra e do Amor», às 15.30 e 21.30 (não aconselhável a menores de 18 anos)

ALMADA — Incrível — «1900 (1.ª Parte)», às 15.30 e 21.30 (não aconselhável a menores de 18 anos)

COSTA DE CAPAIRCA — Silcine — «Fogo Cruzado e Mortal», às 15.30, 18.30 e 21.45 (maiores de 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Caparica Oceano — Sala 1 — «A Felina», às 15.45 e 21.30 (maiores de 18 anos) — **Sala 2** — «Conan e os Bárbaros», às 16.15 e 21.45 (maiores de 13 anos)

ESTORIL — Casino — «Passagem para a Índia», às 17 e 21.45 (para maiores de 12 anos)

Porto

CHARLOT — «Os Tarados do Rio Louco», às 15.15, 18 e 21.30 (maiores de 12 anos) — «Aquele Dia Frio no Parque», às 24 (maiores de 18 anos)

SALA BEBÉ — «Um Amor na Alemanha», às 14.15, 16.20, 18.30, 21.20 e 00.15 (maiores de 16 anos)

SÁ DA BANDEIRA — «O Desejo das Ingénuas», às 12.30, 15, 17 e 19 (maiores de 18 anos)

FOCO — «Passagem para a Índia», às 14, 16.30 e 21.45 (maiores de 12 anos)

ÁGUIA DE OURO — «A Vingança do Leopardo», às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 (maiores de 13 anos)

Farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALTO DE SANTO AMARO: Teles, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ALVALADE: Zil**, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); **BAIRRO ALTO: Azevedo Irmão & Veiga**, R. da Misericórdia, 24 (T. 323540); **BENFICA - CEMITÉRIO: Simões**, C. do Tojal, 102-A (T. 749649); **CAMPO DE OURIQUE - PRAZERES: Ourique**, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **CAMPOLIDE -SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **MARQUÊS DE POMBAL - PICOAS: Correia Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SAPADORES: Zema**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **BRANDOA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139); **PONTINHA: LEITÃO Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993992).

REFORÇO

AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos**, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **ANJOS - RUA MARIA ANDRADE: Renascença**, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (T. 831504); **AVENIDAS NOVAS: Figueiras**, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 544995); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **HOSPITAL DOS CAPUCHOS: Capuchos**, R. Luciano Cordeiro, 2-A (T. 572076); **JANELAS VERDES: S. A. E. Silva Filhos**, R. São João da Mata, 72-74 (T. 661010); **MERCADO DO CHILE: Alcalis**, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 891708); **PENHA DE FRANÇA: Dimar**, R. Conde de Monsaraz, 17-B (T. 842533); **RATO: Soares**, Av. Álvares Cabral, 1 (T. 684282); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex**, E. de Benfica, 373-B (T. 780548); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matis**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2900911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Higiénica**, R. D. Manuel I, 178 (T. 2073017). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES: Central**, E. Nacional 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Marques**, R. Arronches Junqueiro, 109 (T. 22783). Permanente; **Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (T. 22216). Permanente; **Tavares da Silva**, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: H. Amaral, R. X, lote 146, Algés de Cima (T. 2104556). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 2910610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Permanente; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 27 (T. 2430090). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE; Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTES ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Permamente; **Cavaca**, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019); **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre Herculano, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Correia**, L. do Mercado, 3 (T. 950906). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, Apelação. Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**. Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Vila (T. 931070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias

MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Soares**, R. Jsoé L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Permanente.

COIMBRA

NAZARETH, R. Ferreira Borges, 135-139 (T. 22605); **MACHADO**, R. Bernardo de Albuquerque, Celas (T. 23767); **RAINHA SANTA**, R. Figueira da Foz, 11-B (T. 24737).

DL TEATROS

Casa da Comédia

Rua S. Francisco Borja, 24 (às Janelas Verdes) — — Tel. 60 72 99

(De quarta a domingo, às 21.30).
«EVA PERÓN». Texto, encenação, cenografia e figurinos: Filipe La Féria. Música: Sérgio António. Interpretação: Cândida Vieira, João d'Ávila, Rogério Samora, Sara Lima e Teresa Roby.

Teatro Aberto

Praça de Espanha — Tel. 77 09 69

(De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00).
«O ESFINGE GORDA». Compilação de textos, dramaturgia e encenação: Mário Viegas. Participação musical: Janita Salomé. Interpretação: Amílcar Botica, Francisco Pestana, Melim Teixeira e Tiago Vidigal.

Cafe-Concerto

R. Norte, 24

(Quintas, sextas e sábados, às 24.00).
«PROÍBIDO».

Teatro Nacional D. Maria II

Prç. D. Pedro IV — Tel. 37 22 48

(De segunda a sábado, às 21.30. Sábados e domingos, às 16.00).
«O GEBO E A SOMBRA». De Raúl Brandão, com Rogério Paulo, Carlos Daniel, Barroso Lopes, Eunice Muñoz, Maria Amélia Matta e Fernanda Alves. Cenário de João Hogan, figurinos de Teresa Paulo e música e execução de Carlos Paredes. **(M/12 anos).**

Ocarina

Trav. do Poço da Cidade (ao Bairro Alto) — Tel. 37 29 99

(Às segundas, quartas, sextas e domingos, às 19.00).
«O PARAÍSO NÃO ESTÁ À VISTA», de R. W. Fassbinder, pelo **GRUPO DE TEATRO MAIZUM.**

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).
«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson. Música: João Vasconcelos, F. Correia Martins e N. Nazareth Fernandes. Encenação: Henrique Santana. Interpretação: Alice Gomes, Carlos Cunha, Carlos Ivo, Eugénio Salvador, Fernando Mendes, Herrique Santana, Ivone Silva, Leonor Edviges, Linda Silva, Maria Cabral, Marília Barroso, Marina Mota, Nuno Emanuel, Raquel Almeida e Soraya Arrais.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

(Domingos e segundas, às 21.30).
«DOIS TEMPOS UM PAÍS», c/Sandra Baptista e Nuno Miguel.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15 —

— CORNUCÓPIA
(Sábados e domingos, às 15.30).
«Ó QUE MEDO, QUE AQUI HÁ».

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão Oliveira — Tel. 63 99 74

(Todos os sábados, domingos e feriados, às 16.00).
«GRAÇAS E DESGRAÇAS NA CORTE D'EL-REI TADINHO».

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

(De terça a sexta, às 21.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00 e 21.45).
«BOEING! BOEING!», de Marc Camoletti. Adapt.»César de Oliveira e Raul Solnado. Encenação: Maria Helena Matos e António de Cabo. Interpretação: Aida Baptista, Ana Otero, Fernanda Oliveira, Luís Esparteiro, Nicolau Breyner e Rosa do Canto.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 76 68 09

«ÚLTIMO ACTO», de Simon Gray. Tradução: Maria Teresa Guerreiro. Encenação: Artur Ramos. Cenografia: Fernando Filipe. Interpretação: Adelaide João, Carmen Santos, Fernanda Montemor, Jorge Sequerra, José Brás, Laurinda Ferreira, Luís Beira e Simão Pinheiro. **TEATRO-ESTÚDIO DE LISBOA.**

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

(De terça a sábado às 21.30; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30).
«SUPER-SILVA» de Ray Conney. Encenação de João Mota. Cenografia de Octávio Clérigo. Interpretação: Igor Sampaio, José Renato Solnado, Lídia Franco, Luís Alberto, Luís Mata, Manuela Carlos, Raul Solnado e Rui Mendes.

Teatro da Graça

Trav. de S. Vicente (à Voz do Operário) — — Tel. 87 56 26

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00 e 21.30)
«TODOS OS CÓMICOS ACABAM COM UMA CANÇÃO» de Catherine Hayes. Encenação: Carlos Fernando. Interpretação: Anna Paula, Carlos Fernando e Teresa Madruga. Grupo **TEATRO HOJE.**

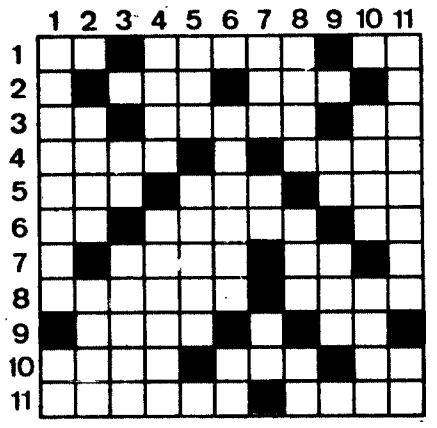
Comuna

Praça de Espanha — Tel. 72 08 18

(Sextas, às 22.00; sábados, às 23.30).
«PÓ DE PALCO», de Abel Neves, Carlos Paulo, Herberto Hélder, Jorge de Sena, José Pedro Gomes, Luís de Campos, Manuel Alegre e Karl Valentim. Coordenação: Carlos Paulo. Encenação: João Mota, Interpretação: Amélia Viodeira, Carlos Paulo, Carmen Marques, José Pedro Gomes e Marques Arede.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 415



HORIZONTAIS:

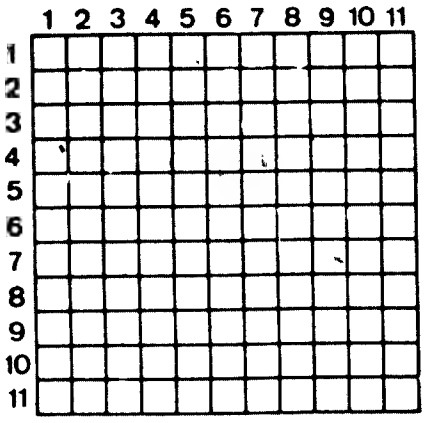
1 Nome de letra. Tempo do verbo ser. Duzentos em romano.
2 Lírio. Escarneceu.
3 Reis. Gorgulhos tropicais. Nesse lugar.
4 Numeral cardinal (fem). Avalia.
5 Agora. Reles. Rio de França.
6 Autores. Ocasiões. Antes de Cristo.
7 Desgraça. Religião.
8 Inunda. Azedos.
9 Base aérea portuguesa. Suspiros.
10 Prendo. Solitários. Pega.
11 Emparelhas. Patife.

VERTICAIS:

1 Desculpara. Actínio (s.q).
2 Pantorrilha. Porção de peixe que se vende em leilão.
3 Autores. Apelido.
4 Fechas as asas para descer mais depressa. Onda.
5 Sufixo que designa abundância. Navio: Abreviatura de Santíssimo.
6 Germe (fig). Boro (s.q).
7 Rezo. Aparelho (o cavalo). Samário (s.q).
8 Tino. Estiagem.
9 Batráquio. Abrilhantar.
10 Genéro de rosáceas da Guiana, também chamada aciosa. Catafalco.
11 Menino ou menina (pl). Ouro (s.q.).

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 254



HORIZONTAIS:

1 Tribuno romano, que matou Calígula em 41, sendo depois mandado matar por Cláudio. Uma das Espórades.
2 Bramem. Fedor.
3 Rádio (s.q). Gás a temperaturas muito elevadas, em física atómica.
4 Verbal. Comilão (fig).
5 Patas. Rei do Egípto.
6 Agravo. Solitário.
7 Alfabeto telegráfico que representa as letras por pontos e traços. Átomo.
8 Vai para fora. Farsa satírica. Carta de jogar.
9 Senhora. Ocidente.
10 Doses (fig). Consentimento.
11 Cupido. Rio dos Estados Unidos.

VERTICAIS:

1 Rei do Egípto da 4.ª dinastia, cerca de 2800 AC. Moeda indiana.
2 Pátria de Abraão. Rénio (s.q). Clima.
3 Vagueias. Combinado.
4 Efectivo. Rio de Itália. Chefe etíope.
5 Preposição. Manas.
6 Que tem poros.
7 Temperaremos com sal.
8 Largo de Lisboa. Descanso.
9 Assuntos. Estima.
10 Permaneces.
11 Fecha as asas para descer mais depressa. Solitário. Murro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 413

HORIZONTAIS:

1 Qui. DÁ. SE.
2 Moraram.
3 Elos. Lesara.
4 Rasto. Er.
5 Em. Impelem.
6 Sacai. Balar.
7 Sa. Evito.
8 Ser. Rosas.
9 Mascou. Ará.
10 Asi. Nios. As.
11 Sias. Usam.

VERTICAIS:

1 QUERES. Amas.
2 Lamas. Asi.
3 Imos. Cassia.
4 Óstia. EC.
5 Dr. Omicron.
6 Aal. Ui!
7 RECEBER. Ou.
8 Sãs. Lavo. SS.
9 Ema. Elisa.
10 Remataram.
11 Erar. Rosas.

PROVÉRBIO: Dá se queres receber.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 253

HORIZONTAIS:

1 Estocolmo.
2 Nora. Laical.
3 Trauma. Ri.
4 Arrasta.
5 Laos. Iara.
6 Armamar. Br.
7 Caloso. Rim.
8 Fa. Oc. Cosa.
9 Adamar. Usar.
10 Ia. Edil. Ada.
11 Oso. Asir. Ao.

VERTICAIS:

1 Entela. Faio.
2 Sor. Arcadas.
3 Tracoma.
4 Oau. Salomé.
5 Má. Moçada.
6 Olarias. Ris.
7 La. Raro. Ll.
8 Mimar. Cu.
9 Oc. Sabrosa.
10 Art. Risada.
11 Aliás. Marão.

Rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; **17.50**: Informação regional; **18.05**: A gaita dos sete foles; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Musical; **20.20**: No estúdio e no estádio; **20.35**: Catequese semanal; **20.45**: Música portuguesa; **21.00**: Gazeta; **21.30**: Noites de luar; **23.30**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.30: A música de piano na era romântica; **16.00**: Músida do século XX; **16.30**: Solos de viola dedilhada; **16.43**: «Vá, Je Tais Pardvnée», dueto do 4.º acto da ópera «Romeu e Julieta», de Gounod; **17.00**: Ciclo Beethoven; **17.30**: Música de todos os quadrantes; **18.00**: Poesia, de José Régio; **18.05**: Música vocal; **18.40**: Música de tecla, de Galuppi; **19.00**: Música, de Brahms; **19.30**: Alfa Ómega; **20.00**: Música de câmara; **20.40**: A voz de Roma; **21.00**: Antologia dos músicos portugueses; **21.30**: Transmissão directa do Auditório Carlos Aberto de um concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP/Porto; **23.30:** Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Azul e branco; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Espaço Informação; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Porgramas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Passatempo; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Pé de vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Símbolos do tempo; **23.00**: Country music; **24.00**: Ondas luisianas; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Meia-tarde; **16.00**: Rua Capelo; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Memorando; **20.00**: Programa da LARR; **20.30**: Universidade na Rádio; **21.00**: Horizonte; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Clube dos coleccionadores; **24.00**: Sessão da meia-noite; **02.00**: Estação de serviço.

RC-FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo; **16.00**: A cor do som; **18.00**: Entre-Campos; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **21.00**: Porto belo; **22.00**: Oceano Pacífico; **24.00**: Último metro; **02.00**: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP1

10.50 — «Notícias»
Síntese informativa do dia.

11.00 — «Cerimónias Militares»
Transmissão directa da Praça do Império.

12.00 — «Notícias»
Síntese da informação do País e do estrangeiro.

15.55 — «Notícias»
As principais notícias do dia, na reabertura da emissão.

16.00 — «Cerimónias da Assembleia da República»

18.15 — «Notícias»
Síntese dos principais acontecimentos do dia.

18.20 — «Tempo dos Mais Novos»
As aventuras de Marco Polo, Yakari e Terry Toons.

19.00 — «Teleregiões»
Informação regional.

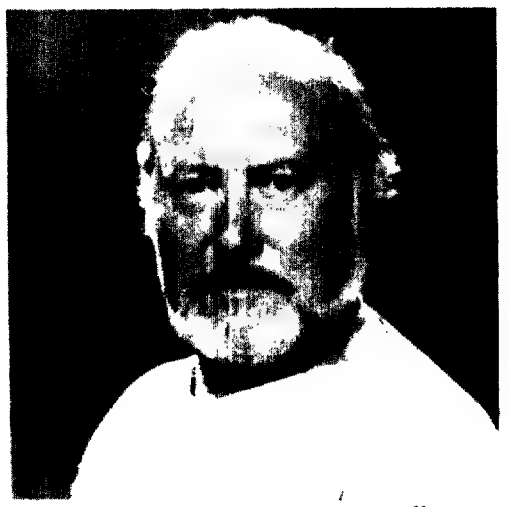
19.25 — «Desporto»

20.00 — «Telejornal»
Os acontecimentos do País e do mundo na perspectiva da RTP.

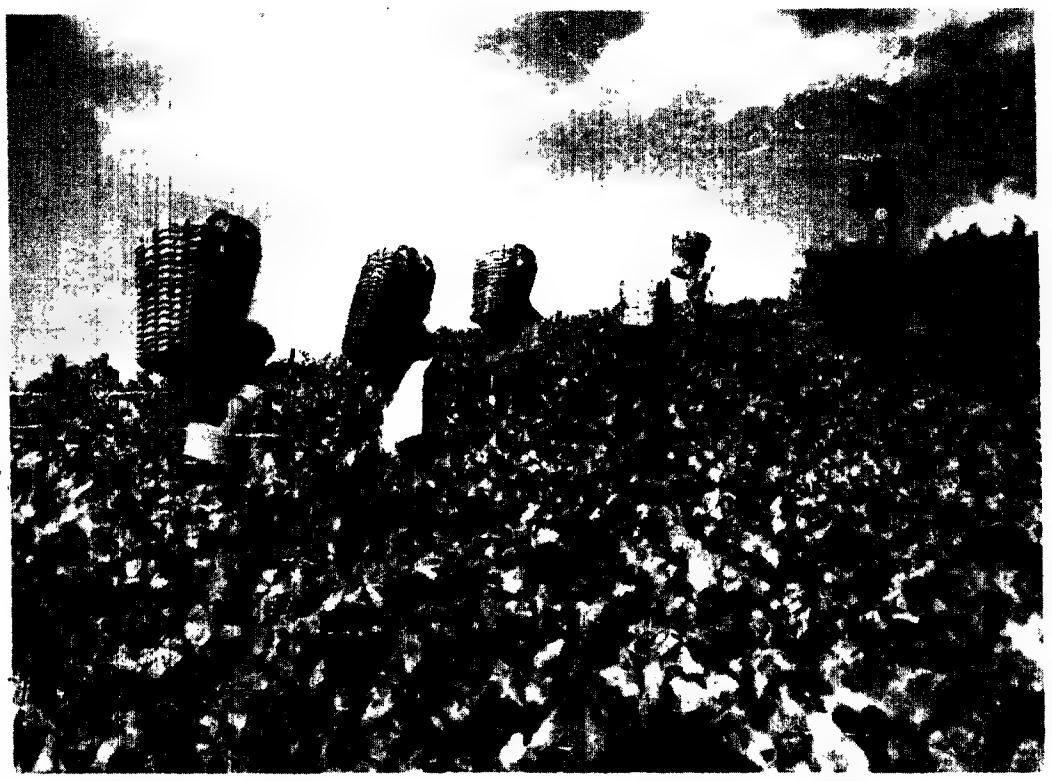
20.25 — «Boletim Meteorológico»

20.35 — «Chuva na Areia»
Augusta e Joaquina arrumam a cozinha preparando-se para ir ver a Festa do Mar. Nunes conversa com a mulher, contando-lhe a sua preocupação sobre a falta de dinheiro para Guida prosseguir os estudos em Lisboa. Esta escuta a conversa e, chorando, diz aos pais que não se preocupem com ela, fechando-se depois no quarto dela. Surge então Antunes que procura o Mimoso pois um dos seus barcos está acostado no porto dificultando a passagem dos outros. Mas Mimoso está em casa dos Fontes, conversando com Inês, que o aconselha a não dificultar a vida ao filho. Maria continua em busca de Malaquias, dizendo a todos que a taberna do Leopoldo está fechada num dia de festa. Malaquias e os outros continuam a sua perseguição ao alemão, seguidos de perto pela Guarda, que não os consegue impedir de o matarem. Entretanto o presidente da Câmara manda chamar o tenente Ferreira, numa tentativa de desimpedir o porto para que a procissão dos barcos possa ter início. Muito zangado com a ausência deste, telefona para Lizboa pedindo a transferência do oficial.

Em «RTP-Brasil», Marques dos Reis, um português do Pará



«Chuva na Areia» para os mais velhos



«Directo/2» vai debater a nossa política vinícola

21.10 — «Ao Vivo e em Pessoa».
Programa de variedades com a prticipação de Milton Berle, Culture CLUB, Mac Davis, Dreamgirls, Rick James, Linda Ronstadt, Nelson Ridle Orchestra, Sandy Gallin e The Joffrey Ballet Company.

22.10 — — «De Mãe para Mãe»
Sete anos assaram. Giovanni fora, entretanto, adoptado por Adriana por decisão do tribunal, depois de Mara, sua mãe, ter tentado inutilmente reavê-lo. Intérpretes: Giulia Lazzarini, Carlotta Wittig, Mauro Martone, Massimo Bonetti, Francesca Topi e Franco Interlenghi,

23.25 — «Último Jornal»

RTP2

19.30 — «Desenhos Animados» As novas aventuras do Super-Homem.

20.10 — «RTP-Brasil»
«Marques dos Reis — Um Português do Pará». Natural do concelho de Figueira do Castelo Rodrigo, Marques dos Reis está radicado em Belém do Pará, desde 1936. Actualmente é empresário dedicado ao turismo e hotelaria.

20.35 — «Directo/2»
Em foco vai estar a política vinícola e o país, «tesouro» precioso que tem dado os brilhantes frutos económicos e mentais que se conhecem...

21.35 — «A Sucessora»
Marina, preocupada com a caixa, que deixou na saleta, tenta ir até lá. Mas Roberto impede-a. Germana fica com ciúmes de Vasco, que se aproxima de Adélia para conversar com ela. Marina diz a Miguel que a caixa de Alice se sumiu, mas fica descansada, quando António lhe diz que a guardou. Miguel recusa-se a encontrar-se com Adélia e Lopes para almoçar. Combina um encontro somente com Lopes para tratarem dos papéis sobre a venda das terras. José conta a Ondina que Juliana lhe disse que ela está a arranjar problemas com Marina e que ela vai acabar perdendo o emprego. Filomena chega a casa de Marina com a menina Alice. Marina abre a caixa e não encontra o diário de Alice, mas acha uma fotografia de Roberto com uma menina cortada ao meio.

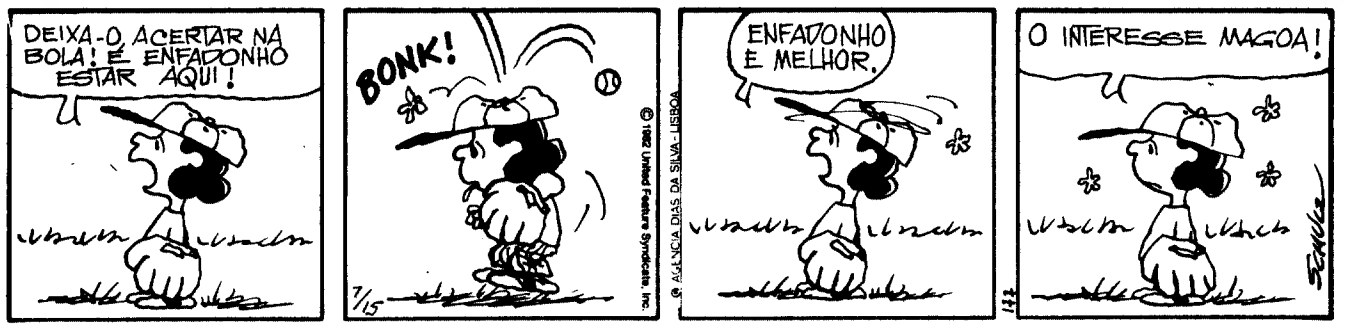
22.15 — «Jornal da Noite»

CLINICA DE TELEVISÃO A CORES SOS TV
A MELHOR ASSISTENCIA AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIENCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B ● R. de Macau, 8-1.º LISBOA

COMUNA - TEATRO PESQUISA
NO ESPAÇO DO CAFE-TEATRO EXITO
pó de palco
NOVO HORARIO sextas às 22 h sabados às 23.30h
"...um espectáculo fora de série." D.L.
praça de espanha - tel. 72 08 18

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP1 22.10 De mãe para mãe
RTP2 20.30 Directo/2
«Chuva na Areia»
Augusta e Joaquina arrumam a cozinha preparando-se para ir ver a Festa do Mar. Nunes conversa com a mulher, contando-lhes a sua preocupação sobre a falta de dinheiro para Guida prosseguir os estudos em Lisboa. Esta escuta a conversa e, chorando, diz aos pais que não se preocupem com ela, fechando-se depois no quarto dela. Surge então Antunes que procura o Mimoso pois um dos seus barcos está acostado no porto dificultando a passagem dos outros. Mas Mimoso está em casa dos Fontes, conversando com Inês, que o aconselha a não dificultar a vida ao filho.
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

PORTE PAGO
Fundador Joaquim Manso
DL
Director A. Rapôso Ramos
Director-adjunto Fernando Pereira Santos
DEPÓSITO LEGAL: 149/82



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
05.17 **3,50 m**	10.49 **1,30 m**
17.26 **3,60 m**	23.14 **1,30 m**
Dia 25	
5.51 **3,40 m**	11.26 **1,40 m**
18.01 **3,40 m**	23.58 **1,40 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	5º
VIANA DO CASTELO	8º
VILA REAL	7º
PORTO	6º
COIMBRA	8º
CABO CARVOEIRO	10º
PORTALEGRE	4º
LISBOA	8º
ÉVORA	7º
BEJA	7º
FARO	11º
SAGRES	12º
PONTA DELGADA	13º
FUNCHAL	14º

Suspensa a instalação dos Pershing na RFA

Os Estados Unidos suspenderam a instalação de mísseis nucleares Pershing 2 na Alemanha Federal, fazendo-a depender de modificações no sistema de armamento, anunciou ontem em Bona o presidente da Comissão Parlamentar da Defesa. A decisão segue-se a um inquérito norte-americano sobre um incêndio que causou vítimas mortais, envolvendo o motor de um Pershing-2 na Alemanha Federal.

Segundo foi ontem revelado oficialmente, uma carga de electricidade incendiou o combustível sólido do míssil, cuja explosão causou a morte de três soldados norte-americanos na base de Waldheide (Baden Wuttenberg). A informação foi fornecida pelo ministro da Defesa alemão, Wanfred Woerner, e pelo general-chefe norte-americano do Exército de terra, John Ambrose, numa conferência de imprensa realizada para o efeito.

Os cientistas começaram agora a modificar parte dos Pershing-2 para evitar que se possa produzir um novo acidente deste tipo. Entretanto, «nem as partes nem os foguetes vão ser instalados na Alemanha Federal até estarem concluídas aquelas modificações», segundo foi sublinhado na conferência de Imprensa.

Honecker recebido pelo Papa

O Papa João Paulo II recebeu ontem no Vaticano o presidente da República Democrática Alemã, Erich Honecker.

Anteriormente, Honecker esteve reunido no Capitólio com o presidente da Câmara de Roma, o comunista Ugo Vetere.

As suas conversações — disse o dirigente da RDA — com o presidente Sandro Pertini e o primeiro-ministro Bettino Craxi demonstraram que as relações entre os dois países são «muito responsáveis».

Ataque iraniano

O Iraque anunciou ontem que os seus aviões de guerra atacaram e atingiram «um grande alvo naval» perto do terminal iraniano da ilha de Kharg, no Golfo.

Um porta-voz militar disse na rádio de Bagdade que o ataque ocorreu às 10 horas locais e que todos os aviões regressaram à base.

Explosão em mina

Onze trabalhadores morreram e seis ficaram feridos em consequência da explosão numa mina de carvão, ontem ocorrida, numa pequena ilha ao largo da cidade de Nagasáqui, disse a Polícia japonesa.

A Polícia disse que um total de 501 trabalhadores se encontravam na mina quando ocorreu a explosão. Não há nenhum desaparecido.

Prémio para Greenpeace

O prémio «Gustav Heinemann» doado pelo Partido Social-Democrata alemão, no valor de 20.000 marcos, foi dado este ano à secção alemã federal dos Greenpeace, revelou em Bona um porta-voz do SPD.

O prémio, que será entregue à organização ecologista Greenpeace, em 19 de Maio, foi criado após a morte de Heinemann em Agosto de 1976. Heinemann ocupou o cargo de chefe de Estado entre 1969 e 1974.

O SPD fundamentou a decisão de conceder o prémio por o Greenpeace ter evidenciado «com muita energia e fantasia» que também os pequenos grupos conseguem progressos na protecção do meio ambiente e da natureza.

Esta edição do «DL» contou com o interesse de trabalhadores da «R.G.» e o produto líquido da venda deste número será aplicado a custear iniciativas sociais dos trabalhadores.

/D/E/C/A/R/A/S/

COSTA GOMES. Nas circunstâncias políticas difíceis do «25 de Abril» e dos períodos mais graves da Revolução e iniciais da institucionalização democrática, o marechal Francisco da Costa Gomes desempenhou um papel relevante e revelou excepcionais qualidades de inteligência e de bom senso como político, diplomata e chefe militar. A Democracia e a Paz entre portugueses devem muito a Francisco da Costa Gomes. O chefe militar brilhante e experiente, quando deixou Belém, entregou-se com sinceridade e paixão à defesa da Paz. Continua a dar-nos um exemplo de cultura e de sentido das responsabilidades.

VASCO GONÇALVES. Este ano não assistirá às comemorações do «25 de Abril» em Portugal. O general Vasco Gonçalves foi convidado para participar nas comemorações do «25 de Abril» na República Popular de Angola. Será, por mérito próprio, o representante, durante alguns dias, na jovem nação angolana, do Portugal de Abril. O prestígio do general Vasco Gonçalves nos países que emergiram do final das guerras africanas e do processo de descolonização negociada é muito grande e a sua visita a Angola poderá ter resultados extremamente favoráveis para o nosso país.

ANTÓNIO SPÍNOLA. Discute-se o homem político com a mesma veemência com que se exaltou o general, o comandante de forças em combate. Suscitou paixões. O seu livro foi um escândalo na altura em que foi publicado. Abalou o regime. E o marechal, então general, António Ribeiro de Spínola, soube no dia 25 de Abril de 1974 ser o contacto, o intermediário, entre o Carmo e a Quartel da Pontinha, entre o grupo operacional que dirigia os movimentos dos militares de Abril e os governantes fascistas atolados na ignomínia e confrontados com a derrota.

VASCO LOURENÇO, um dos homens sempre na crista da onda, no vértice do processo, todo, que culminaria com o 25 de Abril de 1974. A sua importância manteve-se nos anos que se seguiram, não esquecendo mesmo o seu papel decisivo nos acontecimentos que culminaram com o 25 de Novembro. Quase a fazerem-se 11 anos sobre a «revolução dos cravos», está de novo nas páginas dos jornais lembrando que «a corrupção acabaria mesmo, se houvesse vontade política». Falava no Centro de Formação de Jornalistas do Porto e (sinal dos tempos?), acrescentaria que «os erros políticos em Portugal nunca se pagam».

SALGUEIRO MAIA, o homem que em 25 de Abril de 1974 saiu de Santarém à frente dos blindados da Escola Prática de Cavalaria e tomou o Quartel do Carmo, é um dos símbolos mais dignificantes das Forças Armadas Portuguesas. Ao longo dos anos, esquecido nas promoções, marginalizado, provocado muitas vezes, manteve um comportamento exemplar. Do 25 de Abril nada mais retirou que sacrifícios pessoais e prejuízos para a sua carreira.

Mas a sua fidelidade ao 25 de Abril e aos seus ideais mantêm-se, como se mantém a coragem e a verticalidade que o impeliram a participar com todo o entusiasmo naquela acção libertadora.

SOUSA E CASTRO, um dos capitães de Abril, teve múltiplas intervenções e declarações nestes onze anos após o 25 de Abril. Destacamos uma, na manhã seguinte ao Dia da Liberdade.

Cerca das oito horas da manhã do dia 26 de Abril, já no fim da primeira conferência de Imprensa do general Spínola, procura os jornalistas do «Diário de Lisboa», «República» e «Expresso» para assistirem à libertação dos presos políticos da Cadeia de Caxias.

São os três únicos jornais que considera merecedores da distinção. Apenas presente um representante do «Expresso», partem para Caxias e assistem com natural emoção à saída dos presos políticos que, passados poucos minutos têm que regressar às celas por ordem de Spínola. Sousa e Castro insurge-se e ameaça utilizar a sua arma. Mas a G3 não foi necessária, devido à sua intervenção e de muitos outros militares e alguns juristas democratas.

Fundos americanos para refugiados e Contadora?

A Câmara dos Representantes do Congresso dos Estados Unidos votou ontem duas propostas sobre «ajuda humanitária às vítimas dos combates na Nicarágua», depois da Câmara Baixa ter recusado auxiliar militarmente os anti-sandinistas.

A rejeição, terça-feira, pela Câmara Baixa, dos 14 milhões de dólares para auxílio militar aos anti-sandinistas representa a «morte técnica» do pedido inicial de Reagan, e a primeira derrota em política externa do seu segundo mandato.

O senador democrata Michael Barnes revelou à cadeia de televisão «ABC» que, a menos que negociações de última hora modifiquem as actuais posições, os dois partidos da Câmara Baixa estão de acordo em que a ajuda não vá directamente para os contra-revolucionários que combatem o regime de Manágua.

Os representantes democratas pedem 10 milhões para os refugiados nicaraguenses «fora da Nicarágua», através da Cruz Vermelha ou da ONU, e os outros quatro milhões para ajudar o grupo de Contadora.

Por sua parte, os republicanos querem toda a ajuda para fins humanitário através dum organismo da Secretaria norte-americana de Estado e propõem sanções económicas contra a Nicarágua se não forem iniciadas conversações entre o governo de Manágua e os anti-sandinista.

Ortega visita a URSS

O presidente nicaraguense, Daniel Ortega, chefia uma delegação do seu país que visitará a União Soviética no final de Abril, anunciou ontem a agência TASS.

A agência não especifica o dia em que Ortega iniciará a sua visita de trabalho.

Amor em anúncio de página inteira

Um homem chamado simplesmente Ali manifestou o seu amor em anúncio de página inteira ao «Libération» de Paris.

«Isabelle, amo-te. Um beijo, Ali» — dizia o anúncio em letras garrafais.

Um informador do jornal refere apenas que o apaixonado ficou impassível quando lhe apresentaram o recibo com a conta de 306 contos.

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
Suplemento literário
N.º 201 · 25 de Abril e 1985

Ary: zanga com Portugal

Manuel Gusmão

Insónia

As noites — escorpioes suicidados
Com o seu proprio veneno nas entranhas
ressuscitam depois em madrugadas
cada vez mais azuis e mais estranhas.

Sao insonias tecendo alucinadas
uma teia de horas e de aranhas
patas tacteis peludas eriçadas
com o peso latente das montanhas.

E por dentro dos olhos um perfil
de ferro e fogo deixa-nos queimados
selados como a chuva e como o vento.

Sera possivel que depois de Abril
ainda adormeçamos acordados
neste pais-raiz de sofrimento?

OITO, raiz quadrada do tabuleiro do xadrez, são os últimos sonetos de José Carlos Ary dos Santos. Raiz quadrada de um País que é necessário saber jogar. Para que todos ganhemos o nosso lugar de homens. Isso e mais nada — e basta. Na colectânea que, após a sua morte, reúne os oito sonetos, escreve Manuel Gusmão:

«Ainda e sempre a mesma relação de zanga e de paixão com este País que mata de diversas fomes os seus poetas, mas ao qual ele quer como à irrecusável «raiz de sofrimento».

(...) «Morrer em poesia, como Ary dos Santos sabia bem, vem-nos da poesia lírica trovadoresca, vem-nos de Camões, e por aí adiante por necessidade própria (fingimento e verdade) das relações de poesia com a vida. E nem é preciso saber que a morte, na vida, lhe estava de facto próxima, para compreendermos que não é de bravata que se trata quando diz: «A vida é afinal o meu lugar e só acaba quando eu quiser». Aquilo que mais claramente não decidimos ou não vivemos é de certo modo o nascimento e a morte. A incomodidade com o seu nascimento e a solidão desencadeada que lemos **Infância** chamam a vigorosa necesidade de se construir a si próprio e ecoam nesta vontade de se apropriar da própria morte. Face ao irrecusável, trata-se de, de alguma forma, se não conformar, de um insofrido consentimento para com a vida, trata-se de decidir. De tornar gesto de decisão aquilo que a vida dá como irremediável e não vivível. É mais do que aceitar a morte — trata-se de «não se deixar ficar», de certo modo, de a viver.

«Isto o têm sabido e praticado muitos poetas e aqueles que precisam da poesia como de uma forma mais de viverem, de crescerem: a linguagem poética, mesmo quando muitas vezes o não parece, mesmo quando não o mostra transparentemente, é sempre, pelo menos tendencialmente, de uma ou de outra maneira, um trabalho jogado, um jogo trabalhado, em que alguém se empenha e se reconstrói, construindo a sua voz, mesmo quando solitária e desesperada, os gestos do seu corpo e do seu tempo histórico, em interacção com a voz dos outros, e nem só com a dos que seleccionamos e preferimos.

«Essa interacção buscou-a intensamente José Carlos Ary dos Santos, que a seu modo sabia (fazia) que um «eu», o sujeito das frases e da vida não é tão-só pura (?) instância de subjectividade autónoma, mas é sempre e já um diálogo múltiplo».

(...) «Interacção, finalmente, no modo como a poesia de Ary deseja aqueles para quem é feita, aqueles a quem fala, aqueles que o ouvem. A opção de Ary foi a de arriscadamente procurar na poesia uma intensa transitividade. A de com ela procurar a resposta dos outros, o movimento, o amor dos outros, particularmente daqueles do lado de quem estava. Já o disseram: ele queria ser muito amado, por isso também assim se entregava, sem cegueira.» (...) «E essa era também uma forma de não abdicar de si, de respeitar o rigor que se devia («o rigor que me devo»), na forma que escolhera.» (...)

Desenho de Rogério Ribeiro, incluído no álbum dos oito sonetos de Ary

Diário de Lisboa LER ESCREVER

Buchenwald: que nunca mais até às f

ESTOU certo, camaradas, que todos nós já um dia entrámos num cemitério. Há sempre alguém que se desfaz na transformação da vida — e nós lá o vamos acompanhar até à escuridão da terra aberta. Mais ou menos, é assim: passamos o longo portão do cemitério, ora à frente, ora na retaguarda cabisbaixa, ora de perfil ao lado do morto. Depende da nossa emoção, da nossa filosofia, do modo de ser que o dia nos impõe. Se, por vezes, seguimos à frente, o caixão atrás, é porque nos repugna o fim horizontal de um nome que tão vivo andou pelos nossos lábios, nossos olhos, e outra coisa então não queremos que a rápida sucessão do ritual. Se seguimos atrás do corpo silencioso, o caixão lá na frente, isso é o nosso desejo de retardar a despedida, o último olhar, assim como quem aposta no impossível. Se, ao lado do caixão, vamos cumprindo o itinerário demorado dos últimos momentos, então é porque ainda estamos em diálogo com o morto, num ombro a ombro que só o tempo lentamente irá desfazendo. Isto, camaradas, são meros exemplos, que muitos outros há de acompanhamento, mesmo que não se vá ao cemitério. Pois não há quem fique em casa, enrodilhado na cama, cada vez mais afastado e dorido do caixão que súbito se perde na esquina da rua...? Esse, assim amarfanhado, só no dia seguinte, ou dias depois, é que irá ao cemitério. Num caso ou noutro, ou noutros casos ainda, a verdade é que temos do cemitério a ideia de um vasto recinto, muito geométrico, muito arrumado, com cada coisa enfim no seu lugar próprio. Ou, então, a ideia de um parque arborizado, quieto, sem vento nenhum, de ruas limpas, tocadas de saibro — e sem nenhum semáforo que imponha paragens à marcha fatal... Fechando os olhos, rememorando as coisas, o cemitério é também um silêncio cúbico, parado, como se entrássemos em profundidade num quadro, e sem lhe quebrar a moldura nem o deslocar na parede, nos situássemos para além do vidro... Não sei se estão a ver, *a sentir*, mas é isto mais ou menos, camaradas. Ah, talvez na memória as flores jazidas — e nos ouvidos, lá muito no fundo, o toque da sineta, no portão, a tilintar as cinco da tarde e a dizer que não se enterra mais ninguém... Outro dia virá em que a terra abrirá os braços, e eis de novo se repete a procissão, as pessoas à frente, atrás ou ao lado do morto. E sempre, sempre, uma constante: se um de nós auscultar a terra, as campas, os mármores, só lhe vem o silêncio, a paz da transformação, a profundidade de uma química cujos símbolos se não chegam a desenhar no pensamento. Que abismo de serenidade!

Mas...

Mas em Buchenwald isso não acontece. Não *aconteceu*. Quem auscultar toda esta superfície, e se compenetrar do que foi o insulto nazi, escutará um chocalhar de ossos, um aflito bulir de corpos na memória longínqua da ignomínia. São mãos ósseas que se buscam, nacionalidades em cinza que se misturam num derradeiro encontro, o grito ósseo que no martelo do ouvido se alonga como um ferro batido a seco... Ah, camaradas, povo anónimo da minha Pátria, esta superfície de Buchenwald encerra ainda muito do nosso presente! Por ali morreu, em dias roxos de vergonha, quem se bateu pela liberdade que torna o mundo racional e aceitável, doce e amável, medido como um fruto e grande como a dança no amplo salão da fraternidade! Este chocalhar de ossos que se ergue como o ar deste piso de terra, deste cemitério tão diferente daquela que encerra o nosso pai, o nosso avô, a nossa mãe — projecta-se ainda como um abraço em espiral, abarcando impetuoso toda a morte cruel e cuspida dos dias que ora correm...

Oh, sim! A morte, por exemplo, do guerrilheiro da Frente Patriótica do Zimbabé, ocorrida no dia 16 de Fevereiro de 1979. Eu assisti — e vou contar.

O tempo vai passando — e como atrás ficou dito já alguns meses se foram desde que vim, viemos, da RDA. O ano de 78 findou mesmo, e neste momento, em que me debruço sobre o Campo de Concentração de Buchenwald, evolui um outro ano, o de 79, com muitas coisas e loisas, quer em Portugal, quer no exterior. Pois bem: no dia 17 de Fevereiro, um sábado, assistia eu ao noticiário da RTP (20 e 30), quando, no «écran» do televisor, essa morte do guerrilheiro explodiu nos meus olhos...

E foi assim: um curto filme mostrava uma incursão aérea rodesiana pelo espaço da Zâmbia, levada a cabo no dia anterior, 16. Inicialmente, vários bombardeiros. Depois, em primeiro plano, o lançamento de pára-quedistas sobre os arredores de um acampamento de guerrilheiros da Frente Patriótica. Estou a ver um grande plano da carlinga aberta, os soldados rodesianos a lançarem-se uns atrás dos outros, sob o olhar de um oficial de cigarro na boca... Depois, já em terra zambiana, dois dos pára-quedistas, de costas para mim, avançam pelo mato dentro, de metralhadora apontada, o corpo levemente inclinado.

Eis que ambos, súbito, levantam as vozes, dão uma ordem, adiantando o cano das armas — e então, lá do fundo, em direcção a mim, surge um guerrilheiro, de mãos no ar, mal podendo suster-se em pé. Está ferido, coxeia e (agora num primeiro plano) o peito sobe e desce, a respiração desarmada, os olhos nos canos das metralhadoras.

Um soluço no filme, um salto, talvez um corte — e vejo agora o guerrilheiro, ainda de mãos no ar, sentado no capim. Tem uma perna estendida, sem dúvida que magoada — e o ângulo da câmara apanha-a de tal maneira que a perna parece querer romper o vidro do televisor para alcançar um chão sem ameaças. Mas breve, noutro solavanco do filme, o guerrilheiro surge-me já mais afastado, respondendo (?) às perguntas dos dois rodesianos, humilhado no capim da sua dor.

Novo plano mais próximo — e, sempre de mãos no ar, o guerrilheiro é agora dois olhos muito abertos para as metralhadoras em linha oblíqua, dois traços que descem dos homens em pé para o homem sentado. As armas firmam-se, avançando um milímetro no «écran» e...

Aparece cúmplice, o locutor português dando já uma outra notícia. Mas *vê-se, sente-se, intui-se* que o guerrilheiro ficou-se ali cortado pelas metralhadoras, às 20 e 45 do meu relógio de pulso, 17 de Fevereiro de 79, num sábado que veio de uma sexta-feira de sangue.

Quando se entra, não se dá imediatamente pela cinza do passado. Só depois de algumas voltas por todo aquele labirinto, depois da leitura desta e daquela planta, depois de se tocar nas memórias de pedra, depois de se olhar as flores diriamente postas nos locais de fuzilamento — é que nos sentimos com as palavras abafadas na garganta, os olhos muito apreensivos, baixos, e uma longa angústia nas mãos desdobrando o opúsculo (muito discreto) do longo crime nazi...

Foi em Julho de 1937 que, às portas de Weimar, cidade de nomes que fazem parte da cultura (Goethe, Schiller, Liszt...) surgiu o Campo de Concentração de Buchenwald. Era uma «fábrica» destinada a produzir a morte, o embrutecimento, a humilhação constante da inteligência e da sensibilidade. Uma implacável «linha de montagem» mantinha a «produção» que interessava ao nazismo: o grito do corpo humano abafando para sempre o espírito que se recusava à sujeição do regime hitleriano. Tortura e morte, portanto. Brutal, pois, o sistema: sevícias, privação da mais diminuta parcela de liberdade, massacres, arame farpado tenso de electricidade, torres de vigilância vomitando rajadas, o fosso ainda — e também, os dentes rubros do forno crematório. O terror, enfim, envolvendo comunistas, sociais-democratas, democratas burgueses, judeus e cristãos, pacifistas e patriotas de todas as nações oprimidas pelo fascismo alemão. Aqui, em Buchenwald, somem-se as palavras e os números impõem-se com toda a sua medida clara e trágica. E são estes: entre 16 de Julho de 1937 e 31 de Março de 1945 chegaram ao campo 238 980 prisioneiros. Destes prisioneiros, 56 545 sofreram as mais variadas mortes. No dia 11 de Abril de 1945, só foi possível libertar cerca de 21 000 prisioneiros. Perto de 161 000, no período da guerra, ou foram levados, como operários-escravos, para fábricas de armamento, ou, então, transferidos para outros campos de concentração. Vista geral: do advento do nazifascismo ao fim da guerra a que o mesmo deu origem (1933-1945), dezoito milhões de seres humanos foram tratados como cabeças de gado no total dos campos de concentração. Desse número, onze milhões de pessoas (até crianças!) não mais regressaram à liberdade: gaseadas, massacradas, enforcadas, fuziladas — ficaram para sempre na memória desses recintos de urina, fezes, suor e ódio...

«Eis os lugares comuns da escrita antifascista!» — dirá *certo* leitor que, alheando-se por vontade própria/imposta do duelo que desde sempre se vem travando entre o Bem e o Mal, pretende antes ver uma *situação* desgarrada no fenómeno nazi do que o resultado das contradições de um regime cuja manutenção exige («Outro lugar-comum...») a exploração do homem pelo homem. Mas não, leitor. Não é uma *situação* desgarrada, um acaso, uma coisa, enfim, que aconteceu... Quando muito, e dentro de um certo optimismo, talvez possamos dizer que foi uma *excepção*. Uma excepção que confirma a regra — e a regra é a paz, e não a guerra, o campo de trigo, e não o Campo de Buchenwald. Se assim é, se assim for, importa que façamos tudo para que a regra não seja quebrada, e a excepção (inexistente, aliás, na matemática do Universo) se não implante multiforme pela superfície terrestre do mapa da nossa vida. Ou vamos pelos caminhos do entendimento, ou vamos então pela estrada de sangue...

«Estamos na 'Estrada de Sangue'» — disse Genie, os olhos no saibro, a tarde muito calma, alta curva azul sem uma nuvem a perder-se nos confins da nossa caminhada. Seguíamos os três pela via de acesso ao Campo de Buchenwald. Tempo houve em que este acesso se impregnou do sangue e do suor de milhares de vítimas. Quando da sua construção, da sua abertura para o Inferno, os detidos, obrigados a um ritmo sobre-humano, eram «incentivados» no trabalho pelos golpes dos guardas e pelos dentes dos cães. Íamos atentos, demorados, buscando o passado em cada metro — mas eles, os que por ali passaram muito antes de nós, não seguiam assim tão quietos, na cadência de uma pergunta e de uma resposta: vomitavam-se de fadiga no passo de ginástica que lhes era imposto, perdiam-se no fôlego do andamento — e, muitas vezes, tolhidos, amachucados, diminuídos (as mãos na cabeça numa protecção vã) transformavam-se em momentâneos marcos quilométricos. Estão a ver, não...? Assim um feixe de ossos encolhido na berma do caminho. Como quem diz: «Mas não!» Vinha a matraca, o cão, o tiro — e lá se ia a vida de uma vez para sempre. «Estrada de Sangue» — assim chamavam os prisioneiros a esta via que ora se abre aos nossos pés, por uma tarde de Junho parada e azul, pacífica como a álea que conduz à campa dos nossos avós...

Mas não: nós vamos por este caminho até onde um qualquer animal desconhecido, anterior ao homem, reapareceu no homem para sua tortura e remorso. Animal desconhecido que, no entanto, já o não é — e isso porque deixou a impressão digital, para sempre inconfundível, nas páginas da História. Esse animal...

Esse animal, camaradas, é o riso de quem não aceita estas linhas, o desprezo por estarmos precisamente em Buchenwald, no local do crime, observando «in loco» a destruição absoluta da dignidade humana. É, em suma, o fascismo, por mais camuflado que se apresente, quer seja rude ou subtil na argumentação, quer se situe em «altas filosofias» ou no vernáculo das casernas obscuras. E é também o resto da imundície que nos ficou de todas as formas de exploração que vigoraram na Terra até Outubro de 1917. A partir desta data, surgiu (foi surgindo...) uma outra alternativa para a sociedade humana — e, então, em desespero, o animal estendeu (ainda estende...) todas as suas garras. Acontece, porém, que rodando sobre si e em torno do Sol, a Terra, através de formulações matemáticas, expele para o exterior, para o Cosmos, o voo íntimo que existe em todos nós, esse traço em movimento que nos desenha muito para além da medida mesquinha do nosso pé enlameado. Não será, não, a *gravidade* do fascismo que nos prenderá ao solo: a nossa força é outra, vence inclusive a *gravidade* terrestre, e situa-nos no Espaço como inteligência que tenta apreender, segundo a segundo, século a século, o perfil racional de todos os fenómenos. Intuímos, assim em gravitação, que a crueldade não é racional, que não é, ponderadas as leis que regem o nosso equilíbrio cósmico, a ocupação natural das coisas. E vemos, então, que Buchenwald não pode existir na harmonia do Universo: seria pura e simplesmente a negação da unidade de toda a mecânica celeste. Aqui, altas órbitas, a excepção não confirma a regra: a regra aqui exclui a existência da excepção, a regra, em suma, confirma a regra — e unicamente devido ao nosso escasso poder de apreensão nos pode surpreender como excepção um qualquer ponto ignoto dessa mesma regra...

Buchenwald, pois, não é admissível na regra dos homens — muito embora, neste momento, Junho azul de 78, Genie, Alice e eu atravessemos lentos o portão de entrada como quem penetra numa excepção rasteirinha e terrestre. Sobre os ferros superiores, entrelaçados em «X», lê-se em alemão uma palavra de ordem que rasgou os ombros de milhares de homens: *«A cada um o que lhe é devido.»* Assim, logo à entrada do Campo, se pretendia estilhaçar o moral dos detidos, obrigados a esperar durante horas pelos interrogatórios preliminares no «Bunker», o estômago sem nada, o corpo no sol ou no frio. O «Bunker»: uma série de células, rígidas de ferro e cimento, passagem (quase sempre) da vida para a morte. Um certo SS, de nome Martin Sommer, tornou-se ali no Príncipe dos Carrascos de Buchenwald. Quando um prisioneiro era transferido das barracas para o «Bunker», ninguém dizia «Foi para o Bunker», e sim «Sommer vai ter um dia alegre...» Porque Sommer sabia saborear a vida dos que lhe eram entregues. Matar sim, mas de maneiras diversas — esta, certamente, a sua divisa. Contam sobreviventes que Martin matou, só num período de seis meses, mais de 100 detidos. E como, sabem...? Sabes...? Tu bates alegremente um ovo no dia do teu descanso — ele separava a clara da gema dos prisioneiros a galopes de chicote. Tu abres uma noz — ele esmaga os prisioneios sob as botas, escolhendo as partes delicadas, e também a saliência do nariz, o vale dos olhos, os dentes na boca rasgada. Tu espremes uma laranja para lhe colheres o sumo e o beberes — ele apertava as gargantas até o ar não mais existir nos pulmões. Tu penduras na parede as folhas do loureiro para sabor dos pratos da tua comida — ele pendurava em traves, verticalmente suspensos, os homens que se negavam a ser vermes horizontais.

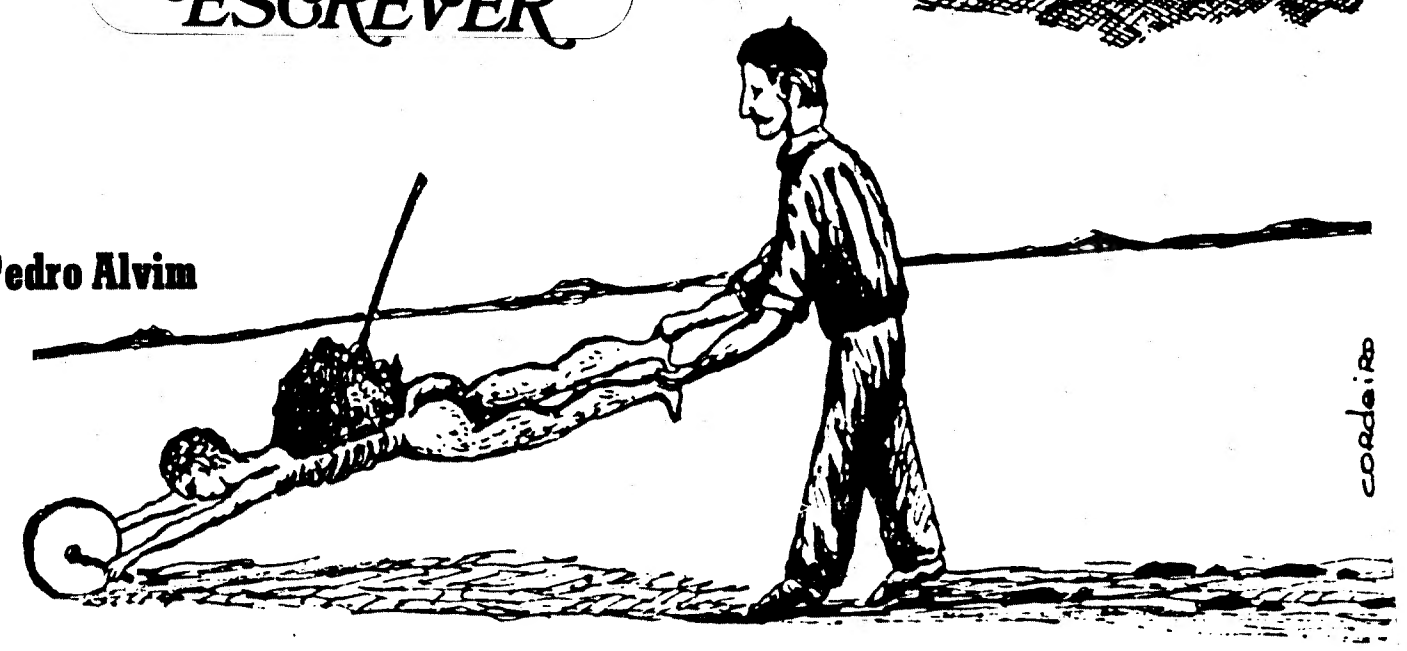
Tu ofereces vinho ao teu amigo — ele obrigava a beber o veneno repentino ou o veneno das cólicas prolongadas... Durante anos, foi assim que Martin Sommer saboreou a vida dos prisioneiros: quem, camaradas, o não pode deixar de vomitar para todo o sempre...?

Estamos agora num amplo terreiro, a tarde ensimesmada, azul e oiro sobre as nossas cabeças. Respira-se uma tão grande tranquilidade, uma brisa leve na ponta dos cabelos, que, palavra!, até apetece uma cadeira de lona, um guarda-sol, um livro sobre os joelhos... Estão a ver, não estão...? Descansar, enfim, no começo deste itinerário que nos vai atirando para as razões da nossa resistência mais funda — para esse íntimo poço cristalino em cuja água se reflecte aquela pequenina nuvem branca que é em suma a nossa consciência a vogar no espaço, ora avançando para o futuro, ora recuando até décadas passadas.

Décadas passadas, década passada. A década, por exemplo, da II Grande Guerra. Aqui, neste terreiro, antifascistas de trinta e duas nacionalidades, olhos castanhos, azuis, pretos, verdes, cinzentos, não viveram, não, esta hora calma de Junho de 78. Esta tarde, assim tão lisa de ruído, nunca foi a deles: a noção do tempo era-lhes furtada na amálgama da condição a que estavam submetidos. Constituíam uma obscura nebulosa, num lento movimento de rotação, a milhares de

Diário de Lisboa LER ESCREVER

fezes



Reportagem de Pedro Alvim

anos-luz da harmonia do Universo. De pé, como átomos paralisados, aguardavam aqui durante horas até que os chamassem para serem devidamente identificados. E por vezes a neve era uma contínua queda de frio, outras vezes a chuva não deixava enxuto um milímetro do corpo, outras vezes ainda o sol, sem uma sombra, sugava a derradeira humidade dos ossos. Ah, e também o vento, o vento rápido do Inverno demorado! Tudo então flutuava, como bandeiras rotas, gritos de pano, os bolsos virados do avesso, sem nada, sem cotão, só com buracos... Quem sou...? Quem és...? Quem somos...? Uma espera dilatada pela prepotência, um estar de pé até cair para o lado, a pneumonia galopante, a febre, a tontura redonda que mergulha num corpo nos charcos de lama. E no meio de tantas línguas diferentes (alemão, francês, russo, polaco, italiano, húngaro, checo, etc., etc.), a língua batida e comum da tosse, do homem aprisionado sob a intempérie. Não a ouvem...?

Um sobrevivente:

«Uma vez, sob um vento glacial, estivemos 18 horas neste terreiro, à espera que procedessem à nossa identificação.»

Os SS, ao imporem este estar à *espera,* unicamente esperavam que a morte os fosse aliviando das suas tarefas. E, na verdade, a morte, através da fome, dos estados febris, das infecções, das epidemias, vinha ao encontro de quem estava *à espera* — e muitos foram os detidos que viram tombar a seu lado camaradas de todas as nacionalidades. Ombro a ombro, assim iam morrendo operários, padres de confissões diversas, sábios, escritores, artistas... Um laço os unia até ao último suspiro: eram todos antifascistas.

Esta tão longa chamada, esta identificação tão milimétrica, revestia-se ainda de outras características, de outro espectáculo tendente a quebrar as energias morais dos prisioneiros. Quando um dos detidos, consciente das suas responsabilidades na Resistência, apresentava uma identificação falsa para assim salvaguardar as posições da luta contra o nazismo, os SS, ou desconfiados, ou já na posse do seu verdadeiro nome, submetiam-no a torturas públicas. Cumpriam-se, deste modo, as palavras que encimavam a entrada férrea do Campo de Buchenwald: *«A cada um o que lhe é devido».* O interrogatório era...

Um sobrevivente:

«O interrogado era atado a um poste, à frente de nós todos e...»

Tão calma vai a tarde, Junho de 78, que nem uma ave faz ouvir a sua existência. Mas o voo das suas asas escondidas é a palpitação das nossas palavras:

«E o quê...?»

«Uma vez atado ao poste, desciam as calças ao prisioneiro, até lhe porem as nádegas a descoberto. Depois, o executor do castigo perguntava a um SS ali presente: «Quantas...?» E o SS dizia «25» ou «50». O executor agarrava então no cavalo-marinho e fustigava as nádegas do prisioneiro vinte e cinco ou cinquenta vezes. «Pronto» — dizia-lhe no fim —, «já tens a conta que mereces...»

De pé, átomos paralisados de uma obscura nebulosa, num lento movimento de rotação, a milhares de anos-luz da harmonia do Universo, homens de línguas diferentes, sentiam-se ultrajados na sua condição de futuros pais. Alguns, na verdade, não mais poderiam conceber filhos na mulher que viessem a amar. É que...

Um sobrevivente:

«É que os golpes do cavalo-marinho deixavam muitas vezes os testítulos em carne viva. Ou, então, o pénis todo rasgado... Vinham, depois, as infecções — e um homem, mais tarde, só servia para fazer chichi...»

Vocês sabem, camaradas, o que são bairros de lata. A nossa pátria ainda os tem, perto das grandes cidades, com as crianças arrastando na lama a magra alegria das suas pernas. Surgem na linha da estrada, nas circunvalações dos subúrbios, implantados em veios de terra à semelhança de uma imagem reflectida por u m cérebro tortuoso... Tudo tão enrodilhado como um intestino abandonado na berma de coisa nenhuma. Eu já andei por eles, transformando-os em notícias, em momentâneas reportagens — e se era de Inverno vinha como os sapatos cheios de lama até ao lençol da noite, e se era de Verão vinha com a urina queimada dos seus habitantes pelo dia fora. E pensava: «Como é possível que homens, mulheres e crianças vivam na margem da vida...?»

A resposta funda a esta pergunta apareceu-me quando me perdi por entre os «alicerces» das barracas que os prisioneiros habitaram em Buchenwald. Através de fotografias (existentes no Museu do Campo), eu vi como os bairros de lata de todo o mundo explorado são afinal o reflexo da «construção» nazi. Os bairros de lata, onde quer que eles existam, são pura e simplesmente, através dos meandros de todas as serpentes monetárias, a imposição da discriminação, o pontapé para o lado, a voz SS que arruma os homens no afastamento para que não perturbem a faustosa digestão da sociedade que deles se alimenta. Há neste processo todo um canibalismo camuflado, macio, que unicamente dói quando um homem toma consciência dos arrumos arbitrários da ordem que o capital impõe como sendo a natural evolução das coisas. Mas não é: e precisamente porque não é, sucede que todo o florescimento (certo florescimento) tem de ser aniquilado, mastigado, extraído da face da terra, uma vez que entra em contradição, por natural, com tudo quanto é cruelmente artificial. Muitas vezes não se assiste ao banquete dos fortes sobre os fracos, parece haver até um entendimento entre os que abrem a boca e os que são engolidos, assim como um acordo que se tivesse estabelecido entre ambas as partes. Essa paz, só aparente, é já, no entanto, uma forma de opressão. Só com o decurso do tempo, e no beco absolutamente sem saída das contradições, é que os dentes trituradores se revelam, se exibem como razão falsasente suprema — e, então, o acto canibalesco concretiza-se ou num conflito localizado, ou numa guerra mais ou menos generalizada. Buchenwald é o osso que ficou de um desses actos de canibalismo: e quem como, nós, o tem nas mãos, e os observa, e o analisa, mesmo no tempo breve de uma tarde de Junho, não pode fugir ao ofício de ponderar que outras leis desde há muito se ergueram, límpidas e racionais, para termo das carnificinas que as harmonias artificiais exigem. Vamo-nos por este campo, pois, praticando um ofício, que é o de «agarrar», numa apreensão relativista, os destroços do acto de canibalismo que foi a II Grande Guerra. Que se não levantem vozes bradando contra coisas que só ilusoriamente pertencem ao passado, pois o levantamento de toda a crueldade, de todo o irracionalismo, será sempre a base das obras que nos unem dia a dia, e sem uma gota de sangue alheio que nos custe o sono ou manche a alegria do nosso tempo de vida.

Neste espaço que foi de barracas, e ao longo do qual estamos a evoluir por uma tarde de Junho, aglomeravam-se ainda, nos fins da guerra, mais de quarenta mil pessoas. Já com a Alemanha nazi derrotada, foram dali libertadas (recorde-se) cerca de vinte e uma mil. No começo da guerra... Passo a passo, vamos registando informações, ora de Genie, ora do pessoal encarregado de mostrar o campo, ora de um outro qualquer visitante que se junta a nós. São palavras em farrapos, como nuvens que saíssem da boca e da memória e nos vão cercando, cercando, cercando... É mais ou menos assim, uma voz e outra voz, e que se fume um cigarro para que o fumo ligue uma recordação a outra recordação:

«Quando em 1938 a «Noite de Cristal» se quebrou em mortos espantados, milhares de judeus foram transportados aqui para o campo. Os carcereiros exigiam-lhes preços altíssimos pela água e pelos alimentos mais rudimentares. Se um judeu confessava já não possuir um tostão, os carcereiros diziam-lhe: «Pede dinheiro aos outros!» Chegava um momento em que o judeu sem meios já não conseguia crédito junto dos seus companheiros, que estes também se tinham de alimentar, e, então, por um pouco de água recebida ou por duas batatas que lhe atiravam, o judeu pele e osso era moído de pancada... Este era, nesses primeiros tempos, o sistema económico de Buchenwald. Hoje, e sob outras formas, ainda há quem o sofra por esse mundo fora...»

«Lutando com a direcção SS, os prisioneiros conseguiram pequenas enfermarias no labirinto das barracas. Quem eram os médicos...? Os médicos prisioneiros. Quem os enfermeiros...? Os enfermeiros ali também detidos. Mas salvar a vida dos doentes e dos feridos implicava (quantas vezesá0 a morte de enfermeiros e médicos.... Sim, sim: os SS exigiam a recusa de quaisquer tratamentos a certos grupos de detidos... Que grupos...? Judeus, polacos, prisioneiros de guerra soviéticos. A verdade, no entanto, é que muitos soviéticos, polacos e judeus foram salvos graças a operações ousadas feitas com instrumentos concebidos pelos próprios prisioneiros, a medicamentos roubados aos SS, à comida de que os de pé abdicavam a favor dos que jaziam deitados na ferida, na febre, na insónia, no vómito, na merda...»

«Oh, as crianças! Vegetavam por entre os adultos, como ratos, os olhos maiores do que a boca... Era tudo tão vergonhoso, que prisoneiros mais corajosos, constituídos em delegações, tanto pediram, tanto reclamaram, que conseguiram dos SS que as crianças fossem todas reunidas num bloco separado...»

«Oh, os cavalos! Os cavalos (é assim mesmo...) foram obrigados a ceder as cavalariças aos prisioneiros... Apareceu então um espaço chamado «Pequeno Campo». Cada cavalariça era destinada a 28 cavalos... Pois bem: sem janelas, sem instalações sanitárias, cada cavalariça passou a albergar dois mil prisioneiros. Apertados na promiscuidade, muitos eram os que não dormiam: sonhavam com cavalos à solta pelos campos da pátria degradada... Já não riam: abúlicos, parados, relinchavam. Que sonho doido!»

«E havia também os cavalos que cantavam...»

«Os cavalos que cantavam?...»

«Isto era na pedreira. Um trabalho que, lentamente, ia matando os prisioneiros. Aliás, quando um detido era mandado trabalhar para a pedreira, logo os companheiros diziam uns para os outros: «Vieram ordens para que este morresse...» Ou se morria do esforço do trabalho ou devido a certos estratagemas que os SS punham em prática. O mais habitual, o estratagema mais eficiente, era carregar sobre um prisioneiro, chicote na mão, até que este se aproximasse da linha das sentinelas... estão a ver, não estão?... As sentinelas disparavam logo, não falhavam, e um homem ficava para ali, estendido... «Morto por tentativa de evasão» — diziam os SS. E a sentinela que não errara o alvo recebia um prémio: três dias de licença. Enfim... Fizesse o tempo que fizesse, os prisioneiros eram obrigados a extrair blocos de pedra manejando os instrumentos mais primitivos. Extraídos os blocos, tinham de os transportar, à força de braços, para as caixas de carga dos veículos pesados... Acreditem: era como na construção das Pirâmides... Havia um prisioneiro que se recusava?... Um prisioneiro que, totalmente fora de si, insultava os seus carrascos?... Pobre dele! Era então o poste... O homem, os braços atados atrás das costas, era suspenso — e o peso de todo o corpo era suportado só pelos ombros... Resultado: distorções articulares, paralisia dos membros, um frangalho... Outra tortura era o cilindro... O cilindro, o rolo compressor... Sob as ordens e os chicotes dos guardas, os detidos puxavam o cilindro no assentamento dos caminhos, os pés metidos no alcatrão, sempre atirados para a frente como máquinas de ferro... Depois, no meio disto tudo, o capricho... O capricho, a humilhação — e era assim: atrelavam os detidos a carroças carregadas de pesadas pedras, as cilhas lacerando a carne, e obrigavam-nos a andar cantando pelo caminho... **Aí vão os cavalos que cantam!** — bradavam os SS, especados, rindo, no múltiplo encontro de olhos febris, escravizados, passando aos pares, ombro a ombro, cambaleantes...»

Quem não entreteve já os olhos na chama que se ergue da lenha?... Ou (diminuta, dourada) na ponta de um fósforo?... Quem, enfim, não meditou o fogo?... Tu, camarada leitor, já algum dia meditaste o fogo?...

«Já.»

«E como foi que o meditaste?...»

«Com os olhos passando a chama.»

«Explica essas palavras tão poucas.»

«Tão pouco é, na verdade! Acendi um fósforo, foi só isso, e vi através da chama que...»

«Viste o quê?...»

«Vi que há um fogo interior, em cada um de nós, que chega para toda a gente. Era como se...»

«Era como o quê?...»

«Era como se as minhas ideias se inflamassem, se expandissem sem queimar ninguém em nenhuma parte do mundo, e acendessem o meu nome em toda a gente...»

«O teu nome?...»

«Aquilo que sou: o meu sangue, a minha mesa, a minha cama, a minha roupa, os meus sapatos... Tudo, enfim, que é o ar que me rodeia. O nome por que me chamam — e atrás do qual eu vou...»

... Quebra-se súbito o diálogo, a construção da frase, o verso que do fogo se vinha desenhando; e isso porque um outro fogo estala nos sentidos, torna em cinza a métrica do convívio, rouba à palavra a alegria das vogais. E é, camarada, camaradas, o fogo do forno crematório de Buchenwald. Alta chaminé que nos leva à pergunta «O que é?...» e à resposta «É o forno» — e logo a seguir nos mergulha na montagem de um sistema que o capital exigia para que o capital se pudesse reproduzir. Como última etapa na vida de um prisioneiro, o forno crematório pode bem ser considerado o símbolo dos que até à morte resistiam aos desígnios da Bolsa, origem profunda da guerra de 39/45. Os monopolistas, cuja política era totalmente (e como sempre) contrária aos interesses da nação, necessitavam de um regime que hostilizasse o povo. Para manutenção desse regime, socorreram-se de um sistema de ludíbrio e terror: assim, pois, financiaram como tufões, prodigamente, o Partido Nazi, cientes de que o terror e o ludíbrio, por sistemáticos, lhes trariam os mais amplos benefícios. «Guerra!» — ésta a aspiração dos monopolistas, braço dado aos nazis, braço dado aos oportunistas.

Mês após mês, foram-se sucedendo detenções em massa de adversários do regime hitleriano, procedentes de todas as camadas da população. Os primeiros golpes caíram sobre os comunistas. Depois... Bem —

Continua na pág. 4

Diário de Lisboa LER ESCREVER

A voz de Pavese

É belo escrever porque reúne duas alegrias: falar sozinho e falar a uma multidão.

Se conseguíssemos escrever sem uma emenda, sem um voltar atrás, sem um retoque — dar-te-ia ainda prazer? O belo é uma pessoa polir-se e preparar-se calmamente para vir a ser um cristal.

O realismo em arte é grego.
O alegorismo é hebraico.

Elegoria é todo o símbolo visto através da inteligência.

Dificuldade da arte: apresentar como surpresa coisas que bem conheces. Senão as conhecesses bem, não te interessarias tanto em tratá-las de modo a que surpreendem.

Felicidade da arte: tomar consciência de que a nossa maneira de viver pode ser a lei de um modo de expressão.

Hemingway é o Stendhal do nosso tempo.

Afirmaste que as normas, os estilos, a página escrita são uma realidade diferente da realidade vivida. É banal. Mas é uma nova dimensão. Não é que não se **exprima** nada ao escrever. Constrói-se uma nova realidade que é palavra.

Stendhal-Hemingway não descrevem o mundo, a sociedade, não dão a sensação de atingir uma ampla realidade interpretando por sua escolha e à-vontade — como Balzac, como Tolstoi, como etc. Possuem uma constante tensão humana que se resolve em situações sensório-ambientais recriadas com uma imediação absurda. Não saberiam reproduzir outras, ao contrário do que acontece com os acima mencionados. Sobre esta constante construíram uma ideologia, que é afinal de contas o seu ofício de narradores: a energia, a clareza, a não-literatura.

Flaubert escolhia um ambiente: eles não.

Dostoievski construía um mundo dialéctico: eles não.

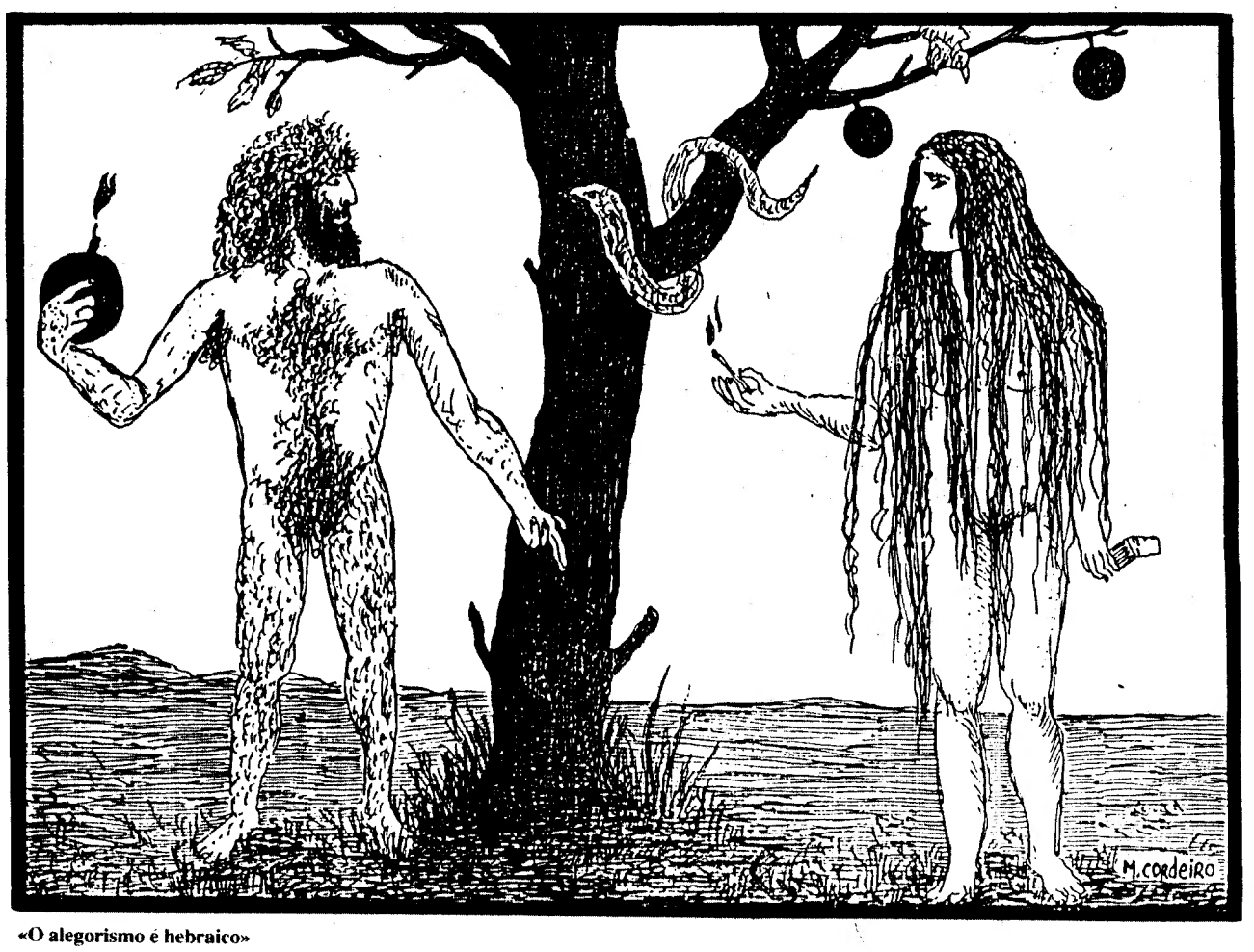
Faulkner estiliza atmosferas e cria mitos: eles não.

Lawrence interrogava uma esfera cósmica e expunha o que dela sabia: eles não.

São os narradores típicos na primeira pessoa.

Em suma, por que se deseja ser grande, ser génio criador? Para a posteridade? Não. Para circular no meio da multidão e ser apontado? Não. Mas sim para apoiar a fadiga quotidiana na certeza de que tudo o que fazemos vale a pena, é algo de único. Por hoje, não pela eternidade.

Os gregos criaram a representação teatral, os latinos a **literatura**. Os únicos narradores que os gregos tiveram foram os historiadores (Heródoto, Tucidites) e até Heródoto compunha para **ler** nas Olimpíadas. Homero era declamado, os líricos cantados, os trágicos representados, a oratória articulada e a filosofia discutida. Sempre a voz e o gesto.



«O alegorismo é hebraico»

Buchenwald: que nunca mais até às fezes

não eram só comunistas os que padeceram os deveres impostos pela dignidade nos campos de concentração. Era a gente, enfim, que aceita os postulados do racionalismo — e o racionalismo é sempre humanista. Como a ordem era desumanizar, todos, pois, para os campos. Os primeiros campos de concentração foram erguidos pelos SA. Em 1934, os SS controlavam todos os campos: Dachau, Sachsenhausen, Ravensbrück, Buchenwald... Um plano de morte a nível internacional ia-se concretizando sem a mínima contemplação: verdade, verdade, o imperialismo alemão preparava minuciosamente a II Guerra Mundial. A política belicista nazi assentava na corrida aos armamentos, na militarização da vida social, na eliminação dos combatentes pela paz, numa propaganda nacionalista desenfreada, etc. As primeiras vítimas foram aos antifascistas alemães. Mas já em 1938 chegavam também os campos de concentração detidos estrangeiros... A partir do começo do conflito, o número de prisioneiros aumentava todos os meses.

Atrás das tropas nazi**as**cistas, perfilavam-se os monopólios alemães, que logo se introduziam nos países ocupados para os explorar até à medula. Mão-de-obra, portanto, saqueada — e como, às tantas, se mostrava escassa, ou resistente, ou sabotadora, o regime nazi resolveu o contratempo servindo-se à força dos detidos, nomeadamente como operários nas fábricas de armamento. Nem um minuto de descanso: o horário de trabalho e o ritmo das operações terminavam unicamente no esgotamento físico. E enquanto os corpos desfeitos em fumo saíam pela chaminé dos fornos crematórios (como este, por exemplo, de Buchenwald), cresciam os lucros da serpente monetária cujos anéis se designavam por Flick, Krupp, Tyssen, IG-Farben, Siemens AEG, etc. O fascismo engrossa constantemente estes anéis através de encomendas de material de guerra — e um círculo vicioso rodopiava até ao estonteamento absoluto: quanto mais vasta era a guerra, mais material se tornava necessário, e quanto mais materal houvesse, mais a guerra se tornava vasta... Atente-se, para não nos perdermos nesta matemática sangrenta e canibalesca, em números da IG-Farben, cujas fábricas «empregavam» milhares de detidos. São números que dizem respeito a lucros, correspondentes a três períodos: 1932 (advento do nazi-fascismo), 48 milhões de marcos; 1937 (preparativos para a guerra e militarização da vida social), 231 milhões; 1943 (guerra aberta), 822 milhões.

Ouçamos também o chefe da Administração Central dos Serviços Económicos das SS, o SS-Obergruppenführer Pohl, quando em julgamento no Tribunal de Nuremberga:

«Em consequência da penúria de mão-de-obra, cada vez mais aguda, quase todas as empresas de armamento se dirigiam aos meus Serviços solicitando como operários os detidos nos campos de concentração... (...) Mesmo as empresas que se serviam já dessa mão-de-obra, me pediam constantemente novas remessas de prisioneiros...» — E Pohl, entre as empresas de armamento e outras que assim procediam, indicou a IG-Farben, Hermann-Goering-Konsen, Hugo Schneider AG (Hasag), Brabag e diversas firmas que se dedicavam à montagem de material aeronáutico. Agora — à tua consideração, camarada leitor: embora condenados no Processo de Nuremberga, por crimes contra a humanidade, estes mesmos monopólios continuam a manter hoje posições-chave na economia e no aparelho de Estado da República Federal da Alemanha, além de se terem implantado (via multinacionais) em diversos países... Como pode, pois, deter-se a nossa luta...? Como não ficar um homem indignado com o aluguer (que sob outras formas continua...) de centenas de milhares de detidos à indústria de guerra...? Só em 1944, as SS obtiveram com o aluguer de detidos de Buchenwald uma receita superior a 60 milhões de marcos. E hoje...? Hoje, detidos que ainda somos da engrenagem capitalista, quanto do nosso salário não contribui para o aumento de lucros que humilham toda a medida universal do homem que somos...?

...E quando um detido não rendia o suficiente como operário-escravo alugado, os monopólios reclamavam a sua substituição — e o detido regressava ao campo de concentração como um objecto totalmente inútil. Em Buchenwald, e salvo raras excepções, o destino era o forno crematório. Hoje, são as chamas escondidas da nossa própria autodestruição. Isto só compreende quem profundamente optou pela paz — e tão profundamente que até compreende aqueles que, inconscientemente, encolhem os ombros perante as linhas desta escrita tão corrida de tão sincera que é... Queridos irmãos enganados! Que de entre vós surja o claro leitor da realidade, tão racional como os meridianos, a linha do equador, o globo, e se integre no diálogo que o atira para os outros, mal o seu nome seja pronunciado. Eis:

«Tu, camarada leitor, já algum dia meditaste o fogo...?»

«Já.»

«E como foi que o meditaste...?»

«Com os olhos passando a chama.»

«Explica esss palavras tão poucas!»

«Tão pouco é, na verdade! Acendi um fósforo, foi só isso, e vi através da chama que...»

«Viste o quê...?»

«Vi que há um fogo interior, em cada um de nós, que chega para toda a gente. Era como se...»

«Era como o quê...?»

«Era como se as minhas ideias se inflamassem, se expandissem sem queimar ninguém em nenhuma parte do mundo, e acendessem o meu nome em toda a gente...»

«O teu nome...?»

«Aquilo que sou: o meu sangue, a minha mesa, a minha cama, a minha roupa, os meus sapatos... Tudo, enfim, que é o ar que me rodeia. O nome por que me chamam — e atrás do qual eu vou...»

Abandono o forno crematório (e nos meus olhos ficou para sempre a carreta metálica que impulsionava para as chamas os corpos dos prisioneiros) e vou ter com Alice e Genie, ambas na «Memória» dos polacos, a deporem flores, no ar azul duma tarde de Junho.

«Então...?» — perguntam.

Eu só digo: «É, é.»

E vamo-nos dali os três, demoradamente, deixando atrás de nós essa longa lembrança agora erigida em monumento contra a guerra. É, na verdade, um culto antibelicista que acabámos de percorrer. Um itinerário, enfim, que vai da «Estrada de Sangue» até à alta chaminé do forno crematório, passando pelo «Bunker», pelo terreiro da espera, pelo poste das torturas públicas, pelas barracas, pelas cavalariças, pela pedreira, pelo cilindro, pelas carroças dos cavalos cantantes...

Cerrando os olhos, vejo subitamente como tudo *aquilo* se projectou também na minha Pátria. Tomando de síntese, unindo todos os elementos, afastando uns, aproximando outros, vejo, por exemplo, como o nome de KATE se projecta em CATErina Eufémia, e como os tiros dos SS se projectam igualmente no corpo grávido da camponesa alentejana. Como todas as torturas, humilhações e mortes de Buchenwald se projectam, setas saídas de um mesmo sistema, nas mortes, humilhações e torturas dos calabouços da PIDE do Aljube, do Tarrafal... Como a ocupação nazi se projecta na guerra colonial portuguesa. Como um tiro, à queima roupa, se projecta igualmente numa rua de Lisboa («Há quem tombe por um rio-/Impetuoso e comum / Alcântara dos tiros cegos / Alcântara sessenta e um») — e como também se projectam em Buchenwald, num amplo gesto de libertação, os cravos encarnados do 25 de Abril de 1974... Mas quão difícil é o caminho dessa libertação! Acreditem, camaradas, que muitas vezes um homem que se há-de sentir perdido no meio *disto* tudo, e no labirinto asfixiante que leva à Revolução, e tão necessitado de tudo e de todos, tão sem pão que olhando os olhos da escuridão, triangulando entre as paredes de um quarto, ou no lajedo frio de um pátio, ou pelas ruas, uivará um «Que fazer?» de quilómetros, sem que o ar lhe traga qualquer resposta, qualquer sinal — e só o silêncio o vestirá dos pés à cabeça como se vivesse numa noite sem fim. Então o homem, dobrado no desespero, enrolado nas tripas, dará a si próprio uma resposta: *«Vou cagar!»* — E saí(?)torioso do excremento, passando o «buchenwald» que de maneira nenhuma é o seu lugar, e muito menos o seu destino.

(Capítulo do livro «RDA, IDA E VOLTA»)